

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

ANDREY GABRIEL SOUZA DA CRUZ

**“CARA GENTE BRANCA”: MASCULINIDADES NEGRAS,
REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS E PEDAGOGIAS CULTURAIS NA
NETFLIX**

MARINGÁ

2024

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

**“CARA GENTE BRANCA”: MASCULINIDADES NEGRAS,
REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS E PEDAGOGIAS CULTURAIS
NA NETFLIX**

Dissertação apresentada por **ANDREY GABRIEL SOUZA DA CRUZ**, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Kazuko Teruya

MARINGÁ
2024

FICHA CATALOGRÁFICA:

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C957c

Cruz, Andrey Gabriel Souza da

"Cara Gente Branca" : masculinidades negras, representações midiáticas e pedagogias culturais na Netflix / Andrey Gabriel Souza da Cruz. -- Maringá, PR, 2024. 169 f. : il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Kazuko Teruya.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Masculinidades negras. 2. Pedagogias culturais. 3. Negro - Série Netflix. I. Teruya, Teresa Kazuko, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teoria e Prática da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.08996

Jane Lessa Monção - CRB 9/1173

ANDREY GABRIEL SOUZA DA CRUZ

**“CARA GENTE BRANCA”: MASCULINIDADES NEGRAS, REPRESENTAÇÕES
MIDIÁTICAS E PEDAGOGIAS CULTURAIS NA NETFLIX**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Teresa Kazuko Teruya (orientadora) – UEM

**Prof^a. Dr^a. Megg Rayara Gomes de Oliveira- UFPR -
Curitiba**

Prof. Dr. Delton Aparecido Felipe – UEM

Data de Aprovação

14 de maio de 2024

Dedico este trabalho

à minha **mãe**, Maria Aparecida de Souza da Cruz e ao meu **pai**, Pedro Lopes da Cruz, na espera(nça) de que um dia entendam quem eu sou e o quão significativo para mim é poder gritar com minha escrita.

Dedico também à minha **irmã**, Jaqueline Souza da Cruz e meu **irmão**, André Diego Souza da Cruz, que acreditaram e acreditam em mim.

AGRADECIMENTOS

De acordo com a significação disponível pelo dicionário, “Agradecimento” é um substantivo masculino (até as palavras são generificadas), sobre a “Ação” ou “Efeito” de agradecer; reconhecer o bem-feito por alguém.

A vida que se constrói a partir de significações, é imersa em um frenesi de não apenas nomear tudo e todos, mas de encaixotar em significações, que por vezes, abreviam as formas de explicar o que se pode sentir.

Aqui, em uma mistura de sentimentos, emoções, ações e efeitos, expresso não apenas meus agradecimentos, mas compartilho partes de mim que se misturam com partes de muitas e muitos de vocês.

À Prof^a. Dr^a. Teresa K. Teruya, que antes mesmo de me conhecer, acreditou no meu potencial e com gentileza, empenho e cuidado, me lapidou durante o processo de mestrado.

À Prof^a. Dr^a. Megg Rayara de Oliveira, Prof. Dr. Delton Aparecido Felipe, Prof^a. Dr^a. Lua Lamberti de Abreu, Prof^a. Dr^a. Fernanda Amorim Accorsi e Prof. Dr. João Paulo Baliscei, que se misturam entre a banca de qualificação e a banca examinadora de defesa, me enxertaram com valiosas contribuições e encorajamento. Tenho a sorte de entre estes nomes encontrar exemplos, inspirações e possibilidades de ser e existir.

Às professoras e professores que tive a honra de partilhar tempo e saberes desde a mais tenra idade; àquelas e àqueles que me acompanharam durante as graduações e a Pós-graduação; Àqueles e àquelas que se tornaram amigos e amigas e seguem me inspirando e me incentivando a viver e sonhar.

Às amigas, aos amigos e familiares, que se fizeram presentes de diferentes formas, que foram suporte, alívio e acalanto durante a trajetória. Vocês serão eternas/os em minhas memórias, são minhas paixões.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para realização desta pesquisa: aos/as membros/as do Grupo de pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais (GPEMEC) e Grupo de pesquisa em Arte, Educação e Imagem (ARTEI); às/aos intelectuais que encontrei pelo caminho, nas paradas de ônibus, nas rodas de conversas e nos lugares inusitados que a academia não observa.

À Capes, pela bolsa durante toda a realização deste trabalho. Poder vivenciar a experiência de me dedicar aos estudos e a pesquisa durante estes dois anos foi algo grandioso.

CRUZ, Andrey Gabriel Souza da. “CARA GENTE BRANCA”: MASCULINIDADES NEGRAS, REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS E PEDAGOGIAS CULTURAIS NA NETFLIX, 169. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. TERESA KAZUKO TERUYA. Maringá, PR, 2024.

RESUMO

Na década de 60, movimentos feministas e LGBTI reposicionaram o masculino alocando-o como mais um objeto analítico na ciência, ação fundamental para a problematização destes corpos que se estabelecem como norma nas sociedades patriarcais e machistas. Assim, suscita-se a necessidade de pensar masculinidades no plural e em diversidade, como categoria interpelada por outros marcadores sociais, como raça e sexualidade. Os estudos de gênero então enfatizam que não se nasce sabendo performar os gêneros atribuídos, mas sim, aprende-se no decorrer do desenvolvimento e crescimento; nossas identidades raciais também são experienciadas e ensinadas a partir das interpelações sociais cotidianas. Desta forma, esta dissertação analisa masculinidades, com ênfase no recorte racial em negritude, problematizando como os marcadores sociais que compõem identidades masculinas, direcionam narrativas, vivências e representações. Tenho por objetivo a análise entre a pluralidade de personagens negros masculinos da série “Cara gente branca” (2017), discorro sobre a recorrência ou não de narrativas que apresentem homens negros interpelados por violências e atrelados a certa obrigatoriedade de perfeição. Questiono se produções midiáticas podem apresentar e consequentemente ensinar formas outras de masculinidades negras para além dos estereótipos recorrentes. Embasado pelos Estudos Culturais, Estudos da Cultura Visual, e aos Estudos das Masculinidades, de Raça e Gênero, discuto as possibilidades e os impactos das representações dispersas pelas mídias no que tange a construção de masculinidades negras, destrinchando e vislumbrando categorias com Políticas da Masculinidade ou para além delas, em um caminho metodológico que organiza-se com um conjunto de procedimentos analíticos que orienta as investigações visuais, denominado PROVOQUE. A dissertação é sistematizada para dialogar sobre a construção identitária de masculinidades negras e o teor político e educativo das imagens e mídias como pedagogias culturais. As análises dos três personagens cisgêneros masculinos negros da série, Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks, apresentam narrativas outras que tangem estereótipos. Caminho pela relevância da pesquisa, o aporte teórico e metodológico, com a conceitualização de interseccionalidade e atravessamentos identitários, focando raça e masculinidades intercruzando as análises dos três personas. Conclui que a produção midiática atua como pedagogia cultural ao ensinar e apresentar possibilidades de ser masculino negro para além dos estereótipos que tocam raça e gênero.

Palavras-chave: Masculinidades negras. Pedagogias culturais. Cara gente branca. Negro. Série.

CRUZ, Andrey Gabriel Souza da. "DEAR WHITE PEOPLE": BLACK MASCULINITIES, MEDIA REPRESENTATIONS, AND CULTURAL PEDAGOGIES ON NETFLIX, 169. Dissertation (Master's in Education) – State University of Maringá. Advisor: Prof. Dr. TERESA KAZUKO TERUYA. Maringá, PR, 2024.

ABSTRACT

In the 1960s, feminist and LGBTI movements repositioned masculinity, allocating it as another analytical object in science, a crucial step in problematizing these bodies that establish themselves as norms in patriarchal and macho societies. Thus, it raises the need to think of masculinities in the plural and in diversity, as a category interpellated by other social markers such as race and sexuality. Gender studies then emphasize that one is not born knowing how to perform assigned genders; rather, it is learned throughout development and growth. Our racial identities, too, are experienced and taught through everyday social interactions. Thus, this dissertation analyzes masculinities, with an emphasis on the racial cut in blackness, problematizing how the social markers that compose masculine identities direct narratives, experiences, and possible representations for individuals. My objective is to analyze the plurality of black male characters in the series "Dear White People" (2017 - first season), discussing the recurrence or not of narratives that present black men interpellated by violence, linked to a certain obligation of perfection. I question whether media productions can present and consequently teach other forms of black masculinities beyond recurring stereotypes. Based on Cultural Studies, Visual Culture Studies, and Studies of Masculinities, Race, and Gender, I discuss the possibilities and impacts of representations dispersed by the media regarding the construction of black masculinities, dissecting and envisioning categories with Masculinity Politics or beyond them, in a methodological path organized with a set of analytical procedures that guide visual investigations, termed PROVOKE. The dissertation was systematized to dialogue about the identity construction of black masculinities and the political and educational content of images and media as cultural pedagogies. The analyses of the three black male cisgender characters from the series, Lionel Higgins, Reggie Green, and Troy Fairbanks, present alternative narratives that touch upon stereotypes. I walk through the relevance of the research, the theoretical and methodological contribution, followed by the conceptualization of intersectionality and identity crossings, focusing on race and masculinities intersecting the analyses of the three personas. I conclude that media production acts as cultural pedagogy by teaching and presenting possibilities of being a black male beyond stereotypes related to race and gender.

Keywords: Black masculinities. Cultural pedagogies. Dear White People. Black. Series

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. “A CULTURA TEM O PODER DE DIZER O QUE SE PODE OU NÃO SER” - ESTUDOS CULTURAIS EM SEUS DESDOBRAMENTOS.....	35
1.1 Os Estudos Culturais.....	39
1.2. Cultura visual.....	56
2. ONDE ESTÃO AS INTERSECÇÕES? VOCÊ NÃO É APENAS UM HOMEM NEGRO, É UM HOMEM NEGRO GAY.” - INTERSECÇÕES E IDENTIDADES.....	78
3. “A MENOS QUE SEJA NEGRO[...]” - QUANDO A PELE GRITA: DISCUSSÕES SOBRE RACIALIDADE E NEGRITUDE.....	93
4. É TUDO SOBRE “PODER, SUCESSO, PORTE FÍSICO E SEXO” - A QUE GÊNERO SE PRESTA?.....	120
5. “SE AUMENTARMOS NOSSA NEGRITUDE, ELES VÃO AUMENTAR AS MENTIRAS DELES” - ESCOLHENDO POR QUAL LENTE OLHAR.....	148
CONCLUSÃO.....	162
REFERÊNCIAS.....	165



Fonte: Imagem produzida por Inteligência Artificial (Seaart.ai) a partir de comandos específicos, descrição de imagem e referência fotográfica dos personagens da série “Cara Gente Branca”. De forma sequencial (da esquerda para a direita), as figuras representam Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks.

INTRODUÇÃO

*Era uma vez
João
João ninguém tinha pele da cor
Considerado, parceiro, tinha família, era trabalhador
Deu um beijo nas crianças e saiu na madrugada pra
Trabalhar
Mas ele lá não chegou, o bicho pegou
e E rolou papapa*

*Pa pá para que tá vindo o caveirão
Pa pá que mochila é essa ai negão?
Pa pá bota a mão pra trás deita no chão!
Pa pá e lá vai João no camburão
Pa pá para que tá vindo o caveirão*

(Canção João Ninguém - de Lucas e Orelha - part. Mih, de 2020)

“Preto parado é suspeito, correndo é ladrão”. Essa e tantas outras expressões racistas e frases problemáticas me acompanham desde a mais tenra idade. O que pode e deve ser entendido como ações ofensivas, tomam contornos diferentes a depender de quem as profere. Não sei ao certo a primeira vez que ouvi tal frase vindo de minha mãe, uma mulher preta, sensível, resiliente, amorosa, que por inúmeros motivos fora privada do acesso à educação, com baixa escolaridade, mas muito conhecimento de vida; esta mulher que descreve com características pessoais e sociais, tem driblado as investidas constantes de uma sociedade racista e misógina há mais de 5 décadas, sendo capaz de criar sua filha e seus filhos (1 mulher preta e 2 homens pretos) e construir ao lado de um homem preto uma configuração familiar.

A expressão problemática enfatizada por minha mãe, interpelou não apenas a minha existência, como também as vivências de minha irmã e meu irmão, ambos mais velhos. A sabedoria e as estratégias de sobrevivência que Maria Aparecida de Souza da Cruz, minha mãe, mulher negra, tem aplicado desde a sua e nossa infância, nos fizeram compreender cedo também as formas limitantes e estereotipadas das quais somos e seremos lidos em sociedade. “Evite correr se estiver atrasado!”, logo, nunca esteja atrasado! “Evite ficar parado muito tempo em um lugar esperando algo!”, pois “preto parado é suspeito, correndo é ladrão”. “De modo algum eu saia de casa sem documento, pois até explicar que focinho de porco não é tomada, você já apanhou da polícia”, em outras palavras, não dê margem para ser visto como “João Ninguém” já tendo a pele da cor. A pesquisadora, psiquiatra e psicanalista afro-brasileira Neusa Santos Souza¹ (2021, p. 115), exprime que “[...] no Brasil, nascer com a pele preta e/ou caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação

¹ Na primeira citação de autoria e referência teórica, tenho um posicionamento político de evidenciar gênero e nacionalidade daquelas/es que fundamentam esta dissertação, para que possamos descentralizar o imaginário de que corpos produtores de saberes são sempre masculinos e europeus/estadunidenses. Por uma questão de cuidado, em alguns casos, não evidenciei a racialidade das pesquisadoras/es, mas incentivo a busca de suas imagens para corporificar saberes em corpos distintos. No decorrer do texto, as/os citadas/os contarão também com breve descrição para melhor apresentação. Sendo assim, ressaltamos então Neusa Santos Souza, mulher negra cis, estudou medicina e psicologia, foi psicanalista, cronista e articulista em jornais e revista, pesquisando e dialogando sobre a vida emocional da população negra e combate a discriminação.

racial não organizam, por si só, uma identidade negra.”, para a autora, tornamo-nos negro na tomada de consciência, todavia, uma tomada de consciência que permeia a contemplação das mazelas e “peculiaridades” que atingem nossos corpos. Os discursos ditos pela minha mãe, são os mesmos de muitas mães, pais e responsáveis negras/os que criam pessoas negras.

Ter a identidade limitada a posições abjetas, faz com que muito cedo, pessoas negras, e em certa medida, demais identidades tidas socialmente como dissidentes², ainda que talvez não de modo consciente e bem elaborado, entendem a necessidade da tentativa de excelência em tudo que desempenharem como forma de ajustamento às expectativas hegemônicas que exclui nossos corpos de postos positivados. Como “estratégias de sobrevivência” em tais sociedades racistas, patriarcais, classistas, LGBTIfóbicas³ e tantas outras opressões advindas da hegemonia, em nossas existências abjetas e repudiadas, buscamos formas de “compensar” os estereótipos e driblar os atravessamentos limitantes e violentos que nos perseguem, como nos leva pensar a pesquisadora brasileira Megg Rayara Gomes de Oliveira⁴ (2020), primeira travesti negra doutora do Brasil.

A construção da ideia de diferença na pós-modernidade, ancorada em significativos marcadores sociais, estes sendo “sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais.” (Zamboni⁵, 2014, p. 13), faz com que a anunciação da pluralidade de existências não seja aplaudida e festejada, mas sim denunciada como ponto de partida para a hierarquização dos corpos. Para o

² Torna-se válido enfatizar que nem toda dissidência é interpelada pelos mesmos pesares e exigências, haja vista que determinados corpos dissidentes encontram a possibilidade de “mascarar” seus marcadores negativados para o acesso e enquadramento na normatividade social. Como por exemplo homens brancos gays, que podem performar ou tentar enquadramentos normativos quando necessário.

³ Uso aqui o acrônimo na seguinte configuração: LGBTI. Com base na pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus, entendo a pertinência de detalhar o significado do acrônimo que se soma ao sufixo fobia, ao evidenciar e denunciar as violências que atravessam tal grupo de pessoas em sociedade, para tornar mais objetivo o entendimento sobre de quem estou me referindo. É válido ressaltar também que o acrônimo inclui categorias distintas, sendo orientações sexuais e identidades de gênero. De forma sequencial, LGBTI refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/trans/travestis e intersexuais.

⁴ Travesti negra, brasileira, com estudos em Educação Antirracista, Gênero, Sexualidade, Relações Raciais, Arte Africana e Arte Afro-brasileira. Professora Doutora Megg Rayara Gomes de Oliveira é também professora adjunta no setor de educação e professora no Programa de Pós-graduação em educação na Universidade Federal do Paraná.

⁵ Homem branco brasileiro, Doutor em Antropologia Social pela USP (2020) e pesquisador vinculado ao NUMAS - Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença.

britânico-jamaicano Stuart Hall⁶ (2020, p. 11), são os nossos múltiplos contatos que evocam nossas diferenças e criam “outros/as”. Nossa identidade “[...] torna-se uma celebração-móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais” e pelos nossos contatos. Em sociedades estratificadas, os marcadores identitários são tomados a serviço da construção de narrativas “privilegiantes” ou “desprivilegiantes”, valorativas e/ou estratificadoras.

A pesquisadora brasileira Maria Aparecida Bento⁷ (2021, p. 47), tratando sobre a estruturação das identidades raciais, em específico sobre negritude e branquitude, evoca como brancos europeus, criaram sua identidade utilizando como contraste povos africanos, “A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão.” A funcionalidade do/a outro/a é primeiro para a apresentação do “eu”, e posteriormente para ser depósito de tudo aquilo que querem expurgar de si próprio, para assim valer a dominação, assim, cria-se o ser inferior, o abjeto e desprezível.

A peruana Victoria Santa Cruz⁸ (1922-2014), em sua poesia “Me Gritaron Negra” (1960) - título original em espanhol, questiona: “O que é ser negra?” após ser evocada como tal. A narrativa poética apresenta um caminho de negação do eu lírico perante a apresentação de crueldades a qual seu corpo negro estaria sujeita/o. Uma tentativa de camuflagem e invisibilidade, ressalta Oliveira (2020), são ferramentas utilizadas na narrativa de Victória Cruz (1960) até encontrar motivos de orgulho perante sua racialidade. A trajetória poética de Cruz (1960), pode ser entendida com as contribuições do

⁶ Homem negro, britânico-jamaicano, teórico cultural, considerado um dos fundadores dos estudos culturais. Suas pesquisas abrangem questões quanto a identidades, etnia, raça e mídia, explorando como a cultura e a sociedade se inter-relacionam.

⁷ Mulher negra, ativista, psicóloga e Doutora em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Referência nos estudos sobre branquitude no Brasil, com estudos nos campos sobre relações entre raça, racismo, psicologia, discriminação no trabalho, administração de recursos humanos e Preconceito.

⁸ Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra (1922-2014), mulher, afro-peruana, latino-americana, pensadora, multiartista (coreógrafa, dramaturga, poeta, desenhista e compositora), com estudos pela Universidade de Teatro das Nações e Escola Superior de Estudos Coreográficos em Paris e uma das criadoras do grupo Cumanana, integrado inteiramente por artistas negras/os.

estadunidense Douglas Kellner⁹ (2001), que expressa como o ocidente estruturou-se hegemonicamente por intermédio da construção de um corpo constituído de norma, o padrão que angaria universalidade e totalidade de positividade, um corpo branco masculino, hierarquicamente no topo a nível de classe social, gênero, sexualidade (heterossexual), raça e geografia/territorialidade (Kellner, 2001). Todas “outras” existências, distante em totalidade ou em alguns aspectos da norma, passam a experimentar da vida com atravessamentos opressivos em intensidades diversas.

Visando entender e problematizar como os marcadores sociais direcionam narrativas e vivências aos indivíduos, com ênfase em trabalhar atravessamentos e intersecções de gênero e racialidade, esta dissertação desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Estadual de Maringá, contemplada com uma bolsa do CAPES, tem como objetivo analisar os enredos e narrativas elaboradas para representação de masculinidades negras, evidenciando em quais lugares e histórias, a mídia têm alocado tais corpos “dissidentes”. Será que de algum modo as produções audiovisuais seguem naturalizando o esforço em demasia e o discurso de superação para pessoas negras como única alternativa para a ascensão? É possível conceber e contemplar outras e novas representações que possibilitem o imaginário e a vivência de vidas ordinárias, sem a recorrência de narrativas cruéis que se ancoram exclusivamente nas mazelas oriundas de dissidências (racialidade e sexualidade)? Os questionamentos afunilam e direcionam o problema de pesquisa: Produções midiáticas podem apresentar e consequentemente ensinar formas outras de masculinidades negras para além dos estereótipos recorrentes, materializando representações positivadas?

Para tanto, constituímos a pesquisa tomando a série estadunidense “Cara gente branca” (2017-2021), disponibilizada pela plataforma de streaming *Netflix*, como artefato cultural, com potencial pedagógico para a análise cultural ancorada na abordagem semiótica e discursiva, entendendo que assim como o discurso, a narrativa e a história englobam potencialidade analítica para a discussão cultural, a visualidade, a composição de cena e as imagens também. Discorro especificamente sobre três personagens masculinos

⁹ Homem, branco, estadunidense, professor no campo da Filosofia pela Universidade do Texas, Austin, Estados Unidos, com estudos focados na teoria crítica.

negros, Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks (representados sequencialmente pela ilustração gerada por Inteligência Artificial na imagem que inaugura a introdução). Contemplo e abordo como as narrativas fílmicas/seriadas que apresentam homens negros, hodiernamente, têm se estruturado sob uma linha tênue.

Compreendendo que os discursos dispersos pelas produções podem funcionar com operações diversas sobre o público, ora sendo uma espécie de denúncia das mazelas vividas e experienciadas por tais grupos representados, ora aprisionando estes personagens negros, e o público consumidor que com eles se identificam, em narrativas estereotipadas, simplistas, limitados a histórias de exemplos de superação, força e determinação. Trajetórias que nos cercam (pessoas negras) da obrigatoriedade de uma conduta sem falhas e mais elevada a de pessoas brancas (com ênfase nos corpos que performam a norma, homens). Criando e firmando um entendimento passivo de que o sofrimento e a luta árdua é a única alternativa para que alcancemos minimamente os mesmos espaços que corpos brancos, não estigmatizados no social, ocupam.

Em uma perspectiva que problematiza os discursos culturais e as imagens dispersas pelas mídias, analiso como os enredos seriados e fílmicos que apresentam corpos negros em uma luta árdua e desgastante contra as diversas as opressões que os(nos) atravessam e se imbricam entre os marcadores sociais que os(nos) constituem, podem cair no vício de serem interpretadas como histórias únicas, como ressalta a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie¹⁰ (2019), uma limitação de narrativas para os corpos. A recorrência dos mesmos enredos, embora diversas vezes terminem em sucesso, materializam e indicam o caminho penoso como única alternativa viável, mesmo que extremamente violenta e cansativa.

Ainda que parte das produções que circundem as possibilidades supracitadas sejam pensadas e encabeçadas por pessoas negras, pergunto: até que ponto há positividade nas representações de negros que vivem em função da busca pela perfeição? Que de fato se mostram e são apresentados como indivíduos elevados, destemidos e capazes de romper com tudo. Com delimitação das masculinidades negras, indago: Entre a dor e a força dos

¹⁰ Mulher negra, nigeriana, escritora com mestrado em Escrita Criativa pela Universidade Johns Hopkins e mestrado em História Africana pela Universidade de Yale ativista. Suas produções exploram temas como identidade, gênero, política e cultura africana.

homens negros, há possibilidade de narrar histórias e vivências ordinárias? Enredos de vidas comuns e ordinárias, que nos permitem sonhar sem o importuno atravessamento da cobrança em demasia, da necessidade de excelência, impossibilidade do erro e árduo caminho para alcançar positividade no social. Vislumbro histórias de jovens que sofrem pela nota ruim tirada na graduação, pelo medo de como será a vivência na pós-graduação, e não pela inferiorização de quem são decorrentes suas racialidades e sexualidades.

As obras de artistas negros que são abertamente políticas e radicais, raramente são associadas a uma política cultural de resistência. Quando transformadas em commodities, é fácil para os consumidores ignorar a mensagem política. E ainda que um produto como o rap articule narrativas sobre alcançar uma consciência política crítica, ele também explora estereótipos e ideias essencialistas de negritude (como as de que pessoas negras têm um ritmo natural ou que são mais sexuais). (hooks, 2019, p. 86)

Com bell hooks¹¹, atento-me ao fato de que, por vezes, a ação denunciativa presente em produções culturais encabeçadas por pessoas negras, pessoas LGBTI e outros grupos minoritários¹², se voltam “contra” os/as produtores/as. De modo algum invalidando ou desprezando os espaços conquistados por grupos minoritários para narrarem-se de outras perspectivas, mas sendo incisivo em desejar o ordinário também, a leveza, em um desejo que perpassa pela vontade de ser representado como rei/governante de Wakanda, país fictícia do blockbuster da Marvel, Pantera Negra. O país africano fictício majoritariamente negro apresenta-se na narrativa como o mais bem desenvolvido do mundo, em ciência, tecnologia e preservação da ancestralidade. Almejo a representação ordinária de como um jovem simples e sonhador construindo seus caminhos na universidade, na vida afetiva e afins.

Minha hipótese, utilizando a primeira temporada da série “Cara gente branca” (2017), é de que a produção midiática, embora apresente momentos de pesares e denúncias de vivências negras em pluralidade, pode operar como pedagogia cultural ensinando e

¹¹ Mulher negra, afro-estadunidense, pesquisadora, escritora e ativista social. Entre suas produções e mais de 30 livros trabalha interseccionalidade, feminismo, raça, classe, cultura, patriarcado e masculinidades; sendo os dois últimos pontos destaque em suas produções, deixando um legado de pesquisa e análise crítica sobre opressões e o patriarcado supremacista branco, promovendo um feminismo inclusivo e antirracista.

¹² Torna-se válido enfatizar que quando anunciamos “grupos minoritários” e “minorias” não adentramos ao campo quantitativo/numérico, fala-se aqui de minorias políticas, que encontram-se à margem das reivindicações políticas e sociais.

apresentando outras possibilidades de ser masculino e negro. Com representações que rompem estereótipos recorrentes que tocam raça, gênero e sexualidade. Me benefico da possibilidade de analisar entre a diversidade de narrativas com três personagens, Lionel Higgins, interpretado pelo estadunidense DeRon Horton (1992 --), Reggie Green, vivido por Marque Richardson Jr. (1985 --), ator estadunidense, e Troy Fairbanks, encenado pelo estadunidense Brandon P. Bell (1985 --), homens negros, representados sequencialmente na figura 1 a seguir:

Figura 1: Composta por 3 *Print Screens*.



Fonte: *Print Screens* do primeiro episódio da série “Cara Gente Branca” (2017 – Primeira temporada), referente as minutagens aproximadas entre 27’35”, 25’35” e 14’20” localizados na plataforma de *streaming Netflix*. Temos respectivamente os personagens Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks.

Para verificar a minha hipótese e melhor fundamentar as provocações, estabeleci como objetivo geral: Analisar entre a pluralidade de personagens negros masculinos da série “Cara gente branca” (2017 - primeira temporada), a recorrência ou não de narrativas que estabelecem homens negros interpelados por violências, atrelados a “certa obrigatoriedade” de perfeição e “não fracasso” como estratégia de sobrevivência ao racismo e demais opressões.

O objetivo geral, desdobra-se em outros três específicos, que buscam: compreender a utilização dos discursos, das imagens e das representações midiáticas como artefatos culturais com teor pedagógico e político, podendo serem usados para manutenção do *status quo* ou sua desestabilização com base nos Estudos Culturais e os Estudos da Cultura Visual; Apresentar e embriar a políticas da masculinidade com categorias outras, como as masculinidades negras; e examinar as construções imagéticas das masculinidades negras utilizando dos três personagens selecionados da série “Cara gente branca” (2017), em sua primeira temporada, apresentando aproximações e distanciamentos com estereótipos que recaem sobre homens negros.

Os atravessamentos e as aproximações com o tema proposto nessa dissertação, tornam-se evidentes ao passo que lembro não apenas minha infância e adolescência, mas o tempo presente, a sina que me persegue sendo corpo minoritário atravessado por interseccionalidades que tangem raça, gênero e sexualidade, a busca impossível pela perfeição e o lidar com vivências dolorosas. Como ressalta Oliveira (2020), uma performance que se torna recorrente entre pessoas negras, de almejar e se colocar na busca pelo posto de melhor estudante da sala, para assim, tentar esquivar-se das opressões. Performance esta que sobrecarregam a negritude, que nos empurra a viver em uma constante tentativa de driblar as expectativas que fadigam, sejam elas positivas ou negativas, “Chama-se a isto o fardo do homem negro, e gostaria de poder escapar-me dele [...]” (Hall, 2023, p. 183. A necessidade de perfeição, não por um apreço, mas como uma estratégia de escapar dos estereótipos e das visões racistas que nos interpela. “Não ser suspeito”, mesmo sendo alvo preferencial das acusações; “não ser ladrão” acusado por aqueles/as que me roubam a dignidade de ser humano; “não ser mediano”, pois ainda na tentativa de ser excelente, somos rebaixados. A penosa trajetória que interpela muitas pessoas negras, apresenta-se basicamente como uma tentativa de humanização, Souza (2021, p. 46) expõe que “[...] o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de ‘tornar-se gente’.”, seja tomado ou imposto, a branquitude têm estabelecido critérios de aceitação e acessos.

Trazendo novamente o recorte de gênero, com as masculinidades, indago o quanto às masculinidades negras são empurradas para se constituírem apenas entre a dualidade da

criminalidade e da superação/excelência, Como nos apresentam com frequência as mais diversas produções midiáticas. Tendo o desprezível, abjeto e repudiado de um lado, sendo tudo aquilo que fora enraizado no imaginário social coletivo sobre corpos negros; e o “Super-homem”, forte, destemido e (re)existente do outro lado, sendo aqueles que não choram pelas investidas do racismo, que encaram a realidade a qual somos/fomos alocados com determinação para superar as adversidades (que outros/as nos impõem.).

Indago o que me/nos cabe enquanto homens negros, e quanto da minha/nossa humanidade é retirada no intercruzar dos marcadores. Quando sentimentos e o chorar não cabe a masculinidade, muito menos encontraria espaço em homens negros. Pois ao criminoso e desprezível, estereótipos recorrentes sobre masculinidades negras, não vale lamentações, ao “super-homem” forte e guerreiro, não há espaço para “fraquezas” e a todos estes, corpos masculinos vivendo em sociedades patriarcais não são permitidas lágrimas.

Minhas dores que por muito tempo pareceram individuais, ganham parceiros e parceiras que narram, pesquisam e produzem sobre as mesmas feridas e cicatrizes, bell hooks (2017) esboça o quão árduo é nomear e teorizar a partir das nossas dores, e focar ser “[...] grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio de mapear novas jornadas teóricas.” (hooks, 2017, p. 103), em unísono com a autora, agradeço aquelas/es que por intermédio de seus escritos, não permitiram com que eu me sentisse só.

A escritora brasileira Conceição Evaristo¹³ (2016, p.11), em “Olhos d’Água”, seu livro de contos, expressa-nos que “Escrever é, certamente, uma maneira de sangrar”. Escrever uma dissertação que atravessa minha subjetividade e identidade em múltiplos aspectos e intersecções, é escolher pintar de vermelho páginas ao invés de ruas, vielas, casas e tantos outros lugares que foram inundados de sangue daqueles e daquelas taxados

¹³ Mulher negra, escritora, poeta e acadêmica brasileira. Sendo uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea em suas obras aborda temas como raça, gênero, classe e a diáspora africana, trazendo foco às experiências e vivências negras, especialmente a de mulheres negras, cunhando o termo "escrevivência" para descrever sua abordagem literária. Em 2024 tornou-se a primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras.

de dissidentes, corpos estes que não puderam escolher entre viver, pois de maneira arbitrária e estrutural, tiveram suas vidas ceifadas e seu sangue derramado.

Os dados do Atlas da Violência 2021, indicam que os corpos mais assassinados em nosso país, foram de pessoas negras, sendo “77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2.”. Estes dados evidenciam que a probabilidade de uma pessoa negra ser assassinada “é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra.¹⁴” (Cerqueira, 2021, p. 49). No ano 2017, a ONU Brasil, trazia a público informações alarmantes sobre o extermínio da população negra, pois a cada 23 minutos uma pessoa negra morria em nosso país. Entretanto, esses dados, aparentemente, não causam indignação e comoção de uma boa parte da sociedade, uma vez que ainda percebo mais manifestações de abalo e comoção diante da morte de jovens brancos do que jovens negros, quiçá a naturalização do corpo negro ensanguentado ou desumanização de nossas identidades.

O pesquisador brasileiro e atual Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida¹⁵(2019, p. 63), questiona em sua produção o: “Por que nos causa a impressão de que as coisas estão 'fora do lugar' ou 'invertidas' quando avistamos um morador de rua branco, loiro e de olhos azuis ou nos deparamos com um médico negro?”, a pergunta elaborada por Almeida (2019), pode ser ampliada e realocada em diversas situações, suscitando outras questões, pelas quais as mortes de pessoas brancas ocasionam maiores sustos, choques e até revoltas na sociedade do que as mortes de pessoas negras.

E longe de dar brecha a um entendimento errôneo que possa levar-nos a compreensão de que aqui estou desejando ou instigando a morte, a evoco apenas como mais uma das consequências da estruturação de uma sociedade estratificada e hierarquizada pelos marcadores sociais que carregamos. Como afirma o historiador

¹⁴ Entendemos que a utilização da expressão “não negra” pode reduzir a nomeação de corpos específicos que podemos adjetivar em seus marcadores, todavia, para não comprometer ou violar a citação direta do autor selecionado, nesse momento, deixaremos a expressão como fora dada e salientando que em outras citações, a expressão há de aparecer.

¹⁵ Homem negro, jurista, filósofo, professor, e escritor brasileiro. Doutor em Direito pelo Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco), com pesquisas e contribuições no debate sobre direitos humanos, racismo, e filosofia do direito no Brasil. Entre suas obras, destaca-se o livro "Racismo Estrutural", que oferece uma análise profunda do racismo como parte integrante das estruturas sociais, políticas e econômicas.

camaronês Achille Mbembe¹⁶ (2021, p.18), “[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, ‘este velho direito soberano de matar’.”.

Escrevendo infelizmente imerso em sangue, somos transportados à segunda semana de agosto de 2023, em que uma “operação policial” no Rio de Janeiro, mais uma vez comprovou a triste realidade apontada pelos dados do Atlas da Violência de 2021 supracitado. Redes sociais como Instagram e X (anteriormente nomeado como Twitter) foram tomadas por uma foto compartilhada em grande escala que evidenciava três crianças/adolescentes em prantos. O motivo era Thiago Menezes Flausino, de 13 anos, que morreu (fora assassinado) baleado na Cidade de Deus, na Zona Oeste do Rio, na madrugada de segunda-feira, dia 7 de agosto. O tiro que ceifou a vida da criança negra, fora disparado pela instituição que carrega um discurso de segurança e proteção da vida, a Polícia Militar, que perante o fatídico episódio, flerta em 3 versões diferentes do ocorrido. Com a apuração do caso e o desenvolvimento das investigações decorrentes das denúncias ao Ministério Público, os quatro policiais foram indiciados e Corregedoria da Polícia Militar pediu a prisão preventiva dos envolvidos, entre os crimes apontados estão fraude processual, prevaricação, omissão de socorro e abuso de autoridade.¹⁷

A recorrência de notícias como a de Thiago Flausino, não pode e muito menos deve tornar-se justificativa para a apatia da sociedade brasileira perante o massacre da população negra, e aqui enfatizamos crianças negras. Os resultados do 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, em 2021, “[...] foram 7 crianças ou adolescentes vítimas da violência letal por dia no Brasil.” (FBSP, 2022, p. 17). Samira Bueno e Renato Sérgio de Lima, responsáveis pela coordenação do 16º Anuário, trazem alocado na categoria Mortes Violentas Intencionais, os episódios decorrentes de intervenção policial, entre outros, bem como pontuam as racialidades dessas crianças e adolescentes que têm a

¹⁶ Homem negro, camaronês, intelectual, filósofo e cientista político. Com pesquisas que tangem o “pós-colonial”, Mbembe investiga nos campos das ciências sociais, história e política africanas sobre poder e violência.

¹⁷ Leia mais em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/24/pms-envolvidos-na-morte-de-jovem-na-cidade-de-deus-sao-indiciados-por-fraude-processual.ghtml> Acesso em 18 de Mar. de 2024. É válido ressaltar também o repúdio a constante nomenclatura identitária atribuída a Thiago ao longo da reportagem, por vezes Thiago é chamado de “jovem”, o que me parece uma tentativa de envelhecer e amenizar o assassinato de um adolescente, haja vista que tinha 13 anos quando fora morto, e segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, dos 12 aos 18 anos, o indivíduo é caracterizado como adolescente.

vida abreviada. Entre as crianças, 66,3% das vítimas são negras e 31,3% brancas. Entre os/as adolescentes, contudo, essa hiper representatividade de vítimas negras salta para espantosos 83,6%”. (FBSP, 2022, p. 17).

A pesquisadora brasileira Carla Akotirene¹⁸ (2019), uma de nossas referências para se pensar em interseccionalidade, expressa que os atravessamentos raciais que interpelam infâncias, tocam suas/seus responsáveis, enquanto mães, pais, criadoras/es.

[...] enquanto mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas, que confessional e militarmente matam e deixam morrer, contrariando o discurso cristão elitista-branco de valorização da vida e contra o aborto - que é um direito reprodutivo. (Akotirene, 2019, p 22)

Enquanto observo as narrativas policiais perante inúmeros casos de assassinatos da população negra, penso nas palavras da pesquisadora brasileira Marisa Vorraber Costa¹⁹ (2004, p. 75), de que “[...] quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas da representação [...]”. Narrar a história, em uma perspectiva dos Estudos Culturais, é poder elevar ou rebaixar indivíduos e existências, validar ou invalidar o choro, a vida e o choque.

O fatídico caso de Thiago Flausino, de 13 anos, não é raridade ou história isolada, o seu fim reforça o medo de mães, pais, familiares e cuidadores de pessoas negras. As narrativas dos “defensores da população de bem”, ganham validação perante uma sociedade racista que observam a negritude com olhos de inferioridade. Em casa ou na rua, a segurança de corpos negros é questionável. “Estou dentro de casa. Calma!”, sendo esta uma das últimas falas do adolescente João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, para a mãe, antes de ser morto durante uma ação das polícias Civil e Federal no dia 18 de maio de 2020, no Complexo do Salgueiro, a casa em questão contava com mais de 70 tiros.

¹⁸ Mulher negra, brasileira, pesquisadora, ativista e Doutora em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia. Com estudos sobre racismo, sexismo institucionais nas penitenciárias, feminismo negro, racismo estrutural e equidade de gênero e interseccionalidades.

¹⁹ Mulher branca, brasileira, pesquisadora nos campos dos Estudos Culturais, Educação, currículo, formação de professoras/es, pedagogia e didática Doutora em Ciências Humanas - Educação e professora titular em Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS (aposentada).

Quando não entra a bala que “dissolve a vida”, fazendo novamente referência aos contos de Evaristo (2016), outras formas de matar e deixar morrer operam. Almeida (2019, p.115), argumenta que a sociedade divide os sujeitos em grupos, conferindo-lhes oportunidades e destinos desiguais. “O racismo estabelecerá a linha divisória entre os superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte.”. Morte esta que, segundo o autor, pode ser entendida como a vida exposta a riscos, a inexpressividade de poder político, e acrescentamos a morte simbólica, a morte identitária, a morte da subjetividade. Os discursos racistas e opressivos que são disparados pelas mais diversas instituições atingem casas fechadas e consciências em formação.

Recordo-me das vezes que de portas fechadas, na “segurança” da minha casa, vi violentas narrativas midiáticas (filmes, novelas e seriados) que ridicularizavam aquilo que eu sou. E quando não me enxertavam de adjetivos pejorativos e narrativas simplistas, estereotipadas, racistas e LGBTIfóbicas, apresentavam a possibilidade de sucesso mediante muito esforço e múltiplas formas de violências, nunca a possibilidade de uma vida quiçá, banal e comum.

Por mais que minha intenção aqui não seja a de demonizar a mídia e as produções culturais como, por vezes, induziram frankfurtianos, sou impelido a evidenciar veementemente como os discursos ideológicos, hegemônicos e supremacistas branco, são perigosos e danosos para com algumas existências. Anco-ro-me em Almeida (2019), que ressalta como a mídia comporta parcela significativa de responsabilidade sob a construção e dispersão de estereótipos racistas e opressivos, afinal, os meios comunicacionais e seus produtos se fazem na cultura e consolidam a cultura. Não obstante, a mídia, trazendo ênfase ao audiovisual, iniciou-se com práticas racistas, machistas, heteroterristas e supremacistas brancas de forma naturalizada.

O pesquisador brasileiro João Carlos Rodrigues²⁰ (2011), apresenta-nos que o possível primeiro clássico da história do cinema, o filme “O nascimento de uma nação” de

²⁰ Homem branco, brasileiro, pesquisador, escritor, roteirista, diretor de vídeos com trabalhos e pesquisas multimídias centradas na cultura negra, música, cinema, literatura, história do Rio de Janeiro e caracterização de populações negras e indígenas no cinema.

1915, de David. W. Griffith, fora marcado por mensagens, atos e violências racistas. Ora pelo culto aos escravocratas que retratava no filme, ora pelo discurso que abominava a libertação de negros que estiveram sob escravização nos Estados Unidos, ora pelo *black face*²¹, uma prática caracterizada pela transformação de corpos brancos em representações negras - pessoas brancas pintadas de preto - visando o escárnio, a exacerbação de traços físicos e comportamentais preconceituosos e delirantes da branquitude.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos são natos, meticulosos e racionais em suas ações. (Almeida, 2019, p.65).

Em muitos momentos, aquilo que via na televisão, nas mídias, misturou e mistura-se com minha realidade. Longe de reduzir minha mãe e meu pai a suas funções desempenhadas no capitalismo, mas sendo filho de uma empregada doméstica e um pedreiro, via em meus pais a compreensão e o entendimento de que a sociedade utilizava também das profissões disponíveis para se estruturar de modo a hierarquizar os status sociais. Ambos sempre souberam que as funções que desempenhavam/desempenham no sistema capitalista, ainda que necessárias, não eram valorizadas, talvez pela remuneração que alcançam, ou por assim como eu, aprenderem com as mídias e outras instituições pedagógicas socioculturais. Todavia, a naturalização de funções e espaços nunca se deu em casa, pelo contrário, a instiga e o incentivo era e é o de chegar o mais alto possível, distante das funções que meus pais ocupam, e não como um repúdio ao que garante o sustento, mas como compreensão de que nos cabe outras narrativas, rompendo ou tentando romper justamente com o que esboça Souza (2021, p. 48), ao dizer que “A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe,

²¹ Prática comum nos séculos XIX e XX que consistia na transformação de pessoas brancas em pessoas (negras) com o intuito de gerar entretenimento. Reforçando estereótipos racistas, pessoas brancas tomavam a negritude como fantasia ridicularizando nossas existências. Saiba mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321> Acessado em 20 set 2023.

conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante.”.

Enquanto falamos sobre as posições de sujeitos e criação das nossas identidades, para além de ser interpelado por representações simplistas e estereótipos, recordo-me daquelas que me faziam brilhar os olhos com a possibilidade de sucesso. O repertório cultural e crítico das leituras realizadas junto ao Grupo de pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais (GPEMEC), coordenado pela minha orientadora Teresa Kazuko Teruya²², somadas às discussões do início de minha trajetória na pesquisa com o Grupo Artei - grupo de pesquisa em arte, educação e imagem (ARTEI), coordenado por João Paulo Baliscai²³, bem como os diálogos também os estudos decoloniais, possibilitou-me compreender que estas outras narrativas eram tão violentas quanto aquelas que me limitavam. Ver com outras lentes aquilo que antes causavam encantamento, retoma a ideia comunicada por Oliveira (2020), expressando que com o tempo, podemos alcançar condições teóricas para leituras culturais e críticas sobre as imagens que nos interpelam em outros momentos de nossas vidas.

Recordo-me de quando assisti a produção cinematográfica “A procura da felicidade” (2006), estrelada por um dos artistas negros que acompanhei enquanto crescia, o estadunidense Will Smith (54 anos). A narrativa fílmica contava a história de Chris Gardner, um pai que lida com inúmeros problemas na vida financeira, afetiva e com a criação de seu filho, uma criança de 5 anos. De modo abreviado e aligeirado, sintetizo a história do filme como uma sequência de episódios truculentos, violentos, cruéis com uma hipervalorização da força descomunal de um homem negro para romper com todas as dores advindas das diversas opressões que o atravessam, em aspectos raciais e econômicos.

Chris Gardner, após incontáveis intempéries, vislumbrou possibilidades de ascensão social, estabilidade e “felicidade” para si e para seu filho, e embora o filme termine em certa incógnita a história real do personagem interpretado por Smith, tem um

²² Mulher nipo-brasileira, professora aposentada, orientadora de Pós-graduação e pesquisadora nos campos dos Estudos Culturais, Mídias, imagens e trabalho.

²³ Homem branco, brasileiro, artista visual, professor e pesquisador, com produções nos campos dos Estudos Culturais, Arte, Visualidades, Estudos da Cultura Visual, Gênero e Masculinidades.

desfecho positivo. Christopher Paul Gardner (69 anos) passou de uma pessoa em vulnerabilidade e situação de rua para milionário com atuação no mercado financeiro.

O filme fora lançado no ano em que eu completava 9 anos, cálculo que provavelmente tive acesso para assisti-lo próximo dos 10 ou 11 anos de idade. Ainda que não me recorde da idade exata, recordo-me da sensação e da compreensão que tive. Entendi de certa forma, que aquela trajetória provavelmente me esperava. Compreendi que talvez fosse possível chegar até a felicidade, deduzida como riqueza e estabilidade, se eu fosse capaz de ser forte o suficiente para romper com todas as adversidades que a vida iria me apresentar. O que hoje analiso como naturalização do sofrimento para pessoas negras, fora pulsão para que tentasse em tudo, a todo tempo ser o melhor para não ser devorado por uma sociedade que me olhava com olhos inferiorizantes.

Do fundo da sala de aula, da última carteira, eu observava atentamente tudo o que acontecia na sala e adotava posturas que pareciam atender às expectativas dos/as professores/as. Nos momentos em que o riso era autorizado eu ria. Nos momentos em que o silêncio era exigido, eu me calava. Assim meu boletim, a materialização de uma encenação constante, era a prova de que o ajustamento proposto pela escola estava funcionando. (Oliveira, 2020, p. 31)

Ressalto que aqui não teço necessariamente uma crítica à história e vivência de Christopher Paul Gardner, embora existam proporções e liberdade poética e narrativa na produção cinematográfica, há também veracidade no que Gardner viveu. Todavia, critico a atuação midiática que cristaliza certas narrativas e condiciona vivências e percepções individuais e coletivas. Mais do que romantizar o esforço em demasia, a perseverança e todas as outras inúmeras interpretações que envolvem “garra e determinação”, a história adaptada e cinematográfica de Gardner, apresentada em “A procura da felicidade” (2006), pode ser lida na chave denunciativa de uma sociedade que dificulta o caminho e a existência de pessoas negras. bell hooks²⁴ (2019) apresenta como ao longo da trajetória

²⁴ Aqui ressalto também que a grafia de bell hooks em letras minúsculas por vezes gera ojeriza e repulsa da academia por ser denotada como o defraudar das normas firmadas. Todavia, o nome escolhido por Gloria Jean Watkins, para homenagear sua bisavó, Bell Blair Hooks, ganha contornos políticos. bell hooks em minúsculo não apenas confrontava a academia como também evidenciava um desejo de que suas palavras, suas obras e suas escritas fossem maiores que sua pessoa, além de protestar a condição social que lhe foi imposta enquanto mulher negra.

histórica dos Estados Unidos, homens negros ocuparam postos de “preguiçosos”, “violentos”, “fracassados” e mais inúmeros adjetivos negativos. De modo semelhante, Souza (2021, p. 57) esboça atribuições representacionais que circundam o imaginário brasileiro racista, que vê pessoas negras como “[...] irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico [...]”. Assim, é possível compreender que a ascensão de uma pessoa negra, e agora alocando Gardner em sua geografia, nos Estados Unidos, perpassa pelo romper de tais estereótipos, para além de lidar com as “causalidades” da vida.

Ainda que meu desenvolvimento e crescimento tenha sido interpelado por representações negras positivadas, com possibilidades de ascensão e com histórias narradas em séries/*Sitcon* como “Um maluco no pedaço” (1990-1996), que me apresentava uma família negra retinta rica, com um patriarca juiz e uma matriarca professora; ou “Eu, a patroa e as crianças” (2001-2005), com um enredo centrado em uma família afro-estadunidense de classe elevada, que vivia “luxos” como viagens em família para praias, tais realidades e episódios sempre me foram distantes, ainda que fosse possível sonhar com uma viagem para a praia com minha família afrocentrada, a realidade era boicotada por outros contextos e atravessamentos sociais e de classe.

Era possível sonhar com a vida apresentada pelos *sitcoms* supracitados, todavia, a realidade me atirava para representações estereotipadas e limitantes que faziam questão de evidenciar os corpos parecidos com o meu e os dos meus familiares sempre na subalternidade, seja na escola, seja nas novelas nacionais ou filmes que exploravam a imagem das pessoas negras ligada a criminalidade, escravização e subalternidade.

Outras imagens a que fui apresentada ao longo de minha trajetória escolar, e que muitas vezes me serviam de espelho, procuravam reproduzir as relações de poder que eram observadas em espaços variados, no Brasil e em outros países. Na maioria das vezes, a população negra era retratada de maneira subalternizada ou, então, reduzida à condição de escravizada afirmando que os espaços nas sociedades ocidentais eram distribuídos a partir do pertencimento racial de cada pessoa ou de cada grupo de pessoas. (OLIVEIRA, 2020, p. 29)

As representações estereotipadas e limitantes, e a naturalização das mortes de pessoas negras, assim, não se dão apenas nos filmes, como os dados supracitados evocam

quando falamos de crianças e adolescentes. E conforme a idade avança, o alvo nas costas aumenta, como expressa o aumento da taxa de homicídios para a população negra, em 11,5% segundo o Atlas da violência de 2021 (Cerqueira, 2021).

Os recortes de gênero e racialidade novamente são reveladores quando suscitamos a morte. Julio Jacobo Waiselfisz²⁵ (2015/2016), analisando mortes e homicídios por arma de fogo no território nacional, constata a predominância estatística de corpos masculinos mortos com 94,4%, levando em consideração os dados de 2014. Com uma crescente de vivências e interpelações de violência desde os 12/13 anos, tendo seu ápice aos 20 anos (ainda que o crescimento da letalidade se fixe mesmo entre os 15 a 29 anos). Waiselfisz informa que houve um crescimento de 699,5% de homicídios por arma de fogo na juventude entre 1980 e 2014.

Para o pesquisador, há relativa escassez de dados quanto a racialidade das vítimas, todavia, ainda que de modo precário, Waiselfisz (2015; 2016) apresenta-nos como de 2003 para 2014, o homicídio com vítimas brancas caiu cerca de 26,1%, em contrapartida, os dados estatísticos de vítimas negras, no mesmo recorte de tempo, aumentaram 46,9%. Intercruzando os dados que falam sobre vítimas crianças, adolescentes e homens adultos, é perceptível que o preferencial não tange necessariamente as idades, mas sim a cor.

Os dados supracitados, as notícias jornalísticas apresentadas, bem como as narrativas trabalhadas, que abordam desde a individualidade até aproximações com narrativas outras em similaridade, retomam sempre os corpos que nos despertam interesses analíticos. Assim, aquilo que nos atravessou no passado e perdura o transpassar, ganha novas proporções no momento que angariamos respaldos científicos e meios interpretativos para elaborar melhor tais incômodos, reforçando o que Oliveira (2020) apresenta.

Os Estudos Culturais e seus desdobramentos, bem como os Estudos das Masculinidades, não apenas sustentam e orientam a investigação aqui proposta, como também representam alívio e possibilidade de nomear as opressões e os opressores, retirando-nos o fardo de termos que lidar com pesares criados por nossos outros/as.

²⁵ Homem branco, brasileiro, pesquisador, sociólogo e coordenador da Área de Estudos da Violência da Flaco em 2018.

Em tais campos de estudo, podemos não apenas nomear os pesos que grupos minoritários carregam, como também apresentar e denunciar aqueles que sobre nós os depositam, falo aqui da norma, do padrão. As narrativas limitantes e estigmas, criadas e elaboradas por aqueles que materializam e monopolizam “humanidade”, ferem existências “dissidentes”/“outras”, controlando narrativas, estabelecendo posições de inferiorização do valor da vida, controlando privilégios, aqui também entendidos como direitos básicos. Desencadeiam e se beneficiam enquanto criam auto-ódio, a auto-cobrança de rendimento em demasia e muitos outros males que perpassam o psicológico de corpos negros e minoritários. Nossos campos de estudos nos possibilitam questionar a cultura, brigar pelas significações, quiçá rebatizar o colonizador de invasor, o salvador de aniquilador e algoz de tantos/as. Se a atribuição da negatividade cria a positividade, como nos apresenta Bento (2020), produzir ciência e renomear de forma adequada, talvez de cabo por si só.

Os conhecimentos adquiridos e compartilhados então nos anos de participação no Grupo Artei, agregados a uma trajetória com inúmeras trocas de saberes e experiências com o Grupo GPEMEC, supracitados, evidenciam minhas aproximações com os Estudos Culturais, os Estudos da Cultura Visual, bem como os Estudos sobre Gênero, Raça e Sexualidade.

Utilizando a série “Cara Gente Branca” (2017) como **artefato cultural**, contemplando e problematizando tanto os discursos quanto as visualidades, com o recorte de trabalhar os personagens aproveitando-se assim da perspectiva interdisciplinar apresentada pelos **Estudos Culturais**, fundamentado com Stuart Hall (2003; 2016; 2020;2023); Raymond Williams (1958); Tomaz Tadeu da Silva (1999), Douglas Kellner (2001); Teresa Kazuko Teruya (2006; 2008), Vera França e Paula Simões (2016), Marisa Vorraber Costa (2004) entre outras e outros teóricas/os, adentrando-nos aos **Estudos da Cultura Visual**, com João Paulo Baliscai (2020; 2021), Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011), Susana Rangel Vieira da Cunha (2008), João Carlos Rodrigues (2011) e aos **Estudos das Masculinidades, de Raça e Gênero** com Raewyn Connell (1995; 2015; 2016), Judith Butler (2023), Guacira Lopes Louro (2014), Meeg Rayara de Oliveira (2020), bell hooks (2019, 2022), Jaqueline Gomes de Jesus (2012), Audre Lorde (2020), JJ Bola (2020), Frantz Fanon (2020), Silvio Almeida (2019) e outros/as. São estes os campos

e as/os pesquisadores/as em quem encontramos e construímos subsídios teóricos para a análise cultural por nós proposta.

O objeto de pesquisa, ou os objetos, haja vista que ambiciono a análise das narrativas e masculinidades negras performadas pelos personagens coadjuvantes/”protagonistas” Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks, como supracitado, encontram-se presentes na série “Cara Gente Branca”, disponibilizada na plataforma de *Streaming Netflix*. Como delimitado, busco as representações contidas apenas na primeira temporada da série, mesmo sabendo que ao longo da trama, os personagens vão mudando de posição em questão a relevância na produção, todavia, para melhor aprofundamento, lido com o primeiro contato enquanto telespectador e objeto, de forma cronológica então, seria de fato a primeira temporada.

Assim sendo, a série que finaliza com quatro temporadas, tem início em 2017, e apresenta ao público as vivências de jovens universitários negros, na fictícia universidade de Winchester, lugar majoritariamente branco. Com a intencionalidade de apresentar as tensões raciais existentes nesse contexto, a série ilustra a trajetória de Sam White, vivida pela atriz Logan Browning (1989 --), uma jovem negra que basicamente encabeça uma frente de atuação militante antirracista no contexto em que está inserida. “Cara Gente Branca”, nome da série, é também o “bordão” que a personagem evoca em seu programa de rádio na universitária todas as vezes que dialoga enfaticamente com a universidade embranquecida e racista que a cerca. Ressalto como “Cara gente branca”, originalmente fora desenvolvido pelo mesmo diretor e produtor enquanto um filme, lançado no ano de 2014.

O enredo das produções audiovisuais, tanto do filme, quanto da série, objeto de análise aqui escolhido, trabalham em pluralidade de assuntos, tendo como ponto principal as questões e tensões étnico-raciais e o racismo em suas múltiplas atuações e formas de exercer violência sobre a vida dos estudantes, como supracitado. A temática que circunda o filme, é basicamente o gatilho inicial/primeiro tópico trabalhado no desenrolar dos episódios que inauguram a trama seriada, uma festa universitária organizada por estudantes brancos perpassada pela prática racista, discriminatória e vexatória do *black face*.

Em uma constante troca de perspectivas, a série “Cara Gente Branca”, não se estagna em apresentar a vivência negra e suas intempéries somente pela perspectiva da protagonista Sam White. A multiplicidade de pontos de vistas e direcionamentos de enredos, é o que faz os personagens masculinos, os quais me debruço na análise de suas representações, mesmo sendo “coadjuvantes”, transitam entre o que poderia ser entendido também enquanto “protagonistas”, pois a produção seriada não apenas se preocupa em construir de forma coesa os personagens, como também, em diversos episódios, os colocam como centro e ponto de perspectiva da série.

A criação de Justin Simien (1983 –), diretor, roteirista e produtor executivo tanto do filme (2014), quanto da série “Cara Gente branca), essa de 2017, é estruturada e pensada para apresentar uma narrativa não linear, com diálogos que apresentam questões raciais contemporâneas, constituição das identidades negras, desafios enfrentados por discentes negros/as em ambientes acadêmicos, além de nos ofertar personagens complexos que nos sinaliza uma variedade de perspectivas dentro da comunidade negra. Simien, em tais produções dialoga basicamente sobre suas vivências e experiência enquanto fora um academico negro em uma universidade majoritariamente branca. O autor revela também suas aproximações com o personagem Lionel Higgins, tal como personagem, Simien é um homem negro gay e reflete sobre suas identidades e suas possibilidades.

Seguindo com um caráter qualitativo, em conformidade com aspectos dos Estudos culturais, organizo esta dissertação em cinco seções, fora a introdução, momento que discorro quanto a relevância da pesquisa e seus atravessamentos a nível pessoal. Assim, nas divisões, **inicialmente**, em “**A cultura tem o poder de dizer o que se pode ou não ser**” - **Estudos Culturais em seus desdobramentos**”, apresento os campos de estudos pelos quais vislumbro a pesquisa, o fundamento teórico-metodológico que estrutura a análise cultural e crítica que me proponho fazer, dialogando sobre os Estudos Culturais, os Estudos da Cultura Visual, um levantamento de pesquisas próximas que contemplaram em “Cara Gente Branca” um potencial pedagógico e o conjunto analítico PROVOQUE (2020) que direciona o caminho investigativo.

Na segunda seção, “**Onde estão as intersecções? Você não é apenas um homem negro, é um homem negro gay.**” - **Intersecções e Identidades**”, teço o respaldo teórico

para problematizar a constituição das identidades no contemporâneo, dialogando sobre os marcadores sociais que integram nossas existências e operam sobre nossos corpos em organização hierárquica e estratificada. Emprestando dos estudos e conceito produzido para e por mulheres negras, a interseccionalidade, apresento paralelos sobre raça, gênero e sexualidade na construção das masculinidades negras e os atravessamentos dos estereótipos que interpelam nossas existências, já desenvolvendo parte da pré-rota analítica apresentada por PROVOQUE (2020), iniciando e apresentando os flertes, percepções e problematizações com um dos personagens da série, Lionel Higgins.

Na terceira seção intitulada, **“A menos que seja negro[...]” - Quando a pele grita: Discussões sobre racialidade e negritude**”, discuto questões que tangem racialidade. Caminhando entre denúncias da racialização negra a partir de mazelas, a racialização da branquitude em positividade e um exercício constante de projeção e subordinação da negritude, bem como o anseio de racializar corpos negros ancorado no que hooks (2017) chama de “amar a negritude”. Nesta seção, evoco o personagem Reggie Green para iniciar sua análise e sua relação com a militância negra.

Na quarta seção, **“É tudo sobre “poder, sucesso, físico e sexual” - A que gênero se presta?”**”, conceituo gênero e discuto a política das masculinidades (Connell, 1995). Tecendo paralelos e problematizando a construção do gênero e das masculinidades quando atravessadas pela negritude, inserindo a representação oportunizada pelo personagem Troy Fairbanks para melhor dialogar sobre a junção de masculinidade e negritude. Por fim, na última seção, **“Se aumentarmos nossa negritude, eles vão aumentar as mentiras deles” - Escolhendo por qual lente olhar**”, aglutino e complemento as análises dos personagens, recorrendo ao aporte teórico já elaborado, contemplando como as representações masculinas de Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks podem apresentar formas outras de ser homem negro, rompendo com estereótipos e humanizando a negritude por intermédio da representações de fragilidades e deleites, suscitando que a complexidade e infinidade de identidades negras masculinas não devem ser organizadas e limitadas em/com visões simplistas e racistas.

Finalizo a dissertação compreendendo até aqui que as imagens e discursos dispersos pelas produções audiovisuais, tendo como objeto série “Cara gente branca” e

especificamente três personagens negros masculinos, têm potencial pedagógico, uma vez que as mídias circundam nossas vidas em onipresença (Kellner, 2001) e operam de forma a nos ensinar a ver, sentir, pensar e interpretar não só o mundo, mas a nós mesmos e aqueles que nos cercam. Na leitura de Stuart Hall (2023), absorvo que as imagens que consumimos são os espaços que nos permitem imaginar e conceituar o outro ou a nós mesmos.

1. “A CULTURA TEM O PODER DE DIZER O QUE SE PODE OU NÃO SER” - ESTUDOS CULTURAIS EM SEUS DESDOBRAMENTOS

O propósito do Novidioma não era apenas fornecer um meio de expressão para a visão de mundo e os hábitos mentais adequados aos devotos do Socing, e sim bloquear todos os outros modos de pensamento. A intenção era, quando o Novidioma fosse adotado de uma vez por todas e o Velhidioma caísse no ostracismo, tornar um pensamento herético, ou seja, que divergisse dos princípios do Socing, literalmente impensável, pelo menos na medida em que o pensar depende das palavras. Seu vocabulário foi construído de modo a dar uma expressão exata, e com frequência muito sutil, a todos os significados que um membro do Partido poderia querer expressar adequadamente, ao mesmo tempo em que excluía todos os outros sentidos e possibilidade de se chegar a eles por meios indiretos. Em parte, isso foi feito pela criação de novas palavras, mais principalmente pela eliminação de palavras indesejáveis e por tirar das que restassem os significados inortodoxos e, tanto quanto possível, todos os significados secundários. (George Orwell, 1984, Apêndice, Os princípios do Novidioma)

Ao chegarmos no mundo, somos “presenteados/as” com uma infinidade de elementos, conceitos e significados. Despejados em um mundo “pronto”, somos apresentados às condições, estruturas, formas de ser, agir e pensar, sem muita criticidade ou vislumbres de mudança, ainda que curiosos/as transbordantes de questionamentos, a alternativa recorrente chama-se “adequação”.

O homem²⁶ é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (Laraia, 2001)

O que o antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia²⁷(2001) nos evidencia, é como somos envolvidos e inseridos em dinâmicas estabelecidas e construídas ao longo da história, rompendo com visões simplistas enxertadas de senso comum que naturaliza o mundo e a forma como se organiza. De fato, inúmeras informações e significações, nos interpelam desde a mais tenra idade, todavia, não se atentar a construção dos significados, é deixar passar despercebido as dinâmicas sociais.

Certos códigos podem, é claro, ser tão amplamente distribuídos em uma cultura ou comunidade de linguagem específica, e serem aprendidos tão cedo, que aparentam não terem sido construídos - o efeito de uma articulação entre signo e referente - mas serem dados “naturalmente”. Nesse sentido, simples signos visuais parecem ter alcançado uma “quase universalidade”, embora permaneçam evidências de que até mesmo códigos visuais aparentemente “naturais” sejam específicos de uma dada cultura. (Hall, 2023, p. 362)

Embora as instituições que nos cercam, nos apresentem majoritariamente um mundo com significados “fixos”, estáveis e “prontos”, o que nos interpela de fato são decisões e convenções arbitrárias estabelecidas em um campo de disputa e conflitos por significações, o campo da cultura. O título da seção, “A cultura tem o poder de dizer o que se pode ou não ser”, trata-se de uma citação do personagem Lionel Higgins, que aqui me

²⁶ Cabe aqui ressaltar que por questões de fidedignidade da citação, não há qualquer alteração no texto original, todavia, tratando-se de uma pesquisa/dissertação que discute questões de gênero e raça, é preciso salientar como o emprego da palavra “homem” como sinônimo de humanidade, configura-se como marcador de exclusão também, haja vista que se cria o imaginário de humanidade a partir da norma, que constitui-se enquanto branca, cisheterossexual e masculina, omitindo e negando outras existências. Como resalta Oliveira (2020, p. 59) “O silêncio em torno das questões que envolvem a branquitude contribui para que seja vista e tratada como modelo de humanidade [...]”, bem como, “Não apenas a brancura, mas a cis heterossexualidade também é utilizadas para demarcar o estatuto do que é considerado humano.” (Oliveira, 2020, p.62).

²⁷ Homem branco, brasileiro, antropólogo e pesquisador. Suas contribuições acadêmicas encontram-se no campo da antropologia e estudos etnográficos, principalmente sobre a cultura e a sociedade brasileira, com especificidades aos povos indígenas

proponho analisar. Enquanto escritor para o jornal da universidade, o jovem tece constantes comentários sobre as dificuldades raciais que seu campus enfrenta.

Nesta seção, debruço-me sobre os Estudos Culturais, mais especificamente os Estudos Culturais Britânicos, evidenciando suas perspectivas e significações quanto à cultura, produção cultural, seus impactos, bem como a ideia de identidade enquanto resultado relacional entre os seres e sociedades em que estão inseridos/as. Aqui utilizo de Hall (2003; 2016; 2020;2023); Williams (1958); Silva (1999), Kellner (2001); Teruya (2006; 2008), França e Simões (2016), Costa (2004) entre outros/as.

Como expõe o brasileiro Tomaz Tadeu da Silva²⁸ (1999, p. 134), “A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla.”. Disputar espaço e poder no campo cultural, é disputar a possibilidade de narrar e criar mundos.

Quando alguém ou algo é descrito, explicado em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma “realidade”, instituindo como existente de tal ou qual forma. Neste caso, quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas da representação, ou seja, é quem estabelece o que tem ou não tem estatuto de “realidade” (Costa, 2004, p.75).

Costa (2004), explica como a possibilidade e o poder de narrar traz existência e cria realidades. A palavra torna-se pulsão criativa e criadora, “haja luz, e houve luz²⁹”, como narra a mitologia judaico-cristã. A epígrafe da seção 1, retirado do livro ficcional 1984, de George Orwell³⁰, apresenta um lugar tomado pelo totalitarismo, onde a vigilância, o falsear da história, a manipulação das mídias e informações e o controle político orquestravam e restringiam a vida e o pensar. O “Novidioma” no livro, era um dos caminhos entendidos

²⁸ Homem branco, brasileiro, educador e pesquisador. Suas pesquisas culminam na área da educação e nos estudos culturais, com reflexões sobre poder, política, cultura na educação, currículo, multiculturalismo, pós-modernismo e correlatos.

²⁹ Referência ao texto sagrado da mitologia judaico-cristã, localizado no livro de Gênesis, capítulo 1, versículo 3.

³⁰ Pseudônimo do escritor e jornalista britânico Eric Arthur Blair (1903-1950), autor de obras distópicas e ensaios políticos. Suas principais obras são: "1984" e "A Revolução dos Bichos".

para a concretude do controle, a limitação das palavras inibiria/inibe o pensar, o sentir e a reflexão.

Intercruzando Orwell (2021) e Costa (2004), é possível endossar a compreensão de que nomear, narrar e manusear as palavras, é uma forma eficaz de criar realidades, atribuir significados e construir uma cultura imersa na dualidade de certo e errado/ norma e anormal. A cultura, é assim esse espaço de disputa nas sociedades dado o seu poder de significação para aquilo que há de constituir narrativas, formas de ver, pensar e viver.

Podemos dizer que controlar a linguagem, como na história ficcional elaborada por Orwell (2021), é controlar pensamentos, a ciência, as descobertas, inibir as controversas, e fomentar formas de ser e agir no mundo, questionar até como pensar e ser o que não é nomeado. Deste modo, não descarto as possibilidades de existir antes do nomear, como nos expressa a poeta brasileira Lígia Souza de Oliveira³¹ (2021) “há coisas que são e não receberam nome”, mas dizemos aqui como narrar o mundo de perspectivas específicas, enraízam por vezes formas únicas para e nas pessoas.

[...] ela já sentiu pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (Adichie, 2019, p.17)

Assim como o “Novidioma”, em Orwell (2021), veta possibilidades de pensar e compreender o mundo, a “história única”, abordada por Chimamanda Ngozi Adichie (2019), explicita como nossos repertórios culturais constroem histórias restritas e simplistas sobre outras existências. E o que parece ser mera falta de acesso a outras narrativas, pode se tratar de uma disputa por hegemonia cultural. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (Adichie, 2019, p. 22).

³¹ Mulher branca, brasileira, dramaturga, pesquisadora e doutora em artes. idealizadora do espaço de criação La Lettre, é autora de “O nome das coisas”, peça escrita a partir das relações entre as atrizes Mariela Lamberti e sua irmã mais nova, Lua Lamberti.

De forma complexa e emaranhada, percebo como os contornos sociais, as perspectivas de mundo e as possibilidades de ser, existir, pensar e representar, amarram-se à ideia de cultura. “A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder” (Silva, 1999, p. 134). O que falamos e como falamos, as palavras que acessamos ou não, os significados e como são atribuídos, às narrativas que estabelecemos e permitimos que os corpos vivam, suas construções identitárias e representações, os costumes e estereótipos que interpelam nossas vidas, tudo surge em uma dada cultura.

Silva (1999, p. 133) complementa que a cultura “[...] é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla.” Consequentemente, com influências diretas e intencionais estabelecem a estruturação da sociedade. Passar a compreender cultura para além de visões elitistas e burguesas, que se reduz à ideia de “grandes obras” literárias e artísticas produzidas pela humanidade, oportuniza maiores problematizações sobre os impactos culturais no cotidiano, bem como as disputas que esta fomenta (Silva, 1999).

1.1 Os Estudos Culturais

Entre os diversos movimentos e estudos que passaram alocar a cultura como objeto de pesquisa, deparei-me com aquele que, dada a perspectiva não hierárquica e dualística, atende em recursos e subsídios teóricos no caminho investigativo que me propus a desenvolver, problematizando as representações de masculinidades negras nas mídias. Os Estudos Culturais, como um campo investigativo, são datados no início da década de 1960, especificamente em 1964, com a criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham, como esboçam Vera França³² e Paula Simões³³

³² Mulher branca, brasileira, professora e pesquisadora na área de Comunicação. Em suas pesquisas foca em estudos relacionados à Comunicação, Comunicação e Cultura, Estudos Culturais, Comunicação e Política.

³³ Mulher branca, brasileira, professora e pesquisadora na área da Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação. Suas pesquisas englobam interações comunicativas, cultura da mídia, televisão, acontecimento, imagem pública, celebridades e política de celebridades.

(2016). Com um caráter abrangente, seja nas abordagens de materiais analíticos, seja no percurso crítico e investigativo, [...] os Estudos Culturais se subdividem de acordo com uma série variada de perspectivas teóricas e de influências disciplinares. (Silva, 1999, p. 133), a interdisciplinaridade torna-se a marca da perspectiva que carrega nomes como Raymond Williams, Richard Hogwarts, Edward Palmer Thompson³⁴ em seu período de consolidação e, posteriormente, comporta Stuart Hall.

O pesquisador brasileiro Luiz Mauro de Sá Martino³⁵ (2017) argumenta que os Estudos Culturais não apenas surgem com uma intencionalidade de serem interdisciplinares, como suscitam temas negligenciados e marginalizados pela academia. É justamente a compreensão abrangente de cultura, como um campo de estudos, que rompe com a hierarquização e a valorização do que é ou não cultura, do que vale ou não ser investigado.

A cultura é de todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, e no entanto, ela se constrói e reconstrói em cada modo de pensar individual. (Williams, 1958, p. 1-2)

Raymond Williams, um dos primeiros e principais nomes da Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), se empenhou não apenas na pesquisa sobre a noção de cultura, mas na apresentação dos significados que o conceito pode e há de comportar. Para Williams (1958, p. 2), a palavra cultura pode ser empregada com mais de um significado, sendo “[...] para designar todo um modo de vida - os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado - os processos especiais de descoberta e esforços criativo.”. Contemplando então as narrativas iniciais que interpelam os Estudos Culturais,

³⁴ Os autores são homens brancos e britânicos. Williams era crítico cultural, escritor e teórico político; Hogwarts, também crítico cultural e escritor, com um olhar voltado à análise de mudanças culturais na sociedade; e Thompson, historiador e pesquisador envolvido em questões políticas e sociais.

³⁵ Homem branco brasileiro, pesquisador e professor do campo da Comunicação. Com estudos de mídia, cultura, comunicação, cultura de massa, jornalismo, mídia digital e temas correlatos.

podemos dizer que a luta simbólica por significação com o campo tem um certo início já com a possibilidade de “capturar” o significado e a compreensão de cultura em uma sociedade em que a visão elitista e burguesa dominava.

[...] uma ideia de cultura que orientará o CCCS e os trabalhos de seus membros: a cultura diz respeito a toda produção de sentido que emerge das práticas vividas dos sujeitos. Ou seja, ela não engloba apenas textos e representações, mas toda a dimensão simbólica que constrói a experiência ordinária dos indivíduos. Para analisar a cultura, a perspectiva dos Estudos Culturais atenta para as estruturas sociais e para o contexto histórico [...] (França, 2016, p. 98)

Para Silva (1999, p. 131), os Estudos Culturais, em contraposição a mentalidades que circundavam a sociedade acadêmica britânica da época por intermédio de outras correntes científicas, se colocavam [...] em contraste com a tradição literária britânica, a cultura deveria ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano. Nessa visão, não há nenhuma diferença qualitativa [...]”. Como supracitado, é justamente a visão mais abrangente do que é cultura que instiga os Estudos Culturais a investigar uma infinidade de objetos analíticos e temáticas. Dessa forma, salienta Baliscei (2020, p. 34), propicia a formulação de “[...] outros conceitos e cultura de modo que outras produções, vozes, estéticas e gestos fossem também contemplados e valorizados.”

Caminhar no entendimento de que embora sejamos iniciados em culturas prontas, estas não são fixas e não precisam, nem muito menos deveriam ser hierarquizadas conforme problematiza os Estudos Culturais. Williams (1958, p.1) afirma que “[a] cultura é de todos: devemos começar por aí. Crescer naquele lugar era observar a configuração de uma cultura e seus modos de transformação.” Ao se fundamentar em uma nova perspectiva sobre o que é cultura, como um campo investigativo, França (2016, p. 99) reforça que é um “[...] terreno de luta e negociação entre grupos - e não simplesmente de dominação e imposição de significados por parte do grupo dominante.”. Tendo assim, como pilar, a observação das dinâmicas culturais na construção das sociedades e na formulação de identidades “[...] as pesquisas e as teorizações iniciais do Centro também se preocupavam

com o papel da mídia, sobretudo da televisão, na formação do consenso e do conformismo político”. (Silva, 1999, p. 132).

O pesquisador estadunidense Henry A. Giroux³⁶ (2022, p. 83) explicita que a preocupação dos Estudos Culturais, cercam as relações entre cultura, conhecimento e poder, logo, voltar nossos olhos às tecnologias que assim perpetuam discursos, constroem e dispersam cultura, torna-se mister. De maneira semelhante e quiçá complementar, Silva (1999, p. 134) expressa que “[...] os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder.”. Vê-se cada vez como a cultura molda o indivíduo, mostrando possibilidades de existência ou nega tal direito, em encarceramentos de/com representações simplistas e estereotipadas, todavia, é válido ressaltar como a cultura e suas formas de dispersão encontra-se como campo de disputa, em que narrativas diversas atuam visando angariar espaço e influência.

A cultura não se limita apenas às práticas especializadas, a gêneros específicos e particulares, nem a atividades populares da arte e do lazer. São práticas sociais, em sua completude e complexidade, que devem ser entendidas como culturais, sendo examinadas, inclusive, através de dimensões simbólicas e subjetivas (Lisbôa-Filho, Machado, 2015, p. 8)

O cenário arquitetado pelos Estudos Culturais, ampliando os diálogos, as problematizações e as temáticas, apresenta inúmeras possibilidades. “O estudo cultural, portanto, opera com uma concepção interdisciplinar que utiliza teoria social, economia, política, história, comunicação, teoria literária e cultural, filosofia e outros discursos teóricos” (Kellner, 2001, p. 42). O espaço para trabalhar com diversos campos do conhecimento, é imerso também em uma pluralidade de artefatos analíticos, os artefatos culturais, que “[...] contribuem para a constituição das **identidades pós-modernas**, e para o entendimento sobre a **centralidade da cultura**.” (Baliscei, 2020, p. 37, grifos do autor).

³⁶ Homem branco, estadunidense, pesquisador e acadêmico nos campos da educação crítica, estudos culturais, justiça social, mídia, neoliberalismo e teoria crítica.

O peso e a significância dos Estudos Culturais como um campo de pesquisa, deve-se a sua estruturação focado na atuação política, conforme a brasileira Ana Carolina Escosteguy³⁷ (2000)

[...] os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de “correção política”, podem ser identificados como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade. (ESCOSTEGUY, 2000, p. 3)

O campo dos Estudos Culturais, iniciado com ênfase nessa perspectiva política, de observação da sociedade, do cultural e visando formas de destrinchar os significados ideológicos que operam no meio social, nos direciona para as mesmas ambições. Em síntese, de acordo com a brasileira Teresa Kazuko Teruya (2009, p. 152) “[...] os Estudos Culturais analisam os aspectos culturais da sociedade contemporânea.” Aspectos estes que são muitos e em uma ampla complexidade de intersecções e atravessamentos. Dentre as discussões que ganharam espaço e visibilidade com os Estudos Culturais, vê-se as questões de raça, gênero, feminismos, sexualidade, identidades, representações e afins, campos analíticos que são vistos enquanto cultura e produtores de significados, bem como decorrentes da cultura.

Imersos em elementos e signos que são disputados para significação e representações. “Ocorreram pelo menos duas interrupções no trabalho do Centre for Contemporary Cultural Studies: a primeira em torno do feminismo e a segunda incidindo sobre questões de raça”, ressalta Hall (2023, p. 191). Essas interrupções consolidaram os Estudos Culturais como um campo de possibilidade abrangente, inquieto e em movimento, “comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas

³⁷ Mulher branca, brasileira, professora e pesquisadora na área de Comunicação, com estudos em televisão, mídia e cultura.

comunicativas de uma sociedade.”, como expressam Cary Nelson Paula A. Treichler e Lawrence Grossberg³⁸ (2013, p.12).

Para Hall (2023, p.196), os Estudos Culturais operam em incômodos e rupturas, pois suscita discussões que anteriormente não ganhavam notoriedade na academia, evidenciando como questões políticas e teóricas, haja vista que se misturam, se esbarram e se inter cruzam. “Os estudos culturais permitem que essas questões se irrite, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir numa clausura teórica final”, escreve o pesquisador. Em uma espécie de contemplação de que em tudo há política e teorias, e graças à sua constituição, os Estudos Culturais posteriormente atenderam às questões que lidam com gênero, raça, sexualidade, representação e afins. No início, dedicou uma atenção especial aos estudos das mídias e sua potencialidade, seja manuseada pela hegemonia, seja pelo movimento contra-hegemônico.

As novas tecnologias da mídia e da informática, porém, são ambíguas e podem ter efeitos divergentes. Por um lado, proporciona maiores aberturas para as intervenções de outras culturas e ideias. No entanto, também, propiciam novas formas de vigilância e controle, em que os olhos e sistemas eletrônicos instalados em locais de trabalho funcionam como encarnação contemporânea do Grande Irmão. As novas tecnologias da mídia também propiciam poderosas formas de controle social por meio de técnicas de doutrinação e manipulação mais eficientes, sutis e ocultas. (Kellner, 2001, p. 26)

Kellner (2001) enfatiza a utilização das tecnologias e da mídia como agente ativo na consolidação e dispersão de culturas, ou como o autor faz questão de enfatizar, a cultura da mídia. Em sua perspectiva, a cultura da mídia foi capturada pelas ideias de comercialização, conseqüentemente, funcionam e operam com interesses econômicos visando lucratividade. A industrialização da cultura, torna-se cada vez mais real, todavia, não há um interesse ou uma necessidade de nomear tais formas culturais como inferiores, alocando-as em categorias menores de cultura, uma vez que os Estudos Culturais rompem com tais visões conservadoras e elitistas. A atenção volta-se à atuação e utilização das

³⁸ As autorias citadas são pessoas brancas estadunidenses. De forma sequencial, Nelson, um homem branco, atua nos campos dos estudos literários, culturais; Treichler, uma mulher branca, com ênfase nos estudos de gênero, mídia e saúde; e Grossberg, um homem branco, pesquisa teoria crítica, política cultural e as relações entre cultura, mídia e sociedade.

mídias como meio ideológico e campo de disputa. A cultura apresentada e entranhada pelas mídias “[...] não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constituem [...]” (Kellner, 2001, p. 27).

Assim, conforme avancei na compreensão da estruturação dos Estudos Culturais, seus interesses e sua trajetória em direção a um entendimento mais abrangente quanto à cultura, vislumbrei como o campo teórico oferece os subsídios metodológicos pertinentes para o que me propus a cumprir nesta pesquisa, sendo a problematização das representações de masculinidades negras nas mídias. É os Estudos Culturais que me possibilita distinções entre o que se pode elencar como ação e produção advindas de uma cultura hegemônica, e aquilo que se pode suscitar, quiçá, como contra-hegemônico ou resistência. Observar e denotar então tais movimentações, calha com os princípios suscitados pelos Estudos Culturais, de que a pesquisa e o trabalho intelectual “[...] retorne ao mundo do poder e da luta política e cultural [...]”, (Nelson, Treichler, Grossberg, 2013, p.12).

Nos Estudos Culturais, a pesquisa que problematiza a sociedade, a cultura e as formas estruturais que nos regem, politicamente atuam perante nossas análises, devolver ao mundo, a luta política e cultural, nos direciona a falas de hooks (2017, p. 76), aqui tecendo diálogos mais diretamente sobre educação as formas de educar, expressa que:

Na sociedade americana, onde o intelectual - e especialmente o intelectual negro - muitas vezes assimilou e traiu conceitos revolucionários pelo interesse de manter o poder da classe social, é necessário e crucial que os intelectuais negros insurgentes tenham uma ética de luta que informe seu relacionamento com aqueles negros que não tiveram acesso aos modos de saber partilhados nas situações de privilégio.

O trabalho intelectual nos Estudos Culturais não há de se findar na categorização e na análise da cultura, tratando principalmente de temas marginalizados, deve voltar principalmente para tais grupos, com novas perspectivas e narrativas. Seja denunciando mazelas, ou apresentando novas histórias para além da história única. O campo teórico que

nos fundamentamos, visa o desenvolvimento da “capacidade” de distinguir as produções midiáticas. Os Estudos Culturais, desde sua fundação, ambicionam a criticidade perante a cultura, para que as pessoas entendam como cultura é um campo de disputa que se organiza também com o compartilhamento de compreensões e significados.

Como expõe Hall (2016, p. 20), “[...] os significados culturais não estão somente na nossa cabeça - eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos.”. Há por parte da hegemonia, um interesse em tornar a cultura e principalmente as narrativas que preservam a hierarquização da sociedade como ação natural e “irrefutável”. Basicamente em uma perspectiva e uma roupagem que possa camuflar-se no senso comum, sem origem, para que ocupe locuções essencialistas, biologizantes e únicas.

Em muitas análises feitas nos Estudos Culturais, busca-se, fundamentalmente, caracterizar o objeto sob análise como um artefato cultural, isto é, como o resultado de um processo de construção social. A análise cultural parte da concepção de que o mundo cultural e social torna-se, na interação social, naturalizado: sua origem social é esquecida. A tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização. (Silva, 1999, p. 134)

Fundamentar a pesquisa tendo como arcabouço teórico os Estudos Culturais, não apenas proporciona um diálogo adequado com o objeto de análise da pesquisa, os três personagens coadjuvantes/”protagonistas” masculinos negros na série “Cara Gente Branca” (2017), da plataforma *Streaming Netflix*, como possibilita olhares críticos à produção enquanto cultura popular, que dispersa representações e significados. Este campo metodológico permite problematizar a constituição das identidades sociais, decorrentes das interpelações culturais. Pela perspectiva do criador de “Cara Gente Branca”, Justin Simien, é possível compreender que o roteirista tem em mente o movimento mercadológico que engloba a cultura, uma vez que em entrevistas passadas, fez questão de enfatizar como observa o mercado não preocupado com as representações de pessoas negras, mas sim interessados em lucro, evocando que os únicos audiovisuais que despertam interesse em massa, são aqueles que apresentam pessoas negras em sofrimento, em representações de subalternidades, narrativas de escravização e mazelas sociais

decorrentes do racismo.³⁹ Uma vez, que parte do público consumidor, especialmente pessoas brancas, quando deparam-se com produções audiovisuais que denunciam violências raciais, desestabilizam lugares e narrativas, bem como, confrontam a supremacia branca, tendem a elaborar as preposições como se fossem um ataque, e não possibilidade de diálogo. A série “Cara Gente Branca”, ao ser lançada no ano de 2017, ao passo que conquistou espaço entre um público negro estadunidense e global, também despertou descontentamento entre os assinantes da plataforma, que se uniram em uma onda de boicote, alegando a propagação do que muitos evocaram como o falacioso e irreal “racismo reverso”.

Tomar como objeto analítico produções da “indústria cultural”, principalmente as mídias, direcionam ao entendimento do quanto os meios comunicacionais operam enquanto ferramentas para a consolidação de valores culturais e ideológicos, que como ressalta o brasileiro Carlos Eduardo Lins da Silva⁴⁰ (1985), têm sido muito manuseados pela burguesia, para que alcancem seus fins ideológicos. O pesquisador enfatiza que operação da indústria cultural e seus impactos no social não devem ser demonizadas ou negativas, como se fossem únicas e exclusivamente aparatos alienantes. Em consonância, Hall (2023, p. 361) afirma que as mídias não são como os estímulos físicos, [...] o programa televisivo não é um estímulo comportamental, como uma batida na rótula do joelho [...], assim, ser interpelado por uma mensagem/um produto cultural, não significa cair em um “transe” e uma alienação completa e instantânea. Torna-se preciso pensar a recepção das mensagens, de modo sucinto, pode-se evidenciar que para surtir grandes efeitos, os códigos transmitidos devem minimamente fazer sentido ao público receptor, caso contrário, quiçá, nem sequer instigarão o consumo e nem cumprirão seu objetivo enquanto produto da indústria cultural

[...] sob a forma *discursiva* que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido - transformado de novo - em práticas sociais, para que o

³⁹ Leia mais em: <https://www.theguardian.com/film/2015/jun/25/justin-simien-im-black-im-a-man-im-gay-but-im-more-than-a-ll-of-those-things> Acesso em 20 Mar. 2024.

⁴⁰ Homem branco, brasileiro, jornalista e autor de livros e ensaios sobre jornalismo, política e sociedade.

circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum ‘sentido’ é apreendido, não pode haver ‘consumo’. (Hall, 2023, p. 357)

Silva (1985) reconhece que é inegável as tentativas de monopólio da burguesia frente às produções culturais, dispersando suas formas de ver e organizar o mundo. Entretanto, ressalta o pesquisador, que em tudo há contradições, pois, a indústria cultural tornou-se um campo de disputa de diferentes classes e grupos. Portanto, não há necessidade de elencar as produções como agentes alienantes que deturpam a “cultura”, esta entendida na perspectiva classista e hierarquizada.

Adorno e Horkheimer estavam corretos quando afirmavam a transformação do produto cultural em simples mercadoria em busca de seu espaço no mercado de consumo. Só que não há razão para escandalizar-se por isso. Nada mais natural que a cultura também sofresse os efeitos da Revolução Industrial. Ela é produzida socialmente, não no vácuo. Portanto, sofre os efeitos - ao mesmo tempo em que influencia - do que ocorre na formação social. (Silva, 1985, p. 20)

Utilizar os artefatos produzidos e dispersos pela indústria cultural, é uma forma de evidenciar como os meios não operam apenas em função de pulverizar discursos nas lógicas dominantes e hegemônicas, como reforça Silva (1985), as contradições dentro da indústria, evidenciam movimentações que sinalizam tanto como resistência quanto como compreensão mercadológica que outros públicos são também consumidores potenciais. Kellner (2001) evoca que a cultura pode ser uma mercadoria e suas criações são difundidas e acessadas, pensadas e destinadas para venda, como acontece pelas e nas mídias.

Em muitos casos, isso significa produzir um mínimo denominador comum que não ofenda as massas e atraia um máximo de compradores. Mais precisamente, a necessidade de vender significa que as produções da indústria cultural devem ser eco da vivência social, atrair grande público, e, portanto, oferecer produtos atraentes que talvez choquem, transgridem convenções e contenham crítica social ou expressem ideias correntes possivelmente originadas por movimentos sociais progressistas. (Kellner, 2001, p. 27)

A contemplação dos arranjos e ajustamentos das produções da indústria cultural, nos leva a problematizar o que poderia ser nomeada como “militância comercializada”, observando como a indústria cultural, em suas contradições, “rompe” minimamente em

alguns momentos com seus valores ideológicos e hegemônicos de sociedades patriarcais, machistas, misóginas e racistas, produzindo conteúdos denunciativos perante algumas das mazelas que grupos minoritários enfrentam. Todavia, aproveitar desses espaços para narrar de fato outras histórias, exibindo outras representações, especialmente para grupos marginalizados e hostilizando, mesmo sabendo que seguirão sendo monopolizados pela burguesia hegemônica e conservadora que visa lucro, é estratégico e válido. Segundo Hall (2023, p. 313), “[...] o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la, chamando-a de ‘o mesmo’, não adianta.”.

Os Estudos Culturais contemplam as movimentações sociais e abrem brechas para ocupar espaços e outras narrativas, especialmente para aqueles/as que tiveram suas identidades atravessadas e constituídas como depósito da abjeção do hegemônico. Se uma parte da estratégia da hegemonia é de alocar no senso comum o que quer naturalizar, a cultura popular apresenta tal potencialidade, seja para intensificar hierarquizações, estereótipos e narrativas simplistas sobre identidades, seja para manifestar novos enredos, “O papel do ‘popular’ na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares [...]” (Hall, 2023, p. 314).

Se tempos atrás, a cultura era clivada e rechaçada pela burguesia que estabeleceu a hierarquização em alta cultura e baixa cultura, cultura clássica e cultura popular, compreendendo o potencial da cultura popular, a hegemonia não se ausenta de dominar até aquilo que era menosprezado.

Entretanto, como a cultura popular tem se tornado historicamente a forma dominante da cultura global, ela é, então, simultaneamente, a cena, por excelência, da mercantilização, das indústrias onde a cultura penetra diretamente nos circuitos de uma tecnologia dominante - os circuitos do poder e do capital. (Hall, 2023, p. 315)

O potencial da cultura popular/da cultura da mídia, não é desperdiçado pela cultura hegemônica, esta potência dialoga com as possibilidades de discursos e domínio. Kellner (2001, p. 10), ressalta a importância de observar a cultura em suas interações com as lutas “[...] políticas e sociais, além da maneira como ela molda a vida diária, influenciando o

modo como as pessoas pensam e se comportam, como se vêem e vêem os outros e como constroem sua própria identidade”. O pesquisador enfatiza como a indústria cultural cria produtos e produções que dispersam e reproduzem discursos que são pautados nos conflitos sociais de cada período. Assim como a indústria acompanha os contextos, a indústria cultural também se atenta às realidades em que se encontra, “[...] sociedade e cultura são terrenos de disputa e de que as produções culturais nascem e produzem efeitos em determinados contextos”, (Kellner, 2001, p. 13).

Enquanto avanço nas discussões sobre os Estudos Culturais, contemplo a complexidade que acompanha a sociedade e a cultura, a proposta perante tão emaranhado de fatores é a de que as minhas pesquisas sejam “análises culturais”, e como supracitado, é a “[...] concepção de que o mundo cultural e social torna-se, na interação social, naturalizado: sua origem social é esquecida. A tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização” (Silva, 1999, p. 134). Assim, a análise cultural evidencia que os artefatos culturais/ a indústria da mídia - usando as nomenclaturas possíveis - não são resultados inatos da vivência em coletivo, não são frutos do acaso, não são naturais, mas sim cômputo de disputas. “A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla”, reforça Silva (1999, p. 133).

Significar é ensinar, é cristalizar pensamentos e alocar narrativas para as coisas, ações, pessoas, identidades e afins. Significar é basicamente ditar o mundo.

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar - e o que não. (Kellner, 2001, p. 10).

A análise cultural que me proponho a executar, é enxertada de inúmeras “obrigatoriedades” que me fazem vislumbrar segurança na pesquisa. Ainda que os Estudos Culturais não se fixem em imposições e estruturas rígidas com cobranças, o caminhar pelo aporte teórico, pressupõe problematizar os significados culturais, evidenciar discursos

hegemônicos dominantes que constantemente operam para a hierarquização não apenas da cultura, mas dos corpos que a compõem, bem como, atentar para os movimentos de resistências e contra-hegemônicos, haja vista que analiso um campo de disputas. Sinto também a responsabilidade de manifestar meu posicionamento político, de denunciar mazelas e violências que são estruturadas e operam por intermédio da cultura, na expectativa de devolver ao mundo contribuições libertadoras e transgressoras. Por fim, enfatizo o teor pedagógico das produções culturais, que transpassam os muros das instituições de ensino e operam como docentes 24 horas por dia.

As pessoas passam um tempo enorme ouvindo rádio, assistindo à televisão, frequentando cinemas, convivendo com músicas, fazendo compras, lendo revistas e jornais, participando dessas e de outras formas de cultura veiculadas pelos meios de comunicação. Portanto, trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades [...] (Kellner, 2001, p. 11)

Não tenho aqui, necessariamente, a intencionalidade de dialogar sobre formas de combater a educação que advém das mídias, isso pela compreensão de que seria uma batalha provavelmente perdida, uma vez que estaria tentando combater algo que submerge a vida das pessoas por completo. A preocupação está em como a mídia tem nos educado, uma vez que ela está presente 24 horas, enquanto espaços educacionais físicos e as instituições de ensino ocupam partes segmentadas das vivências e rotinas.

Não há intencionalidade de me opor à tal forma educacional, retalhar as mídias como pedagogia, mas contemplá-la e, por que não, utilizá-la como uma potencialidade para difundir conteúdos contra-hegemônicos. Se as mídias exercem pedagogias culturais, é preciso aprender e ensinar a lidar com elas. “Os artefatos midiáticos possuem um potencial pedagógico para produzir significados que são compartilhados e intercambiados através das diferentes linguagens na constituição subjetiva do sujeito [...]”, ressalta Teruya (2021, p. 11). Portanto, atentar-se ao teor pedagógico das mídias, torna-se mister.

O pesquisador colombiano Jesús Martín-Barbero⁴¹ (2000, p. 55) evidencia que a escola “[...] deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados”. Por isso, estamos lidando com conhecimentos que “escapam” das instituições tradicionais de ensino, observando que os mais diversos campos na sociedade disputam pelo papel formador.

Não há nenhuma novidade quando se atenta ao papel formativo, educacional e transformador dos movimentos sociais em suas ações políticas. A brasileira Nilma Lino Gomes⁴² (2017, p.17) investigou o impacto do Movimento Negro brasileiro e seu caráter educador.

[...] os conhecimentos sobre as relações raciais e as questões da diáspora africana, que hoje fazem parte das preocupações teóricas das diversas disciplinas das ciências humanas e sociais, só passaram a receber o devido valor epistemológico e político devido à forte atuação do Movimento Negro. Esse movimento social trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das reações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para o cerne das discussões teóricas e epistemológicos das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico.

São esses outros canais formativos e educacionais que por vezes tangenciam a educação formal/institucional na constituição de saberes ancestrais, identitários e culturais que acompanham os indivíduos. Assim como compreendemos que gênero não é marcador ou característica inata no ser, mas sim construída, elaborada, atravessada pelos múltiplos contatos sociais e permeada por possibilidades e impossibilidade, racialidade também é.

⁴¹ Homem branco, semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano, nascido na Espanha. Pesquisador de Comunicação e Cultura, Estudos Culturais contemporâneos, comunicação popular, cultura midiática, modernidade, globalização e políticas culturais.

⁴² Mulher negra, brasileira, antropóloga, pesquisadora nos campos de educação e diversidade, com ênfase nos diálogos de enfrentamento do racismo e promoção da igualdade racial no contexto educacional. Reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB – em 2013 e 2014, sendo a primeira mulher negra a ocupar o cargo mais importante de uma universidade federal no Brasil.

Ser negro, é além disso, tomar consciência do processo ideológico, que através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegura o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada., a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 2021, p.115).

Entender que outros canais e caminhos desempenham tanta influência educacional quanto os meios formativos institucionais, confirma a compreensão do peso das mídias como pedagogias culturais. Teruya (2021) expressa que nos anos atravessados pela pandemia da Covid-19⁴³ (2020-2023), plataformas de divulgação de conteúdos midiáticos, como o Youtube, tornaram-se mais ainda espaços pedagógicos e até democráticos, haja vista a possibilidade das mais diversas pessoas produzirem e compartilharem seus conteúdos audiovisuais.

Essa plataforma digital, portanto, acumulou uma gigantesca quantidade de vídeos que permitem ensinar habilidades técnicas, conhecimentos de diferentes naturezas, valores, modos de ser, pensar e agir no mundo. Assim, esses canais produzem pedagogias culturais para atender a todos os tipos de público, em nível global. (Teruya, 2021, p. 11)

Contemplando a potencialidade dos meios comunicacionais e seus alcances, Martín-Barbero (2000), expressa como é necessário ocupar espaços nas mídias, bem como as mais diversas pessoas assim fazem e fizeram ao longo da pandemia, como supracitado. Olhando para o campo educacional, especificamente dialogando com as escolas. “Só assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela nossa sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam mudanças.” (Martín-Barbero, 2020, p. 59). Amplio a fala de pesquisador, para pensar se tal estratégia

⁴³ A Pandemia da COVID-19 originada pela transmissão de um novo vírus (SARS-CoV-2) teve seu primeiro registro em pessoas na China, ano de 2019. Em 2020, a OMS (Organização Mundial de Saúde) nomeou o que vivíamos como Pandemia. Por infortúnio, atravessamos esse momento liderados por uma presidência que tratou com leviandade uma doença que ceifou mais de 705 mil pessoas.

não deve ser tomada especialmente por grupos minoritários, enquanto de fato observamos estas movimentações, com produtores/as negros/as, LGBTI e demais identidades dissidentes, produzindo narrativas outras com/pelas mídias. Martín-Barbero (2000) evoca e instiga a possibilidade de que produções ancoradas nas tecnologias e nas mídias não se restrinjam às mãos das classes mais favorecidas/dominantes.

A análise cultural que desenvolvi aqui, seguem então atentas não só aos contextos de criação, mas aos endereçamentos e às mensagens estabelecidas e impregnadas nas produções.

[...] a análise cultural, tal concebida pelo campo dos Estudos Culturais, atenta para os processos socioculturais, nos quais os agentes são tomados como epicentros das práticas que dão significação e movimento à vida social. Uma análise da cultura, não leva em consideração somente aspectos que envolveriam uma atmosfera da cultura no sentido das manifestações artísticas de um povo. Sempre mais complexa, a cultura permeia todo o modo de vida de sujeitos, entendidos como agentes nos processos sociais. (Lisbôa-Filho, Machado, 2015, p. 2)

Embasados por Kellner (2001), Teruya (2009, 2008, 2021), Martín-Barbeiro (2000) e tantas outras/os supracitados, fundamento que a análise cultural não há de se prender em uma só teoria, com um suposto foco na comunicação, ainda que problematize as representações de masculinidades exibidas em uma produção audiovisual, estou dialogando sobre educação. Os estudos culturais se caracterizam como um campo abrangente, amplo e interdisciplinar e não uma disciplina restrita e delimitada. A aproximação das mídias com a educação se fortalece ao passo que se entende como as produções culturais e a vida na cultura é pedagógica, as “[...] pedagogias estão nas imagens, anúncios publicitários, desenhos animados, brinquedos, materiais escolares, filmes, séries, novelas, bandas, cartazes, *outdoors* e a moda” (Accorsi, Baliscei, Takara, 2021, p. 16).

Reforço que não há intenção aqui de transformar ou anunciar as mídias como “monstros” que nos “perseguem” todos os instantes de nossas vidas. Entretanto, é inegável o quanto as mídias suscitam discussões teóricas em torno de sua onipresença e seu caráter nocivo quando enxertadas de mentalidades supremacistas branca, sexistas e demais

opressões. Na perspectiva dos Estudos Culturais, não há motivos e nem respaldo para demonização das mídias e suas produções culturais, mas há intencionalidade de enfatizar como aprender a ler, escrever e produzir sobre esses artefatos culturais, equipado de teor crítico e entendimento cultural, é fundamental. Ancorado por Teruya (2008, p. 4), afirmo que “[...] é necessário educar para a mídia, conhecer as implicações que a manipulação ideológica da indústria cultural pode causar [...] em nós, sociedade consumidora”.

Assim, na análise cultural embasei-me na teoria da recepção, pensado por Hall (2023), que orientou a minha compreensão de que somos interpelados por produções imersas em significados e intencionalidades, todavia, não somos atingidos do mesmo modo por tais artefatos e mensagem. A depender dos arranjos sociais, seus padrões, valores, costumes e preceitos culturais, as mensagens ganham atuações diversas. Isso possibilita evocar marcadores em meu objeto de estudo. Dialogando com uma série estadunidense, que relata vivências de jovens em uma universidade aos moldes culturais dos Estados Unidos, todavia, seja pela globalização, seja por certas similaridades de atravessamentos que tangem raça, gênero e sexualidade desde as geografias norte-americanas, até a América Latina, teço relações com as narrativas apresentadas. Longe de querer equiparar as violências em contextos culturais diferentes (estadunidenses e brasileiras), mas evocando convergências, bem como sinalizando que o grande consumo de produções do norte-global, interfere na construção das nossas identidades locais.

O consumo ou a recepção da mensagem da televisão é, assim, também ela mesma um “momento” do processo de produção no seu sentido mais amplo, embora este último seja “predominante” porque é o ponto de partida para a concretização da mensagem. Produção e recepção da mensagem televisiva não são, portanto, idênticas, mas estão relacionadas: são momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo. (Hall, 2023, p. 359)

A análise cultural evidencia que há um fluxo de continuidade, não bastando apenas problematizar a produção em seu momento de desenvolvimento, analisando os discursos empregues às narrativas postas e a atuação da hegemonia ou dos movimentos contra-hegemônicos no “fazer” do artefato cultural. A recepção é um momento tão

imprescindível quanto sua criação, assim, refletindo sobre como um artefato cultural é recebido, interpretado e internalizado, seja no visual, no auditivo ou nos discursos que inter cruzam ambas as categorias. “O signo televisivo é um signo complexo. Ele é constituído pela combinação de dois tipos de discursos, o visual e auditivo” (Hall, 2023, p. 361). Aqui, amplo para as produções audiovisuais de séries.

1.2. Cultura visual

Em sua perspectiva multidisciplinar, utilizo a abrangência possibilitada pelos Estudos Culturais, a fim de contemplar o espaço nesta análise cultural, recorrendo aos Estudos da Cultura Visual. Sinalizo que a problematização da série “Cara gente branca” (2017), transcende aos discursos narrados/auditivos, uma vez que a estruturação de um elenco majoritariamente negro, oportuniza horas de tela de/com pessoas negras em enredos diversos. Com as imagens apresentadas, lidas também em atravessamentos de uma perspectiva dos Estudos da Cultura Visual, enxerto os meus diálogos com a teoria da recepção de Hall (2023).

A imagem em movimento criou novas formas de recepção coletiva e simultânea, mas a imagem eletrônica potencializou e ampliou as formas de recepção e visualidades, estendendo seu alcance e impacto para a produção e a criação. (Tourinho, Martins, 2011, p. 56)

Encontrar espaço e importância para a visualidade em nossa análise cultural não pode em momento algum ser entendido como um desvio das rotas analíticas, seja pelo fato dos Estudos Culturais sequer limitar as possibilidades e formas de pesquisar, seja pela compreensão de que o visual “diz sem palavras” e nossas formas de ver e não ver, evocam significados e influências socioculturais. Semelhantemente, os Estudos da Cultura Visual, como nos evoca o espanhol Fernando Hernández⁴⁴ (2011), não se constitui com limites metodológicos, epistêmicos e pedagógicos, o que segundo o autor, cria “oportunidade para

⁴⁴ Homem branco, espanhol, pesquisador, professor e escritor. Pesquisa Arte Educação como Conhecimento Cultural, Estudos da Cultura Visual, educação criativa e uso das artes na educação.

construir, explorar e avançar na compreensão de como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos.” (Hernández, 2011, p. 32).

As pontes de intercruzamento entre os Estudos Culturais e os Estudos da Cultura Visual, ambos datados da segunda metade do século XX, indicam que produzir uma análise cultural, ancorada nos preceitos de interdisciplinaridade, pode ampliar os pontos de problematização. Aprendi dos Estudos da Cultura Visual não um direcionamento aos diálogos sobre estudos das artes, mas sim, sobre visualidade, consentindo e compreendendo a importância do que é visto e nos vê - nos interpela. A brasileira Irene Tourinho⁴⁵ e o brasileiro Raimundo Martins⁴⁶ (2011, p. 60) expressam que “cada ato de ‘ver’ é também de ‘não ver’ porque, quando fixamos nosso olhar num determinado espaço, ponto ou objeto no campo visual, algumas coisas sempre permanecem invisíveis.”. Ambiciono destinar os olhares para aqueles/as que por muito tempo foram esquecidos, invisibilizados ou tiveram suas representações tomadas e arquitetadas de forma pejorativa, tendo por vezes suas imagens reduzidas meramente a estereótipos.

Ao tecer um diálogo quanto o peso político, simbólico e cultural das imagens, Oliveira (2020, p. 29) diz que ao narrar imagens de materiais didáticos de sua infância, denuncia como por vezes, as visualidades limitavam-se a representações brancas cis-heteronormativas. Para a autora, estas imagens no espaço escolar, embora representassem corpos específicos, se comunicavam diretamente com aqueles/as lidos em sociedade como “dissidentes”/não norma, informando e evocando pedagogicamente a quais presenças aquele espaço era planejado. Segundo a autora, as imagens afirmavam “padrões de branquidade e da norma cisgênera heterossexual e informaram a mim e a outras crianças pobres, negras e/ou Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), que nossa caminhada dentro da escola não seria assim tão suave.”, em consonância, hooks (2023, p. 37), esboça que “[...] no mundo das representações, a branquitude é o elemento essencial para o sucesso maior”.

⁴⁵ Mulher branca, brasileira, pesquisadora e professora com pesquisas em mídias, cultura, sociedade, artes, formação de professores, cultura estética, Cultura Visual e currículo.

⁴⁶ Homem branco, brasileiro pesquisador e professor, com contribuições para a pesquisa em Arte, Educação e Cultura Visual.

[...] as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeito. Em suma, fixam a realidade de como olhar e nos efeitos que têm em cada um ao ser visto por essas imagens. (Hernández, 2011, p. 33)

Ao mergulhar nos Estudos Culturais e nos Estudos da Cultura Visual, contemplei que embora não haja delimitações restritivas nos campos, um ponto fundamental os instrui: a criticidade. É com ela que podemos compreender como “[...] as imagens da cultura da mídia olham os sujeitos ao mesmo tempo que os incentivam a olhar”. (Baliscei, 2020, p. 48). Tendo conhecimento desses atravessamentos de olhares, essas instigas e direcionamentos na forma de ver, pensar e agir, os Estudos da Cultura Visual, contribuem propondo “[...] uma mudança de foco do olhar e do lugar de quem vê.” (Hernández, 2011, p. 35). Este autor, explica que o que temos visto, têm produzido discursos reguladores, ao mesmo tempo que são criados em discursos, que não controlam apenas nossos olhares, mas também nós mesmos, aqueles/as que olham.

O campo dos Estudos Culturais e da Estudos da Cultura Visual levam a criticidade perante o que nos atravessa enquanto produções culturais, imagens/visualidades e afins, despertam estranhamentos e leva-nos a questionar as naturalizações que foram enraizadas em nossas formas de ver. Com isso, [...] vemos o mundo através de filtros produzidos pelas nossas histórias/trajetórias pessoais e culturais” (Tourinho e Martins, 2011, p. 60). Assim, quando me deparo com as visualidades, busco minhas referências internas, ou repertórios pessoais para atribuir familiaridade e sentidos ao que vejo, caso não encontre, tais visualidades geram estranhamento. O estranhamento pode ser ponto de partida para a criticidade. Como supracitado, reiteramos os questionamentos de Almeida (2019, p.63), quanto aos espantos que coletivamente a sociedade tem quando vê corpos diferentes dos estereótipos elencados, ocupando narrativas outras. São esses estranhamentos que se levantam com as identidades, pontos interessantes para problematizar sociedades hierarquizadas, e quando advindos e oriundos das produções culturais, nos suscitam a noção de que “Imagens midiáticas têm tanto poder que distorcem a realidade.” (hooks, 2023, p. 41), ao mesmo passo que as criam.

Tourinho e Martins (2011) entendem que perante os atravessamentos das visualidades há um fluxo de continuidade, não basta apenas problematizar a produção em seu momento de desenvolvimento, é preciso analisar os discursos utilizados, as narrativas postas e a atuação da hegemonia ou dos movimentos contra-hegemônicos no “fazer” do artefato cultural, semelhantemente, é preciso atenção para a recepção, as formas com as quais o público há de interagir e manusear aquilo que lhes foi apresentado.

Pensando em como melhor aplicar os conceitos apresentados nesta análise cultural, deparei-me com o conjunto de procedimento de investigação nomeado como PROVOQUE (Problematizando Visibilidades e Questionando Estereótipos), desenvolvido pelo pesquisador João Paulo Baliscai (2020). A intencionalidade do caminho oportunizado pelo autor tem por finalidade a leitura e a investigação visual crítica. Como ferramenta analítica, o PROVOQUE (2019) se desdobra em 5 etapas: Flertando, Percebendo, Estranhando, Dialogando e Compartilhando. O percurso trilhado por Baliscai (2020) para a elaboração do conjunto analítico é enxertado pelos Estudos Culturais e Estudos da Cultura Visual, bem como pelas contribuições significativas do sistema analítico Image Watching, de Robert William Ott, como ressalta o próprio autor.

O ponto de enfoque no qual Baliscai (2020) estrutura seu conjunto analítico, distinguindo-se daquele que o instigou, o Image Watching, nos apresenta então potencialidade para aquilo que aqui me propus a fazer na análise cultural. Baliscai (2020), com PROVOQUE enfoca estereótipos, assim, a investigação das imagens pode e passa a ser problematizada a partir da recorrência ou ausência de narrativas enraizadas que se ancoram no senso comum., “[...] identificando e desestabilizando estereótipos que insistem em validar algumas representações e desprezar outras.” (Baliscai, 2020, p. 65). O autor ainda enfatiza que as investigações não devem se restringir ao ensino das artes, e muito menos se fixar apenas em produções artísticas entendidas como “clássicas”, haja vista seu embasamento nos Estudos Culturais, que rompe com tais clivagens na perspectiva de cultura.

Emprestar PROVOQUE enquanto ferramenta e metodologia para análise cultural, não pode ser entendido de forma alguma como meio de limitar a análise, ainda que o conjunto analítico se apresente como um ponto de partida para “guiar” nossos olhares

críticos, ele é entendido como uma pré-rota e não um passo a passo fixo. Percorro os pontos de PROVOQUE com inquietações e questionamentos que emergem da subjetividade, das/os referenciais teóricos em que me embasei e da particularidade de quem se vê no que pesquisa. Assim, tal como os Estudos Culturais e os Estudos da Cultura Visual, PROVOQUE não surge nesta pesquisa para restringir minhas possibilidades de interdisciplinaridade, mas sim como sinalizador dos caminhos que percorro para analisar os três personagens masculinos de “Cara Gente Branca” (2017) com enfoque nos possíveis estereótipos, compreendendo que até a ausência dos estereótipos comumente utilizados e acessados nas produções audiovisuais, também comunicam algo, quiçá o vislumbre de que as “cartas” do jogo das representações estão passando por outras mãos, hooks (2023, p. 164) expõe que “Representações colonizam a mente e a imaginação”, e quando bem empregadas, representações são libertação.

Assim, para melhor entender a pré-rota proposta por PROVOQUE (2019) e que utilizo, compreendo ser válido destrinchar cada categoria que percorri. Esta proposta inicia com “Flertando”, momento no qual observo de forma subjetiva contemplo as imagens (e narrativas) que interpelam e despertam algo em mim, seja positivamente, seja negativamente, paixão ou aversão aquilo que vejo e entendo da narrativa. Em uma gama de visualidades e possibilidades de imagens e enredos, escolho aquelas que de alguma forma instiga diálogos. A subjetividade e pessoalidade de maneira alguma são vetadas, mas sim entendidas enquanto catalisadoras para o flerte e as problematizações que hão de aparecer.

Em Flertando, os/as intérpretes visuais assistem a filmes, peças publicitárias, desenhos animados, novelas e programas televisivos; atentam-se a cartazes, anúncios, embalagens de produtos, páginas de revista, tatuagens, brinquedos, capas de cadernos, estampas de camisetas e demais artefatos da cultura visual que compõem seus imaginários visuais; ouvem músicas, debruçam-se sobre suas letras e ritmos e estudam as visualidades que constituem os movimentos dos corpos que dançam essas mesmas músicas. (Baliscei, 2020, p. 71)

A construção do *corpus* de análise inicia-se com os flertes, ação esta que com o tempo apresenta-nos aproximações e afastamentos com aquilo que se “corteja”. É em “Flertando” que Baliscei (2020) sinaliza o momento de estabelecermos os critérios de seleção do que analisaremos. Imerso nessa primeira ação analítica, o autor recomenda

alguns pontos para melhor estabelecermos as tratativas de inclusão e exclusão, entre elas, nos despertam grande interesse a percepção de buscar por imagens e narrativas que “[...] que promovam questionamentos e desestabilizações das representações convencionais contidas nos estereótipos.” (Balisei, 2020, p. 72).

Assim sendo, meu flerte evidentemente toma forma e materialidade ao deparar-se com corpos negros masculino na série “Cara Gente Branca” (2017), o primeiro critério de inclusão perante a certa “infinidade” de representações masculinas negras na série, fora a intencionalidade de lidar com os homens negros coadjuvantes, Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks, aqueles que ocupam espaço significativo de tempo no produto audiovisual e têm seus pontos de vistas evidenciados nos episódios. Aqui, novamente reitero que me ancoro nas discussões supracitadas com Hall (2023), dando importância tanto as narrativas auditivas e o roteiro, como também para as visualidades, e não em uma contemplação meramente estética, mas sim quanto a política de apresentar corpos não hegemônicos enquanto protagonistas.

Pensando em afunilar ainda mais nossos critérios de inclusão e exclusão do corpus de análise que desenvolvemos, seguindo a partir de uma das recomendações do idealizador do PROVOQUE, Balisei (2020), procuro por imagens, narrativas e representações que suscitam indagações e aparentam romper com as representações recorrentes sobre corpos negros, o que acaba por gerar ainda uma amplitude de imagens, uma vez que a série é estruturada visando fugir da recorrência de estereótipos, principalmente estereótipos racistas. Todavia, encontro uma particularidade entre os nossos três indivíduos de análise, a exposição de suas fragilidades. As discussões que produzo no capítulo posterior, que tange masculinidades, evidenciarão como entre as características do masculino, a fragilidade não é bem-vinda/vista; já nas discussões quanto a racialidade e negritude, os estereótipos que animalizam pessoas negras também vedam o sensível, assim, busco cenas que evidenciam e exibem com sensibilidade suas fragilidades e, de certa forma, apontam os alçozes que os levam até tais posições.

Visando não me fixar em representações e narrativas que exibem pessoas negras apenas em sofrimento, o caráter analítico aqui opera de maneira denunciativa, evidenciando por vezes os corpos brancos ou o patriarcado branco que leva os personagens

ao sofrimento. Todavia, não investiguei apenas o sofrimento, como mais um critério de inclusão, busco também cenas em que a felicidade seja presente de uma forma ordinária, sem a necessidade de romper e resistir a todo instante. Compreendendo que a representação positividade de suas existências, sem a necessidade constante de denunciar as mazelas que o corpo negro se encontra constantemente submetido, é político e potente, uma vez que se torna público, outras possibilidades de narrativas. Em síntese, analisei dois momentos de cada personagem, em uma análise cultural que dialoga desde a narrativa, o enredo até a visualidade da composição das cenas.

Dada a catalogação e a apresentação dos critérios de seleção para a investigação desta análise cultural, seguindo com o PROVOQUE, direcionei ao “Percebendo”, momento em que apresentei verbalmente e visualmente as imagens e narrativas selecionadas na etapa anterior, ou seja, após o flerte. Aqui a intencionalidade está em potencializar e expandir os olhares para além das composições imagéticas, observando a composição como um emaranhado que toca tanto o visual, quanto a narrativa. Segundo Baliscei (2020, p. 73), a descrição não é apenas visual, mas “[...] estratégia para que os sujeitos se atentem aos detalhes que em análises superficiais poderiam passar despercebidos.”. Em “Percebendo” não há apenas uma descrição da visualidade e da narrativa, há um preparo para as análises, instruindo e orientando os olhares para os pontos de problematizações que são endossados na etapa seguinte do conjunto analítico (Baliscei, 2020).

Assim não apenas socializo as imagens/cenas selecionadas, em uma certa sequência lógica para melhor entendimento do recorte da série, ou meramente os critérios de inclusão e exclusão; nesse momento suscito potenciais indagações geradas dos recortes estabelecidos, contemplando conexões e suas relações com estereótipos, sendo constituídos ou não por intermédio de aspectos que operam sobre corpos negros masculinos.

Posteriormente, adentro-me em “Estranhando”, nessa etapa tudo aquilo que fora levantado, selecionado e delimitado enquanto corpus de análise passa a refinar e aguçar de modo enfático questionamentos. A construção das visualidades, as narrativas, as imagens com ou sem estereótipos passam a ser problematizadas com mais afinco, a ação analítica proposta por Baliscei (2020, p. 75) nessa etapa, circunda a missão de “[...] formular e

lançar perguntas capazes de problematizar as imagens investigadas.”. Nesta análise, as imagens, os recortes da série e o enredo. Em “Estranhando” suspeito e coloco contra a parede a visão tácita e naturalizante, sinalizada e supracitada por Tourinho e Martins (2011), foi nesse momento da pesquisa que tecei indagações, cogitei possíveis significações e ressignificações para as mensagens apresentadas pela produção audiovisual.

Essa suspeita torna possível verificar que determinados sujeitos, corpos, gêneros, sexualidades, raças, etnias e profissões são valorizadas e evidenciadas, enquanto que outros são desqualificados em estereótipos ou até mesmo invisibilizados, afinal, artefatos da cultura visual, tais como filmes, propagandas, novelas e desenhos animados carregam e valorizam identidades específicas [...] (Baliscei, 2020, p. 75)

Baliscei (2020, p. 75) proporciona e questiona como “[...] determinados sujeitos, corpos, gêneros, sexualidades, raças, etnias e profissões são valorizadas e evidenciadas, enquanto outras são desqualificadas em estereótipos ou até mesmo invisibilizados”, tal movimento, como ressalta hooks (2023, p.165) socializa e educa as pessoas, faz com que indivíduos que ocupam a norma, naturalizem imagens estereotipadas de corpos dissidentes e os busquem na vida real no anseio de que o/a “diferente” performe conforme o imaginário supremacista branco.

As indagações, as suspeitas e as problematizações, levam a quarta etapa do PROVOQUE, “Dialogando”, momento em que visamos “responder” ou encontrar pontos de conexões e reflexões com fundamentações teóricas robustas. Em uma tentativa de somar as dúvidas e perguntas que germinaram na etapa anterior, ambicionei ampliar os significados e as interpretações perante as imagens e narrativas dos recortes da série, na qual me debruço. Baliscei (2020, p. 76) incentiva então que nesse momento confronte

[...] os estereótipos identificados nas imagens selecionadas com teorias, conceitos, dados, livros, documentos, reportagens, artigos, dissertações, teses ou outras produções que versem sobre a temática e que possibilitem evidenciar as relações de poder que atravessam a produção visual. (Baliscei, 2020, p. 75)

Os inter cruzamentos elaborados com base em autoras e autores dos campos dos Estudos de Gênero (que dialogam sobre sexualidade também), Raça e Masculinidades,

enxertam nosso momento de diálogo “Dialogando” sobre/com o produto cultural a qual me proponho trabalhar nesta análise cultural. O aporte teórico e a construção do saber, como parte da movimentação crítica, direciona também nossos olhares, uma vez que a “[...] a pesquisa é um dos caminhos pelos quais podemos desnaturalizar os estereótipos e denunciar as relações de poder [...]” (Baliscei, 2020, p. 77).

“Dialogando” não apenas possibilitou questionar como muitas imagens estão impregnadas de raízes rasas, naturalizadas e imersas em preconceitos e fundamentações simplistas, como oportuniza o confronto com outras possibilidades de imagens, que evidenciam uma gama infinita de outras significações para o que é apresentado. Se há uma recorrência de narrativas racistas e LGBTifóbicas, que aprisionam e cerceiam as possibilidades de existência de corpos negros e corpos não-héterossexuais, posso vislumbrar e suscitar novas histórias, enredos reais ou lúdicos que apresentem como aos nossos corpos, cabem outras narrativas, e não mais uma história única.

Por fim, em “Compartilhando” é o momento de compartilhar e socializar pensamentos, aprendizagens e, especificamente, nesse caso, a análise cultural. A apresentação dos resultados e das “conclusões” que se configuram sem ponto final, servem tanto para quem produziu a investigação (o/a pesquisador/a), quanto para aqueles/as que acessam da partilha do saber, aqui ambicionado para que rompa também com os registros e acessos mediados pela academia, e que tome forma entre outras camadas da sociedade.

A complexidade e fundamentação do procedimento investigativo oportunizado pelo PROVOQUE, apresentam respaldos suficientes para que se utilizem dele enquanto metodologia para a análise cultural, enfatizando mais uma vez a intencionalidade de não se restringir às imagens, mas sim no somar de visualidades e narrativas. Assim, PROVOQUE parece-me eficaz para esta investigação, logo, seguir a trajetória descrita pelo conjunto investigativo não nos veta a subjetividade e possibilidade de transcender o percurso durante a análise, mas sim, assegura um caminhar investigativo firme. Dessa forma, para as análises apresentadas nos próximos capítulos, ancorei-me nos passos supracitados.

Buscando verificar produções científicas que inter cruzam o objeto de investigação a qual me proponho estudar, os personagens de “Cara Gente Branca” e discussões quanto a gênero, raça e sexualidade, levantei por pesquisas *Stricto Sensu* disponíveis nas

plataformas *Google Acadêmico*, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), espaços digitais que aglutinam produções científicas. Destinados a uma análise qualitativa desse estudo, de imediato constatei uma ausência de dissertações e teses com os descritores que elenquei, o que me destinou a seleção de artigos científicos publicados em revistas científicas. Na busca entre o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com os descritores que em seguida serão apresentados, não tive saldos positivos. Para um melhor afinamento inicial, optamos por utilizar dos seguintes descritores: "Cara gente Branca" and "Masculinidade"⁴⁷; "*Dear White People*" and "Masculinidade" e "Masculinidade negra" and "Netflix" e destinar a busca por artigos no *Google Acadêmico*.

A busca pelo conceito de masculinidade é ampla e abrangente, ainda que haja um recorte racial empregue no gênero, pensar em masculinidades negras, é pensar o não encaixotamento de formas de ser, agir e estar no mundo. Ainda que seja possível instrumentalizar e fundamentar esta pesquisa com categorias pré-estabelecidas de masculinidades, as representações e performances podem transpor delimitações. Ao elencar "masculinidade negra" como descritor, não há um perfil específico de masculinidade desejável, mas sim, um desejo de entender como as masculinidades negras estão sendo abordadas nas pesquisas.

A utilização de 3 combinações de descritores já se fez necessária dado os baixos resultados encontrados inicialmente ao intercruciar as discussões de gênero, raça, sexualidade e *Netflix*/mídias. Respectivamente a cada conjunto de descritores supracitados, encontrei 10, 14 e 33 resultados, entre artigos, livros, resenhas, dissertações e teses, isso no *Google Acadêmico*. Visando trabalhar com dissertações e teses de outras bases e plataformas de produção científica, no levantamento realizado a partir do *Google Acadêmico*, utilizei apenas artigos publicados em periódicos nacionais, o que já indica parte dos critérios de exclusão na busca em tal plataforma. Também fora utilizado um

⁴⁷ Tendo como embasamento as discussões oportunizadas por Raewyn Connell (1995), em "Políticas da masculinidade", compreendo que o uso mais adequado da palavra é no plural, haja vista as diversas performances de masculinidades, posicionamento defendido nesta pesquisa, todavia, encontrando uma diminuição dos resultados quanto colocado no plural, entendo que no singular os resultados ainda cooptavam artigos que evocavam a palavra tanto no plural quanto no singular.

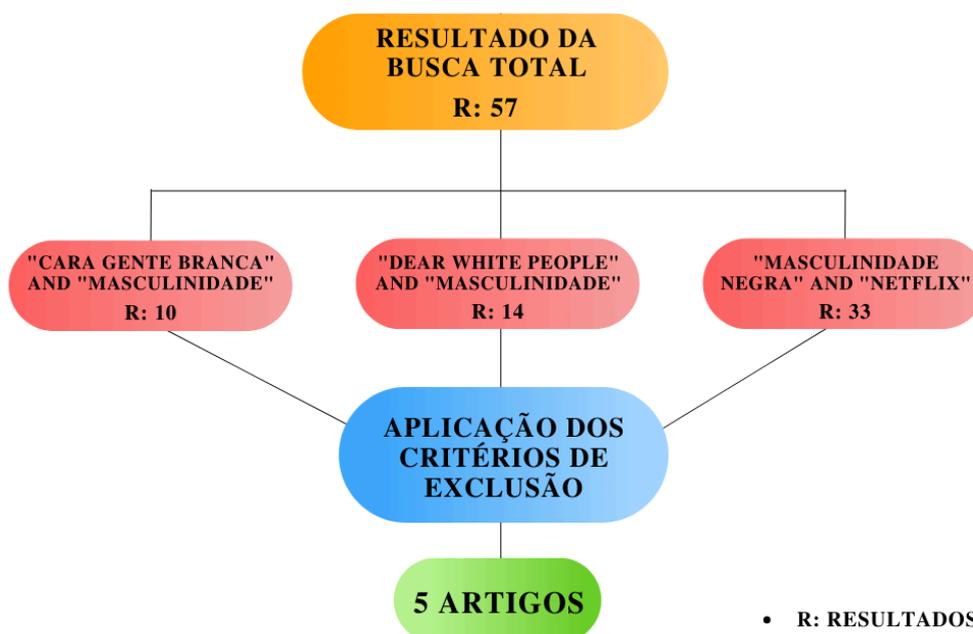
recorte temporal para localizar e analisar produções científicas apenas dos últimos cinco anos, de 2018 a 2022, bem como a especificidade de tratar apenas com produções nacionais, escritas em língua portuguesa.

A busca desembocou em uma somatória de 57 resultados, dado isto, para potencializar o crivo de seleção, analisei os títulos, resumos e palavras-chaves das pesquisas, inicialmente observando as produções que mais se aproximavam da temática proposta, os estudos das masculinidades negras e a série “Cara Gente Branca”, aquelas que flertavam com a discussão de imagens, marcadores sociais e interseccionalidade e aquelas que tangenciam o tema. Para alcançar um maior número de resultados e expandir as pesquisas, utilizei combinações de descritores, buscando termos correlatos e mais abrangentes, como “Netflix”, na expectativa de encontrar produções científicas que lidassem ao menos com as mídias e as questões quanto às masculinidades negras. É válido ressaltar que logo de imediato, foram identificados alguns artigos que interagem minimamente com discussões quanto masculinidades negras, mas sem aprofundamento das performances masculinas negras apresentadas em artefatos culturais, o que não necessariamente implicou no descarte total dos artigos

Caminhando então pela análise dos títulos, resumos, palavras chaves e a recorrência de alguns termos pertinentes ao assunto, como “Cara gente branca/*Dear white people*” (nome da série), “masculinidades negras” e “Netflix” (plataforma de *streaming*), afunilei os critérios para utilização ou descarte das produções resultantes da pesquisa no Google Acadêmico. A delimitação de utilizar apenas artigos publicados em periódicos, fora o primeiro critério determinante para inclusão ou exclusão na supracitada plataforma. Dissertações, teses, resenhas e livros foram descartados, pois a análise criteriosa para tais produções científicas se dará em plataformas que comportam especificamente dissertações e teses. Com um dos autores selecionados também encontrei uma recorrência de resultados, sendo uma publicação em revista, outra em anais de evento e a terceira em um congresso, todavia constatei que a escrita seria a extensão de uma mesma pesquisa, logo, me mantive fiel ao critério de utilizar apenas artigos em revistas científicas, descartando as demais produções.

Por fim, após o emprego dos critérios de descartes e inclusão, a exclusão de 35 resultados, por serem livros, monografias, dissertações, teses ou resumos de eventos científicos; a exclusão de dois artigos supracitados nesta pesquisa, sendo produções minhas com o professor Doutor João Paulo Baliscai, (Souza da Cruz; Baliscai, 2020 e 2021), que embora dialoguem diretamente com os descritores e os campos de interesse dessa pesquisa, discutindo como as mídias/produções culturais podem ampliar as discussões quanto as possibilidades de representações positivadas de jovens negros gays, já são resultantes do que busquei analisar e com nossa lente crítica, logo, optei por descartá-las aqui; há também a exclusão de 13 artigos que não dialogam diretamente com os descritores, em alguns casos, apenas apresentaram os descritores como notas de rodapé. Chegamos assim a 7 artigos dentro da temática, e fora necessário posteriormente eliminar mais dois, pois tratava-se de trabalhos repetidos de um dos autores, sendo textos parecidos em publicações diferentes. Logo, desenvolvi aqui a análise de 5 artigos.

Fluxograma 1: Fluxograma da seleção de artigos para a revisão de literatura



Fonte: Elaboração própria: resultado da seleção dos artigos.

Quadro 1: Tabela de artigos selecionados

Autoria	Título	Área de pesquisa	Ano
Carlos A. Gadea e Suelen Pinheiro Freire Acosta	A luta pela identidade: uma análise de “Cara Gente Branca” por meio da noção de interseccionalidade de Patrícia Hill Collins	Ciências Sociais	2019
Matheus Bibiano	Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina	Comunicação	2020
Milton Ribeiro	Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong.’ Homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira	Ciências Sociais / Antropologia	2020
Marco Aurélio da Conceição Correa e Elaine Sotero	Sonhos de prosperidade e esperança: Vidas em Sintonia nos universos das culturas periféricas de São Paulo	Educação	2020
José Lopes da Silva	Em meio a cílios, maquiagens, perucas e livros: diferentes formas de (re)produção das masculinidades	Educação	2021

Fonte: Elaboração própria: resultado da seleção dos artigos

Dando início às análises e discussões oportunizadas com as produções científicas que encontrei, iniciei com “A luta pela identidade: uma análise de “Cara Gente Branca” por meio da noção de interseccionalidade de Patrícia Hill Collins”, de Carlos A. Gadea⁴⁸ e Suelen Pinheiro Freire Acosta⁴⁹(2019). O artigo teve como objetivo analisar as diferentes situações e enredos de opressão vivenciadas pelas/os protagonistas da série Cara Gente Branca, exibida na plataforma de *streaming Netflix*. Utilizando como base analítica o primeiro capítulo da série (referente ao primeiro episódio), o autor e a autora tecem

⁴⁸ Homem branco, natural de Montevidéu, Uruguai, vivendo há 23 anos reside no Brasil. Professor e pesquisador em Teoria Social Contemporânea, Estudos Latino-americanos, Estudos Culturais e Memória social, Juventude, Educação e Cultura, Violência e Conflitos Urbanos, e Estudos Étnico-raciais.

⁴⁹ Mulher branca, brasileira, mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (CAPES/PROSUC).

reflexões sobre as lutas identitárias e as interferências interseccionais que recaem sobre os/as personagens da série, expondo como as opressões, exclusões e mazelas que acometem as existências não podem ser discutidas unívocas, pois se atrelam sobre as experiências e existências dos indivíduos.

Embasados pela abordagem e conceituação interseccional de Patrícia Hill Collins, supracitada, Gadea e Acosta (2019) distanciam-se de análises dicotômicas e dualistas enquanto trabalham com marcadores sociais e as relações de opressão. Segundo o autor e a autora, as lutas identitárias na atualidade requerem uma atenção à sua complexidade por assumirem intersecções sociais, as pessoas não são mais vistas como sendo “isso ou aquilo”, mas sim e bem provavelmente como “isso e aquilo”. Assim, contemplando o rol de personagens apresentados pela série “Cara Gente Branca”, Gadea e Acosta (2019) dialogam quanto aos arranjos identitários, as relações de subordinação e dominação nas quais as/os personagens transitam, bem como a hierarquização social que distancia homens e mulheres negras ainda que ambos sejam atravessados pelo racismo.

Gadea e Acosta (2019) utilizam de três dimensões de opressões esquematizadas por Collins para analisar o objeto de estudo selecionado, expondo assim uma dimensão institucional, apresentando como as estruturas sociais beneficiam homens brancos em detrimentos daqueles/as que divergem do padrão ideológico hegemônico, todavia, evocam como a masculinidade pode ser usada como tentativa de neutralizar danos e prejuízos do racismo, logo, homens negros tentariam romper com alguns lugares de subordinações institucionais suscitando masculinidade. Posteriormente, o autor e a autora, dialogam com a dimensão simbólica da opressão, contemplando se com as representações de alunas/os negras/os apresentadas/os na série acontece uma recorrência de estereótipos, até mesmo aqueles utilizados pelas próprias pessoas negras para garantia do sentimento de pertencimento, dando por exemplo a protagonista Sam, jovem negra militante que por vezes performa uma imagem idealizada sobre o que é ser uma “militante negra”. Ao finalizar a análise, Gadea e Acosta (2019) apresentam a “dimensão individual da opressão”, dialogando quanto às particularidades das/os personagens analisados, que travam seus conflitos coletivos, enquanto lidam com suas questões individuais, uma vez que nem todas as suas intersecções são divididas entre seus/suas iguais.

Gadea e Acosta (2019) concluem após a análise do primeiro capítulo de “Cara Gente Branca” que a obra ficcional oportuniza e viabiliza discussões interseccionais, evocando classe, gênero, raça e demais atravessamentos opressivos.

O artigo “Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina” de Matheus Bibiano⁵⁰ (2020), traz como objetivo um diálogo sobre a negritude e homossexualidade inspirado na análise do caso de Lionel Higgins, um dos protagonistas da série “Cara gente branca”. Nas discussões interseccionais, Bibiano (2020) contempla e problematiza as construções discursivas que recaem sobre seu objeto de análise (aqui apresentado como objeto por se tratar de um personagem ficcional, e não a vivência real de uma pessoa), que é constituído aglutinando marcadores sociais inferiorizados e marginalizados socialmente.

Para a análise e discussão, o autor selecionou cenas dentre as duas primeiras temporadas da série, ambicionando identificar discursos e flertes que reforçam a heteronormatividade do personagem analisado; buscando também aquilo que chama de “desenvolvimento da narrativa do armário”; bem como um estudo das relações entre raça e sexualidade apresentadas e vividas pelo personagem Lionel Higgins, tendo como pilar o que evoca como a “refutável concepção da heterossexualização do homem negro” (Bibiano, 2020, p. 100), que atrela a homossexualidade apenas a homens brancos.

Para um aprofundamento das discussões que circundam o personagem analisado, Lionel Higgins, já supracitado, Bibiano (2020), respalda-se inicialmente com o conceito de interseccionalidade, que expressa sobre as interações e atravessamentos das identidades sociais. E após dialogar sobre os percursos que a identidade do personagem Lionel Higgins percorre, identifica momentos em que se pode contemplar positividade em sua representação, momentos em que o jovem é apresentado como um dos heróis das narrativas que são apresentadas na série em decorrência de sua militância nas questões raciais, “a imagem do homem negro gay passa a ser associada a uma das personalidades que refletem a imagem do homem ideal.” (Bibiano, 2020, p.104). Entretanto, o autor

⁵⁰ Homem negro, brasileiro, pesquisador com estudos em representação de minorias sociais, televisão, masculinidades, questões raciais e política cultural.

ressalva como a performance positivada de Lionel, quanto a negritude e sua sexualidade, por vezes, direciona outros corpos masculinos negros e gays ao escárnio, colocando em questão a autovisão que homens gays podem ter sobre si e seus semelhantes.

Cabe ressaltar também como o autor e pesquisador Bibiano (2020, p. 100), em seus escritos, apresenta-se como um corpo que carrega marcadores sociais estereotipados e inferiorizados no social, quando evoca “[...] a nós, homens negros homossexuais”, enquanto inicia discussões sobre questões interseccionais, performatividades de gênero, papéis sociais e as implicações advindas dos marcadores de raça e sexualidade. O autor conclui suscitando o quanto a narrativa apresentada pelo personagem Lionel Higgins, em seus acordos e negociações como negro e homossexual, evidenciam dificuldades presentes na produção das subjetividades masculinas-negras-homossexuais, todavia, a sua representação na série também confronta a recorrência de estereótipos sobre corpos negros, apresentando outras realidades e formas de ser.

Em “‘Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong.’ Homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira”, Milton Ribeiro⁵¹ (2020) suscita inquietações que surgiram durante a pandemia de covid-19. Ele tece uma análise com o objetivo de pensar as masculinidades negras, imagens de controle sobre homens negros e os processos de representação do corpo negro na sociedade brasileira. Utilizando de uma das músicas do cantor e compositor Emicida (nome artístico do rapper Leandro Roque de Oliveira, de 37 anos, um homem negro), que Ribeiro (2020) reflete quanto as condições dos homens negros na sociedade brasileira e as visões e imagens dicotômicas nos circundam.

Estruturado em 3 seções, o autor dialoga com nomenclaturas hifenizadas, primeiro sobre “negro-tema”, momento em que apresenta uma análise bibliográfica/ breve panorama sobre os estudos de gênero e o alocar das masculinidades como objeto de análise, ressalta especificamente um déficit de interpretações perante a constituição das

⁵¹ Homem negro, brasileiro, pesquisador e professor com estudos em masculinidades negras, bichas negras, homossexualidades, bajubá, pensamento social amazônico e história do Movimento TRANSLGBQIA+ na Amazônia.

masculinidades negras, enfatizando uma carência de estudos que evoquem intersecções de raça e classe no campo. Para Ribeiro (2020), raça não deve ser tratada apenas como uma categoria de análise, mas sim como uma intersecção que acompanha, interfere e interpela todos os eixos e marcadores sociais. Após denunciar as lacunas quanto ao entrelaçamento de raça e classe nos estudos sobre as masculinidades, o autor apresenta dois autores que ao seu ver, o enxertam em suas inquietações, sendo Osmundo Pinho e Alan Ribeiro. É válido ressaltar que Ribeiro (2020, p. 119) fez questão de identificar os dois intelectuais supracitados como homens negros, apresentando-se também como um homem negro, “Escrever sobre a ‘pele alvo’ é pensar sobre as situações de *desprivilégios* e desvantagens sociais as quais nós, homens pretos, estamos submetidos [...]”.

Na sequência, em “Negro-lugar”, Ribeiro (2020) discorre então sobre a ferramenta metodológica que utiliza, a dimensão das “imagens de controle”, concepção da feminista negra Patricia Hill Collins. Lidando enfaticamente com a música “Eminência parda” (2019) de Emicida, o autor visa discutir as mensagens endereçadas aos homens negros e as delimitações de lugares para tais existências. “Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong”, trecho da música selecionada pelo autor, é utilizado para discutir sobre a fruição possível e dicotômica entre lugares e imagens condizentes e criadas na perspectiva estereotipada e limitante da branquitude.

Para finalizar, na seção, “Negro-imagem”, Ribeiro (2020) lida com as imagens e representações que compõem o imaginário sobre homens negros, mediante aproximação com as imagens de controle sobre mulheres negras oportunizada por Collins (2019), que as forja em uma perspectiva estadunidense, o autor constrói para o caso brasileiro figuras que se atrelariam aos homens negros, sendo a imagem do “Pivete”, resumidamente representando um criminoso em construção; o “cafuçu”, corpo negro hipersexualizado; o “mussum”, correspondente ao estereótipo do homem negro adulto malandro, cômico, vagabundo e derivativos; o “pai João”, o homem negro bondoso e “domesticado” e, por fim, a “bicha preta”, misturando raça, sexualidade e *performance* de gênero, bem atrelada ao feminino, uma vez que o corpo preto masculino tem uma predominância da heteronormatividade e selvageria.

Para Ribeiro (2020), um caminho possível é problematizar as masculinidades, a fim de encontrar fugas a todos os estereótipos que interpelam corpos de homens negros, desassociando tais existências de imagens e imaginários que reduzem, limitam e inferiorizam. Sendo necessário ler o Brasil e a formação dos indivíduos tendo em mente as intersecções que constituem e constroem as identidades, assim, conclui seu artigo.

Em “Sonhos de prosperidade e esperança: Vidas em Sintonia nos universos das culturas periféricas de São Paulo”, Marco Aurélio da Conceição Correa⁵² e Elaine Sotero⁵³ (2020), objetivaram promover reflexões sobre as dinâmicas da vida periférica usando da série Sintonia, disponibilizada pela plataforma de *streaming Netflix*. Mesmo não se propondo especificamente a lidar sobre masculinidades negras, o artigo além de trabalhar com os Estudos Culturais, analisando os artefatos culturais e suas influências na vida cotidiana, e suas influências na vida cotidiana, flerta com questões de gênero e raça ao discutir a constituição das três personas protagonistas da série, Doni, um jovem branco, Nando, um jovem negro e Rita, uma jovem branca.

Na análise da série, o autor e a autora do artigo, embasados em Stuart Hall, ressaltam como a produção cultural periférica, vinda de criadores de conteúdo/produtores de conteúdos locais, narram histórias sobre e na periferia com essa perspectiva de quem vive de fato tais realidades, intensifica a contemplação do teor pedagógico das imagens e o peso de responsabilidade perante o uso das imagens. Correa e Sotero (2020) evocam com a produção de Sintonia, assistida por milhões de pessoas na plataforma *Netflix*, muitos estigmas e estereótipos que circundam as favelas, reduzindo-as a pobreza, criminalidade e morte, poderiam ser alterados, enfatizando como as imagens ensinam formas de ver e contemplar o mundo a volta.

Discorrendo sobre a constituição dos personagens, o autor e a autora (2020), expressam como Doni, o jovem branco, vivenciando conflitos por estar atrelado a cultura do funk, que é marginalizada e conectada a negritude. Discorrendo sobre o personagem Nando, um jovem negro, as discussões evidenciam como a construção do personagem já

⁵² Homem negro, brasileiro, pedagogo, educador, escritor, pesquisador sobre cinemas negros, educação e as relações raciais.

⁵³ Mulher negra brasileira, mestre, pesquisadora sobre mulheres negras migrantes, representação midiáticas de mulheres negras, educação e currículo.

denuncia as “muitas dificuldades que jovens negros vivem nas situações de exclusão.” (Correa, Sotero, 2020, p. 433). Problematizam sobre o conceito de necropolítica de Mbembe, nessa ação governamental de “deixar morrer”, de modo que se escolhe corpos marginalizados para lidarem com mazelas sociais. Nando é constituído como um jovem imerso na criminalidade, contexto no qual encontrou possibilidade de sustento, em que vê sua masculinidade negra sendo formada, imersa em opressões, mazelas e estigmas. Para finalizar, dialogam sobre a terceira personagem, Rita, e nesse momento, apresentam-se mais preocupados em lidar e dialogar com um enredo que flerta com uma temática religioso cristão, em que se encontra a personagem. Não necessariamente discutem sobre a construção da feminilidade e os atravessamentos das performances de gêneros.

Correa e Sotero (2020, p. 439) concluem que ainda que a série deslize na representação dos personagens, ora reforçando alguns estereótipos e estigmas decorrentes do racismo estrutural, ora apresentando uma visão limitada quanto a periferia/favelas, “é preciso aproveitar as oportunidades para se promover discussões e representações que rompam com séculos de estereótipos e discriminações.” Logo, o uso da plataforma *Netflix*, todo seu alcance e a potencialidade pedagógica das produções audiovisuais, com ênfase em serem oriundas da favela, é algo positivo por tornar-se brecha para a desestabilização de visões preconceituosas.

No artigo “Em meio a cílios, maquiagens, perucas e livros: diferentes formas de (re)produção das masculinidades” de José Lopes da Silva⁵⁴ (2021), realizando uma análise de excertos do musical inglês “Everybody’s Talking About Jamie”/”Todo mundo falando sobre Jamie”, o autor problematiza arquétipos que circundam a concepção de “homem de verdade” e ambiciona possibilidades que rompam com a ideia de “natural” quando se fala de identidades e *performances* de gênero e sexualidade. O musical então é decodificado enquanto artefato cultural imerso em potência pedagógica e teor político e social.

Entrelaçando teóricas/os das discussões sobre gênero e sexualidade, com assertos do musical, Silva (2021) detalha a vida do estudante Jamie, protagonista do musical, como

⁵⁴ Homem branco brasileiro, pesquisador em educação, gêneros e sexualidades, espaços, memórias, mídias e culturas.

um homem que lida com sua (homo)sexualidade, suas aproximações com o que é identificado como feminino e seus interesses pela arte *drag queen*⁵⁵. O autor constantemente dialoga sobre a pluralidade existente nas formas de se constituir em um sujeito, ou enquanto homem, evocando as relações do protagonista com mulheres, sendo alguns encontros positivos, pautados em acolhimento e respeito, e outros negativos, bem como a constância na dificuldade de relações com outros homens, dada as divergências nas performances de gênero.

Silva (2021) evoca a construção do “homem de verdade”, que constantemente tenta desvincular homens não heterossexuais do gênero masculino, além de apresentar padrões comportamentais que constituem o “natural” masculino, a virilidade. A partir de Jamie, seu objeto de análise, e as tramas que envolvem o jovem e um outro personagem da narrativa analisada, o autor analisa as relações conflituosas entre os personagens causadas pela não contemplação dos atributos do “homem de verdade” na performatividade do protagonista. Silva (2021) expressa e dialoga sobre a repulsa e o estranhamento do antagonista de Jamie por vê-lo não corresponder a aquilo que este “aprendeu a ver como ‘masculino’ ‘viril’, o ‘homem de verdade’”, reforçando que as imagens carregam potencialidades pedagógicas, sociais, políticas e estéticas. Logo, as produções cinematográficas são pedagogias culturais, seja ensinando estranhamento e aversão, seja problematizando visões rígidas e oportunizando narrativas e existências para além do “natural” imposto. O autor conclui que as produções do musical "Everybody 's Talking About Jamie" são necessárias e podem evidenciar que “[...]há mais em nosso mundo do que meninos que vestem azul e meninas que vestem rosa”. (Silva, 2021, p. 51).

As produções científicas já realizadas sobre as representações midiáticas de masculinidades negras com ênfase em uma concepção interseccional, evidencia que há dificuldades em encontrar de imediato pesquisas acadêmicas com a temática das masculinidades negras, interseccionalidade e as mídias que oferecem artefatos para

⁵⁵ Optei pela escrita de Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 18) para explicar o termo *Drag queen*, que pode ser delimitado enquanto uma performance artística referente a utilização de roupas e adereços identificados socialmente com um gênero diferente ao do artista. “*Drag queens/king* são transformistas, vivenciam a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo, não como identidade.”

pedagogias culturais. As discussões sobre estes pontos e elementos estão em ascensão, assim, ambiciono que esta produção encontre espaço entre tais diálogos.

Há um contingente expressivo de pesquisadoras/es que escreveram e escrevem sobre masculinidades negras, contemplando que há complexidade na constituição das identidades contemporâneas, que cada vez mais são elucidadas por intersecções. Vê-se a necessidade de pensar a pluralidade das performances masculinas negras bem como as imagens produzidas pelas mídias que atuam de forma pedagógica sobre as pessoas. É mister contemplar e analisar até que ponto o que se consume e o que tem sido disperso nas pedagogias culturais têm servido como possibilidades de existências para além de estereótipos e estigmas, assim refletimos sobre até que ponto seguimos com imagens limitantes e preconceituosas.

Como ressalta o escritor inglês-congolês JJ Bola ⁵⁶(2020, p. 115), “[...] aos homens negros, é sempre reservada uma associação estereotípica de ‘mano’, ‘da quebrada’ ou de bandido, uma figura relacionada às drogas e ao crime.”. A recorrência dessas imagens limitantes e estereotipadas nas produções cinematográficas, ora atuando como denúncia, ora como reforço de estereótipos e uma incapacidade de pensar corpos negros masculinos para além de tais narrativas, pode minar as possibilidades de representações ficcionais diversas, visto que “ Na maioria das vezes, as imagens da cultura popular homogeneízam modos de ser, definem o que as pessoas e as coisas devem ser e, ao defini-las dentro de padrões, as diferenças não contempladas, ao contrário, são excluídas.” (Cunha, 2008, p. 120), reforçando o título desta seção (1), “A cultura tem o poder de dizer o que se pode ou não ser”.

Assim, o trato com as imagens e a pluralidade de representações de masculinidades negras com seus atravessamentos interseccionais é um caminho de possibilidades para problematizar os estereótipos e contemplar possibilidades de (r)existência. Este estudo visa, em uma perspectiva plural, não apenas destrinchar marcadores sociais que podem e atravessam existências negras, como objetiva analisar os enredos e narrativas dos personagens Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks, homens negros

⁵⁶ Homem negro congolês radicado na Inglaterra. É escritor, poeta e educador.

coadjuvantes/”protagonistas” na série estadunidense “Cara Gente Branca” (2017) focando em suas masculinidades.



2. ONDE ESTÃO AS INTERSECÇÕES? VOCÊ NÃO É APENAS UM HOMEM NEGRO, É UM HOMEM NEGRO GAY.” - INTERSECÇÕES E IDENTIDADES

“Você nunca diz ‘esse cara branco’, você diz ‘esse cara’. Então por que você está mencionando ‘cara preto?’ Você tem que dizer ‘esse cara preto?’ Por quê?!”

(Fala de Pierre Webó, camaronês integrante da equipe técnica do time turco Istanbul Basaksehir em 2020 após sofrer um episódio de racismo).

Recordo-me facilmente da primeira vez que tive consciência para compreender que as insinuações e comparações ditas por coleguinhas de sala eram evidência do racismo que me atravessava desde o nascimento. O insulto destinado ao meu corpo de 9 anos, por outra criança da turma, naquele dia ganhou contornos diferentes, de certa forma, entendi como alguns iriam me ver, e como tentariam sempre inferiorizar minha existência. Ainda que talvez aquela criança que me ofendia não entendesse as estruturas de opressão e os propósitos políticos, históricos e culturais em menosprezar minha cor preta, sua ação me serviu de alerta: Sou “outro”!

O insulto racista em sala de aula, não fora provavelmente o meu primeiro episódio de violência racial. Compreender os códigos das estruturas opressivas do racismo, fez com que eu revisitasse o passado para nomear o que sempre esteve em minha história, mas não

tinha nome. “Ah, sim! Não ser disputado na quadrilha da escola pode ser decorrência do racismo!”; “Hum, talvez aquele professor que desacreditava de mim e dizia que eu não seria nada, era na verdade um racista!”. Os episódios compartilhados com outros corpos negros evidenciam uma recorrência de narrativas, ressalta Souza (2021) supracitada, enfatizando que nascer negro é partilhar também de dores.

Chegar atualmente a tais conclusões e conseguir nomear estas práticas de violências, não ameniza os sofrimentos que interpelaram/interpelam nossos corpos perpassados por constantes opressões, todavia, possibilita o desprender-se de culpas que nunca tivemos, bem como oferece a chance do fortalecer da minha/nossa auto-estima e construção do eu. “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas.” (Souza 2021, p. 46). De certa forma, entender uma pessoa negra em sociedades supremacistas brancas e racistas, é ter uma identidade permeada por violências. “Mas é também, e sobretudo, a experiência de compreender-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.”, complementa a autora.

O título da seção (2), retirado do diálogo entre Lionel Higgins e Silvio (editor do jornal estudantil da universidade fictícia de Winchester, em que Lionel atua), evoca de imediato o que discuto nessa dissertação, intersecções e a construção das identidades, especialmente em uma lógica e ótica de atravessamentos dos marcadores sociais que nos constituem. A cena em questão, apresenta-nos o diálogo entre os personagens, após Lionel Higgins (uma das masculinidades que analiso), escrever um artigo para o jornal sem ressaltar as demais violências que assolam a universidade. Silvio, seu chefe, lhe questiona o porquê de negligenciar as intersecções que compõem Lionel, “Você não é apenas um homem negro, é um homem negro gay”, afirma o personagem, que se depara com a resposta controversa e tímida de Lionel, “Eu não me encaixo nesses tipos de rótulos!”. Ainda que o personagem, até o momento encontre certas dificuldades de anúncio sobre sua identidade atravessada por marcadores, haja vista que a cena acontece no começo do segundo episódio da série, o decorrer da narrativa desenvolve o que nos é entendido como inevitável, as intersecções são percebidas, lidas e acessadas socialmente.

Quando eu tinha entre 12 e 13 anos, fui ao médico por causa de uma gripe. Após a consulta ao me dirigir à porta, ele, de repente, me chamou. Ele estivera olhando pra mim e disse que havia tido uma ideia. Ele, sua esposa e dois filhos, de aproximadamente 18 e 21 anos, estavam indo viajar de férias. [...] ele estava pensando que eu poderia ir com eles. O médico então propôs que eu cozinhasse as refeições diárias da família, limpasse a casa e eventualmente lavasse as roupas. (Kilomba, 2019, p. 93)

O relato supracitado da afro-portuguesa, Grada Kilomba⁵⁷ (2019, p. 93) enfatiza como os múltiplos atravessamentos identitários e intersecções alteram as formas com que somos entendidos, por vezes, tendo partes anuladas e tolhidas, ora a infância, ora a humanidade, “[...] a jovem menina não é vista como criança, mas sim como uma servente.”, relata Kilomba (2019) ao recorrer à sua memória de infância, exemplificando mais uma vez como nossos marcadores não apenas anunciam diversidade, mas sim os lugares aos quais em sociedades racistas, machistas e patriarcais, nossos corpos são imaginados e alocados. Da “aparente” despreziosa proposta de emprego, à xingamentos e ofensas públicas, todos os caminhos são pavimentados em lógicas opressivas que se inter cruzam.

A epígrafe escolhida também para essa seção apresenta-nos mais um dos fatídicos episódios racistas que encontraram espaço entre os campos de futebol. A Agência Brasil⁵⁸ ao elaborar uma linha do tempo dessa crueldade que afeta corpos negros, suscita inúmeros atletas que foram depreciados com bananas sendo arremessadas ao campo em suas direções e até sons de primatas advindos das arquibancadas.

Quando o racismo não vem das arquibancadas, vêm daqueles e daquelas que estão desempenhando suas funções dentro dos campeonatos. Como no caso vivido pelo camaronês Pierre Webó (1982--) no ano de 2020. Durante uma partida da Liga dos Campeões (maior campeonato futebolístico europeu) o quarto árbitro da partida, Sebastian Coltescu, ao solicitar a punição de Webó (1982--), integrante da equipe técnica do time turco Istanbul Basaksehir, evocou um dos marcadores do indivíduo que deveria ser

⁵⁷ Mulher negra, afro-portuguesa, artista, escritora e acadêmica, conhecida por seu trabalho nas áreas de estudos pós-coloniais, psicanálise e performance.

⁵⁸ Leia mais em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-05/ofensas-vinicius-junior-fazem-parte-de-historico-de-racismo-no-futebol> Acesso em 21 de Set. de 2023

penalizado. “Aquele preto ali. Vá lá e verifique quem é. Aquele preto ali. Não dá para agir assim!”, foram as palavras proferidas por Coltescu. Pierre Webó ao se ver na situação indaga o árbitro: ‘Você nunca diz ‘esse cara branco’, você diz ‘esse cara’. Então por que você está mencionando ‘cara preto?’ Você tem que dizer ‘esse cara preto?’ Por quê?!”.

O questionamento suscitado por Webó, parece quase uma pergunta retórica na medida que compreendemos como os marcadores são acessados para hierarquização dos corpos. “Por que você está mencionando ‘cara preto?’”, respondendo Webó, diríamos que se menciona a racialidade para direcionar as formas de tratamento, bem como projetar e imaginar formas de condutas dos corpos, A depender da raça, o tratamento é diferenciado, vê-se isso desde as abordagens policiais, tendo com exemplo o caso do ex-deputado federal Roberto Jefferson (1953 –), que em outubro de 2011, após descumprimentos de imposições quanto sua prisão domiciliar, atacou policiais federais que estavam a serviço do mandado de prisão destinado a Jefferson. Mesmo disparando granadas e balas de fuzil e deixando agentes feridos, o ex-deputado é conduzido tranquilamente com sorrisos e risadas após o acontecido.⁵⁹

A condução de uma abordagem pacífica, visando garantir a integridade física dos agentes e da pessoa abordada, não se valeu no caso de Genivaldo de Jesus Santos⁶⁰, morto aos 38 anos, em Umbaúba, no Sergipe, em uma espécie de “Câmara de gás improvisada”, nomenclatura que circulou na internet. O homem que segundo a família sofria com distúrbios mentais, teve em seu laudo a identificação de morte por asfixia e insuficiência respiratória, isso após ser forçado e aprisionado no interior de uma viatura tomada por gás lacrimogêneo. Em filmagens da abordagem cruel e truculenta, observa-se Genivaldo com os pés pra fora da parte traseira da viatura, em uma tentativa falha de resistência e sobrevivência. Na abordagem, motivada por um deslocamento em motocicleta sem capacete, não há granadas disparadas pela vítima, não há armas, fuzis ou outro objeto que

⁵⁹ Leia mais em:

<https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2022/10/23/roberto-jefferson-resiste-a-ordem-de-prisao-do-stf-e-fere-a-tiros-policiais-federais.ghtml> Acesso em 21 de Set. de 2023

⁶⁰ Leia mais em:

<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/10/15/morto-sufocado-por-prfs-veja-a-cronologia-do-caso-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml> Acesso em 21 de Set. de 2023

poderia colocar em risco a integridade física dos agentes da polícia. “Por que você está mencionando ‘cara preto’?” (Webó, 2020).

As construções de narrativas também são alvos, e entenda alvo aqui novamente como a constante denúncia de destinar corpos específicos às mazelas, de tratamento diferenciado. Seja na leitura social, seja na atuação jornalística, como nos inúmeros casos que se constituem com eufemismos ao apresentarem criminosos/as brancos/as, por vezes, em uma medida desesperada de validarem suas existências e contribuições sociais, os/as apresentando somado das funções que desempenham, como o “ex-deputado” ou a “Aluna de medicina da USP”⁶¹. “Aluna” que mesmo desviando cerca de 1 milhão de sua turma, gastando um dinheiro que não lhe pertencia com jantares e afins, seguiu sendo noticiada pelas mídias jornalística com certo caráter amenizador, quase não lhe atribuindo responsabilidade de ser uma adulta criminosa, entretanto, como bem retrata Kilomba (2019), um corpo negro, infantil e feminino, facilmente é tratada como um serviçal potencial. “Por que você está mencionando ‘cara preto’?” (WEBÓ, 2020).

Em uma sociedade em que o bom é definido em relação ao lucro, e não a necessidades humanas, deve sempre existir um grupo de pessoas que, mediante a opressão sistemática, pode ser levado a se sentir dispensável, ocupando o lugar do inferior desumanizado. Nessa sociedade, esse grupo é formado por pessoas negras e do Terceiro Mundo, pela classe trabalhadora, pelos idosos e pelas mulheres. (Lorde, 2020, p. 141)

Maria Aparecida Bento (2021, p. 18) sugere uma resposta, tais movimentações evoca “[...] branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios.”. Se a negritude está associada e “cristalizada” as imagens negativadas, por que agora dividi-las com pessoas brancas? O criminoso é o motociclista negro sem capacete e não o senhor branco que atenta contra a vida de agentes policiais em atividade, certo? O “[...] pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’”. (Bento, 2021, p. 18).

⁶¹ Leia mais em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/aluna-da-usp-gastou-dinheiro-da-formatura-com-jantares-caros-e-carr-o-de-luxo-diz-policia/> Acesso em 21 de Set. de 2023

Ao passo que compreendo e vislumbro os marcadores sociais, bem como estes impactam nossas existências, a trajetória de pesquisa se direciona ao debate interseccional. O conceito de interseccionalidade, cunhado pela feminista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw⁶² (1959--), apresenta a teorização sobre a complexidade e os emaranhados presentes nas identidades, em uma infinidade de atravessamentos em suas estruturações. É na cultura que características físicas/biológicas, trejeitos, posturas e comportamentos são significados atribuindo positividade ou “negatividade” aos corpos, opressão ou liberdade para suas existências.

A hierarquização dos corpos e das existências, segundo Crenshaw (2002, p. 177), organiza nossas sociedades em interações perpassadas por subordinações, a depender da raça, classe, gênero e outros marcadores sociais, vê-se corpos ocupando espaços e narrativas “específicas”, quase “universais”, a discussão então elaborada primeiramente por mulheres negras, destaca como o aglutinar dessas marcações identitárias sociais inferiorizadas e/ou que encontram-se à margem dos debates políticos, implica em um acúmulo de mazelas e atravessamentos, “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.”.

Torna-se válido frisar por questões políticas e demarcatórias, que o conceito de interseccionalidade é fruto de intelectuais⁶³ mulheres negras, corpos que segundo Oliveira (2020), lidaram ao longo da história e lidam com inúmeras opressões, entre elas, até mesmo a possibilidade de ocupar a categoria mulher, isso enquanto reivindicação a obviedade de serem entendidas como pessoas.

Na luta inicial, as mulheres, negras ou brancas, buscavam o seu reconhecimento como mulheres, como indivíduos.

No entanto, as mulheres negras enfrentavam uma situação muito pior, já que tanto para o regime escravista, quanto para o movimento sufragista,

⁶² Mulher negra, afro-estadunidense, acadêmica, advogada e ativista, conhecida por seus estudos no campo dos estudos críticos da raça, gênero e direito.

⁶³ Ressalto que a adjetivação “Intelectuais” não é evidenciação de intelectualidade aos moldes eurocêtricos e academicistas, que por vezes, destina tal espaço àqueles/as que percorreram trajetórias acadêmicas. Como supracitado e expresso por Nilma Lino Gomes (2017), muito do que se discute nas ciências modernas e na academia atualmente, é fruto de movimentos sociais e lideranças negras rompendo com o epistemicídio dos saberes negros.

caracterizado por uma visão racializada de sociedade, elas não eram consideradas pessoas, portanto não eram mulheres. (Oliveira, 2020, p. 70)

Emprestar do conceito de interseccionalidade, produzido por intelectuais negras, e trabalhar com outros marcadores sociais, é caminhar nas vias de subordinações, como apresenta Crenshaw (2002), observando outros elementos, sem ignorar atravessamentos diversos, como ressalta a afro-estadunidense Audre Lorde (2020, p. 143), ao denunciar as atuações do movimento de mulheres brancas, que “[...] concentram na opressão que sofrem por serem mulheres e ignoram as diferenças de raça, orientação sexual, classe e idade.” A preocupação nesta dissertação está em trabalhar com raça e masculinidades/gênero, compreendendo que a possibilidade de intercruzar tais marcadores é decorrente das movimentações de pesquisadoras negras, que angariaram espaços em academias e fizeram seus saberes serem ouvidos. Ao elencar interseccionalidade, ressalto que o aglutinar dos marcadores sociais em seus recortes específicos dentro da discussão de gênero, requerem certos crivos. Haja vista a possível incompatibilidade de tentar empregar o conceito a corpos de homens cis heterossexuais, talvez sendo nesses casos usar da ideia de atravessamentos, como expressa Hall (2023, p. 317)

[...] em termos etnográficos, não existem formas puras. Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação, de significação crítica e do ato de significar a partir de materiais pré-existentes. Essas formas são sempre impuras, até certo ponto hibridizadas a partir de uma base vernácula.

Em atravessamentos e intersecções, as formas, categorias e identidades, rompem com binarismos e solidificações que insistem em empregar uma só característica ou marcador social para reger nossas existências, os diálogos e saberes pensados pela interseccionalidade e atravessamentos, elabora constituições identitárias a partir de somativas (isso e aquilo), ao invés de oposições e limitações (isso ou aquilo). Intercruzar atravessamentos e interseccionalidade na discussão parece-me uma alternativa para falar de

corpos que poderiam tangenciar categorias fixas, justamente por serem atravessados por cruzamentos identitários.

Aqui, enquanto trabalho intersecções, analiso o personagem Lionel Higgins, ainda que o personagem há de ocupar espaço no campo analítico com outros conceitos que trabalho, é na interseccionalidade que Lionel emerge enquanto homem negro em minha produção. Flertando com o personagem, como sugere a pré-rota de PROVOQUE, ferramenta analítica selecionada, mais do que observar a constatação presente no diálogo supracitado com seu chefe no jornal, Lionel, de fato desperta-me interesse enquanto objeto de análise, ao possibilitar a representação de uma masculinidade negra interseccionada, “[...] não é apenas um homem negro, é um homem negro gay”, como esboça o personagem coadjuvante Silvio, interpretado pelo ator D.J. Blickenstaff. Lionel que é apresentado inicialmente a partir de suas dificuldades de “encaixe” social em um mundo branco masculino, por deparar-se com o racismo, em um mundo negro masculino, lida com ímprobos homofóbicos, todavia, sua narrativa na série não é limitada a apresentação de suas dores, embora sejam denunciadas.

Caminho assim com Lionel, em um despertar de interesse que contempla como sua representação parece-me fugir dos estereótipos possíveis e constantes de masculinidades negras nas produções audiovisuais e mídias. Na voz onipresente do narrador que acompanha a série, é possível tomar conhecimento de que “Lionel nem sempre foi um revolucionário!”, sendo um corpo interpelado pelas violências racistas e homofóbicas, há certa introspecção no personagem, entretanto, sua representação não se limita a tal característica, é apresentado também como um aspirante do jornalismo investigativo, um ótimo escritor, extremamente inteligente e astuto, Lionel, “[...] passou a ter coragem” (Fala do narrador onipresente da série - 2’32”), enquanto amadurecia na trama.

Compreendendo o vestuário como tecnologia que não apenas faz o gênero, mas também é utilizado (superficial e erroneamente) para denunciar sexualidades, as vestimentas “comuns” e sóbrias, bem como esperadas e impostas a masculinidade, somado a um comportamento contido, tímido e nada extravagante, apresenta-nos Lionel em visualidades e comportamentos que o distanciam da homossexualidade e não simplesmente da homossexualidade afeminada, mas do senso comum que se construiu socialmente da

ideia de masculinidades homossexuais. Uma vez que a análise é perpassada pela minha recepção e meus referenciais imagéticos são tanto nacionais quanto estrangeiros, entre as representações masculinas homossexuais, ou a representação masculina homossexual, destaco Jorge Lafond, iconico falecido da televisão brasileira, intérprete de Vera Verão.

Sendo um homem preto retinto, humorista, dançarino e ator formado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Lafond materializava Vera Verão, uma *drag queen* careca, coberta de adereços e cores vibrantes e com uma feminilidade exacerbada. Embora haja positividade na ousadia de Lafond enquanto homem preto homossexual e potência na personagem por ele interpretada, é preciso ressaltar que “Escolher se parecer com uma ‘mulher’ quando se é ‘homem’, é sempre constituído na mentalidade patriarcal como uma perda, uma escolha que só tem valor de ridículo” (hooks, 2019, p. 262). Assim, ressaltar a sobriedade das vestimentas de Lionel, é forma de salientar um certo distanciamento da feminilidade, atributo/característica a qual a masculinidade é instruída a distanciar-se.

Deparar-se com a representação masculina negra gay de Lionel, como supracitado, me aciona Lafond, como maior e talvez único referencial de masculinidade homossexual negra que me acompanha desde a tenra idade, todavia, a imagem constituída a partir da sua personagem, no audiovisual brasileiro, segundo Moreira (2019, é imersa da intencionalidade do escarnio, do vexatório, de um racismo recreativo que alcança e se construiu na comunicação. Vera Verão nos evidenciava no audiovisual a negação da “bicha”, mesmo sendo evocada a todo instante, evocava também o ilusório heterossexista de que “[...] todos os homossexuais são afeminados e de que há uma relação direta entre orientação sexual e identidade de gênero.” (MOREIRA, 2019, p. 109). A “comicidade” que circunda a imagem desse homem negro gay, é o risível que sociedades machistas e homofóbicas empregam sobre “[...] grupos que eram retratados como inferiores e ridículos.”, salienta Moreira (2019, p. 109).

Como pensar, conceber e decodificar uma representação negra masculina homossexual quando o repertório próprio é tomado por uma representação nacional que sempre fora evocada como forma opressiva? A interseccionalidade, que evoca o intercruzamento de vias de opressão, fora sem dúvidas materializada, comprovada e

vivenciada por muitas pessoas negras que foram crianças e adolescentes nos anos 90 e 2000, quando eram de modo pejorativo associados a risível e temível imagem de Vera Verão.

Ressignificar a grandiosidade de Lafond atualmente é tirar do lugar de ofensa o que pode ser honra de comparação. Lafond em simbiose com a persona que criou, Vera Verão, ao longo do tempo subverteu e transpôs os espaços de escárnio a qual corpos negros e LGBTI por vezes são alocados. Sua trajetória é composta por marcos para a comunidade negra e LGBTI, como sua passagem no carnaval de 1990, em que com honraria desfilou praticamente nú, apenas com uma tapa-sexo, em um carro alegórico da Beija-Flor, imerso em um enredo cuja mensagem era uma lembrete de que "Todo Mundo Nasceu Nu". Anos depois, no carnaval de 2002, foi coroado como Rainha de Bateria pela escola de samba Unidos de São Lucas, em São Paulo, ganhando e consolidando sua representação, potência e política enquanto um corpo negro homossexual. A grandiosidade de Lafond intercruza o tempo e hoje é acessada, observada e referenciada por corpos negros homossexuais que apodenram-se da identidade da “bicha preta” com orgulho e potência. O que vemos com Lafond/Vera Verão é caminho de expansão das possibilidades de masculinidades negras homossexuais, identidades que podem e serão positivadas no tempo e nas representações, como acontece por/com Lionel.

O personagem Lionel, não apenas apresenta a possibilidade de representação “ordinária”, comum e de certa forma, naturalizada, uma vez que seu marcador social de sexualidade quando anunciado não é problematizador, mas visto como mais uma de suas características identitárias. Em certa medida, apresenta também um romper de uma busca constante que visa encaixotar diversidade sexual a partir de performances de gênero, ou no ilusório heteroterrorista e racista de gênero que empurra homens negros a heteronormatividade. Masculinidades negras homossexuais, que interseccionam raça e sexualidade, podem e devem ser pensadas em pluralidade, sem estereótipos, em múltiplas camadas que constituem os indivíduos. Lionel é possibilidade, ainda quando impelido a buscar “Seus rótulos”, como sugerido durante a série.

E é justamente através da negação que a interseccionalidade entre racismo e homofobia se materializa. Através do racismo emerge a identidade homossexual hegemônica e da homofobia, a identidade masculina negra. Assim, o dispositivo de racialidade e de sexualidade se cruzam, lugar onde as masculinidades ditas periféricas são exercitadas. (Oliveira, 2020, p. 97)

Após expor sua sexualidade ao colega de quarto Troy (personagem analisado seção 4), mesmo sendo interpelado por um estereótipo ligado a homossexualidade, a ideia que atrela e reduz homens gays em um apressado extremado pela estética, pelo belo, moda e afins, “[...] vocês são exigentes [...]”, como esboça Troy em sua fala, enquanto corta o cabelo de Lionel, rapidamente vê-se em Lionel o exercício da recusa ao estereótipo apresentado, “Não sou assim.”. A fala do personagem não necessariamente precisa ser entendida como uma repulsa aqueles corpos homossexuais que de fato são inclinados ao apreço ao belo e a estética, característica que constantemente é empurrada e associada ao feminino, o posicionamento de Lionel pode ser entendido como a apresentação de outras formas de ser um homem negro gay.

De imediato, ao entender-se e apresentar-se como um homem *gay*, Lionel rompe com estereótipos que circundam identidades negras, a lógica heteronormativa que condiciona a contemplação de homens negros apenas como indivíduos heterossexuais, é confrontada e anulada com sua representação, como salienta Oliveira (2020, p. 95) “Se o estereótipo de homem negro viril e superdotado sexualmente é utilizado para afirmar sua cis heterossexualidade, também é para negar sua homossexualidade.”. A surpresa presente em seu colega de quarto, Troy, ao deparar-se com a afirmação de Lionel sobre sua sexualidade, evoca também um romper de estereótipos sobre o que se espera da homossexualidade, por vezes atrelada a um compilado de trejeitos e performances específicas, a representação de Lionel informa que a sexualidade não necessariamente é performática a nível de ser decodificada socialmente em todos os momentos pela mera apresentação e construção imagética do corpo.

Focando em gênero/masculinidades negras, sigo também com aproximações as discussões oportunizadas por Crenshaw (2002), uma vez que a intelectual reforça como a experiência racial interfere nas vivências de gênero.

[...] a necessidade de desenvolver protocolos e análises voltados para o tratamento das dimensões de gênero do racismo. Considerando que a discriminação racial é frequentemente marcada pelo gênero, pois as mulheres podem às vezes vivenciar discriminações e outros abusos dos direitos humanos de uma maneira diferente dos homens, o imperativo de incorporação do gênero põe em destaque as formas pelas quais homens e mulheres são diretamente afetados pela discriminação racial e por outras intolerâncias correlatas. (Crenshaw, 2002, p. 173)

Crenshaw (2002) reforça como as diferenças que compõem as identidades de fato fazem diferença no convívio social, os mais diversos marcadores sociais que integram os corpos, direcionam e conduzem as formas pelas quais as experiências discriminatórias serão vivenciadas. A leitura social faz com que se observe uma sociedade patriarcal, organizada para que corpos masculinos sejam privilegiados e tenham as estruturas e as instituições organizadas ao seu benefício, mas contemplando as vias de opressão e subordinação, é possível identificar como o patriarcado é esquematizado, pensado e fundado para corpos brancos. A questão é: quais os benefícios essa sociedade patriarcal branca de fato infere e deposita sobre corpos negros masculinos? Para hooks (2019), a sociedade patriarcal apenas ilude e captura os homens negros que sequer serão participantes, de fato, da estrutura patriarcal supremacista branca. Oliveira (2020) oportuniza a contemplação de que o patriarcado violento destinado aos homens negros por muito tempo fora utilizado para criação do ilusório e o estereotípico negro estuprador.

Tanto o racismo quanto o sexismo são categorias plurais e assim devem ser tratadas, o que faz da interseccionalidade uma ferramenta fundamental nesse processo, já que um estudo pode apresentar falhas quando desconsidera os múltiplos fatores que envolvem o objeto investigado, em especial nos estudos de gênero e relações raciais. (Oliveira, 2020, p. 89)

Oliveira (2020, p. 88) argumenta que o racismo e sexismo são categorias que precisam ser analisadas com entendimento de sua ampla abrangência e intercruzamentos, é possível assim ampliar as categorias para o campo das masculinidades, que, de certa forma, dialoga com o sexismo. “Mulheres e homens negros compartilharam, e ainda compartilham, a opressão racista, ainda que de formas diferentes.” (Lorde, 2020, p. 146). Compreendo que as diferenças podem ser trabalhadas no campo e no intercruzar do

gênero. “Não existe luta por uma questão única porque não vivemos vidas com questões únicas.” (Lorde, 2020, p. 174). O que afirma como nossas identidades são interseccionadas e/ou atravessadas por marcadores diversos, que direcionam as vivências e experiências múltiplas.

As intersecções oportunizam a compreensão de que por vezes, a militância pode ser clivada e não abrangente com todas as demandas e em alguns casos, até perpetuar opressões, bem como mulheres brancas assim faziam, ao rejeitarem demandas de mulheres negras na caminhada feminista. Em alguns momentos, até teóricas e teóricos que problematizam opressões, perpetuam discursos controversos, como Fanon (2008) em um repúdio a homossexualidade negra, ou Djamila Ribeiro⁶⁴ em posicionamentos apontados enquanto transfóbicos. É preciso compreender que aqueles/as que nos enxertam de respaldo para discussões fundamentais, como o autor e a autora supracitados nos diálogos sobre questões raciais, não necessariamente rompem com todas as mentalidades opressivas.

É na interseccionalidade que contemplo vias múltiplas de opressão, e para emprestar essa conceituação e a perspectiva metodológica de imbricações dos marcadores sociais, para análise corpos masculinos, é necessário expressar que tecemos em nossos corpos paralelos de vantagens e desvantagens sobre identidades femininas. Como argumenta Bola (2020, p. 109), um homem negro, “[...] partes das nossas identidades se sobrepõem, algumas nos dando vantagens ou privilégios, enquanto outras partes nos oprimem e formam obstáculos ou barreiras variadas.” A interseccionalidade em corpos negros masculinos percorre e discute as aparentes vantagens que esse corpo masculino pode angariar em sociedades machistas e patriarcais, e quando não acessado de forma institucional e pública, pode operar no privado, por vezes nas estruturações familiares, instigando homens negros a performarem conforme padrões opressivos e masculinos, tal como colonizadores brancos, guiados por um [...] fragmento do opressor que está profundamente arraigado em cada um de nós, e que conhece apenas as táticas do opressor, as relações do opressor.” (Lorde, 2020, p. 153).

⁶⁴Mulher negra, brasileira, filósofa, escritora e ativista engajada na defesa dos direitos das mulheres, especialmente das mulheres negras, e na luta contra o racismo e outras formas de opressão.

Recorrer a interseccionalidade é reconhecer a existência das violências que atravessam os corpos, mas é também vislumbrar certos manuseios de poder, flertes e aproximações que as identidades, até mesmo as marginalizadas, tecem com as vias de subordinação ambicionando “positividades” e estratégias de viver e sobreviver. Quiçá, as esquivas que o personagem Lionel, a qual analiso enquanto penso interseccionalidade, não apenas se constitua distante de certas marcações estereotipadas, embora eu veja como fuga das opressões que poderão o interpelar, não há necessidade de descartar como certas esquivas podem e são usadas como estratégias de driblar mazelas.

Embora haja consenso de que os movimentos negro e gay representem avanços na luta por direitos de pessoas historicamente marginalizadas, também é visível que reproduzem posturas opressoras ao silenciar a respeito de demandas consideradas menos importantes, como questões de gênero e sexualidade pelo movimento negro e questões de raça pelo movimento gay.

Ambos os movimentos reproduzem modelos de organização inspirados no patriarcado europeu, o que resulta em práticas homofóbicas e racistas. (Oliveira, 2020. p. 93)

As relações e intercruzamentos das vias de subordinação, pode direcionar o olhar de contemplação da interseccionalidade, segundo a pesquisadora brasileira Carla Akotirene (2019), tais conexões podem ser justificadas pelo fato de as opressões serem compartilhadas de uma mesma fonte, mergulhadas em uma matriz colonial moderna, as identidades que se encontram no corpo social, são constituídas por vezes a partir de visões coloniais e subordinadas a hierarquização ainda colonial. Todavia, ainda que as opressões germinem da mesma semente, a matriz colonial, suas abordagens e manifestações interpelam os corpos e as existências com particularidades. “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. (Akotirene, 2019, p. 19).

Enxertado da compreensão de como a interseccionalidade opera sobre os corpos e as existências, trabalhar com o conceito é uma maneira de suscitar como especialmente a identidade de Lionel Higgins que inicio a discussão e análise, é construída e organizada em/com intersecções, em negociação constante com a sociedade e com as significações culturais, seja em suas representações, seja na forma de existir no corpo social, como

expressa Oliveira (2020, p. 97), [...] o dispositivo de racialidade e de sexualidade se cruzam, lugar onde as masculinidades ditas periféricas são exercidas”. Assim, percebo que é na intersecção que algumas identidades emergem, logo, a análise e leitura cultural se faz mais apurada levando em consideração tais cruzamentos.

Deste modo, nas próximas seções, debruço-me em conceituar marcadores fundamentais para a análise cultural, que venho desenvolvendo. Olhando para raça e gênero (ênfase na possibilidade de discutir sexualidade no campo das masculinidades), suscito como as masculinidades negras não homogêneas, e muito menos pode ser fruto da visão dos opressores supremacistas brancos cisheterossexuais. Longe de uma tentativa de definir todas as masculinidades negras, aqui trabalho com a possibilidade de elucidar como temos nos constituídos e pensar formas de assumirmos a palavra, “[...] aprendi que, se eu não mesma não me definisse, eu seria abocanhada e engolida viva pelas fantasias dos outros a meu respeito.”. (Lorde, 2020, p. 173).



3. “A MENOS QUE SEJA NEGRO[...]” - QUANDO A PELE GRITA: DISCUSSÕES SOBRE RACIALIDADE E NEGRITUDE

O pesquisador brasileiro e atual Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida (2019), afirma: “raça é um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico”. E ainda que a palavra possa ser emprestada e utilizada em outros campos do conhecimento, como a biologia, raça, quando empregada nas discussões políticas e sociais, ganha configurações distintas de uma visão naturalista e biologizada que dialoga com as tessituras de genomas e afins. Torna-se válido até rememorar como a utilização da ideia de raça unicamente pela compreensão biologicista, foi respaldo para a racionalização da discriminação entre as pessoas, baseado nas pseudociências que falsearam comprovações sobre um determinismo biológico escorado nas características físicas e genéticas das pessoas, estabelecendo superiores e inferiores a partir da diferenciação racial (Almeida, 2019, p. 29).

A raça ancorada em outra perspectiva, para além da visão biológica, rompe com o racismo científico, que justificou e naturalizou as desigualdades pela corporalidade das pessoas, contempla-se raça agora ganhando contornos exclusivos para ser entendida enquanto fator político. Todavia, é válido ressaltar como ainda somos interpelados por

visões racistas, simplistas, equivocadas e má intencionadas que seguem utilizando do racismo científico para justificar as desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários.

O tratamento desigual e as condições de subserviência antes validados por uma ciência errônea, falsária e ideológica, pensada e idealizada para/por aqueles que se encontram como hegemônicos, preocupados em defender e delimitar a subordinação experienciada por outros corpos, agora é racionalizada, dada a compreensão da influência da raça atuante como fator político, que tem determinado narrativas, acessos e condições específicas para as pessoas, sem espaço para a ilusória atuação do acaso, “[...] nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer.” (Kilomba, 2019, p. 38).

Tendo raça como fator político e organizacional, evidenciar racialidades é também uma forma de denunciar quais corpos usurpam e monopolizam espaços de poder econômico, político e prestígio social, bem como aqueles tantos outros que são marginalizados e desprivilegiados, e têm seus direitos negados e obstruídos dado a raça. Em sociedades supremacistas brancas, evidenciar racialidades não brancas é elucidar as inúmeras mazelas as quais estes corpos não hegemônicos têm/terão que lidar em suas múltiplas formas de existir e experienciar a vida.

A diferenciação na vivência/existência é constantemente comprovada na pele e pelas pesquisas nacionais e internacionais. Os dados do Atlas da Violência 2021 do Brasil indicam que os corpos mais assassinados são de pessoas negras.

Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras (Cerqueira, 2021, p. 49).

Deste modo, apresentar a negritude, atrela-se a anunciação da fragilidade do viver, que se intensifica quando se depara com corpos negros e indígenas, que frequentemente são delimitados como não brancos. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano de 2021, expôs por intermédio de um infográfico que 85,3 % dos homens negros temem morrer assassinados, em contrapartida, 78,5% de homens brancos compartilham do mesmo medo. Entre aqueles que temem serem vítimas de violência por parte da Polícia Militar, 69,2% são negros, e homens brancos que compartilham do mesmo temor, tem-se apenas 53,9%. O medo é facilmente justificado quando o infográfico apresenta-nos que 84% dos mortos pela polícia no levantamento dos dados eram pessoas negras. Quando intrincado a gênero, bem como em uma perspectiva interseccional, que análise o inter cruzamento das opressões (Crenshaw, 2002), as violências se intensificam quando trata-se de corpos femininos negros. Os dados apresentados no infográfico, expressam com mulheres negras representaram 52,2 % das vítimas de estupro e estupro de vulnerável. Esses corpos negros femininos foram também 70,7 das vítimas de mortes violentas intencionais e 62% das vítimas de feminicídio.

A distinção entre racialidades, segundo Almeida (2019, p. 32), tem desencadeado “a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”, sendo a discriminação racial negativa. Os temores carregados por pessoas negras e as mazelas que aparentemente de modo facilitado encontram corpos negros, evidenciam como raça tem sido usada de forma sistêmica, política e estruturante, mostrando-se eficiente na divisão e hierarquização entre as pessoas, oportunizando ou negando acesso a direitos, dignidade de vida, representação política e narrativas plurais.

O racismo estabelecerá a linha divisória entre os superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição. (Almeida, 2019, p. 115)

Enquanto raça, com ênfase, na negritude, “ganha” contornos e significações diversas e permeados de mazelas e negatividade, branquitude em antagonismo e

protagonismo se solidifica em boas atribuições. Esta seção (3) inicia-se com duas referências e citações diretas da série a qual localizo os objetos de análise, “Cara gente branca” (2017). O *printscreen* que estampa Reggie Green, um jovem preto, caracterizado na série por seu ímpeto na militância de confronto e sua inteligência, é legendado com a fala da coadjuvante Joelle Brooks, interpretada por Ashley Blaine Featherson (1987 --), que aconselha o colega (Reggie) a aproveitar as diversões da vida jovem, até ser surpreendida com a respostas do jovem que se concentra única e exclusivamente nas ações de combate ao racismo presente em sua universidade e em seu desejo de ser revolucionário. Joelle então nos lembra que “[...] às vezes, ser despreocupado e negro é um ato revolucionário”.

A negritude ao longo das décadas tem sido adjetivada, estereotipada e constituída em infinidade de atribuições, em sua grande maioria, imersa em significações negativas, que nos (pessoas negras) aprisionam em constantes embates. A despreocupação, quiçá, a felicidade, o aproveitar da vida, o *Carpe Diem*, sejam formas de apresentar a negritude e revolucionar. Se tudo arquiteta nossa morte, viver e viver bem, é revolução, como declama a poeta Evaristo (2016, p. 99), “A gente combinamos de não morrer”.

O pesquisador brasileiro Adilson Moreira (2019), explica que a raça tem sido utilizada para validação de um projeto de dominação, estabelecendo pessoas brancas como padrão e sinônimo de humanidade, alocando todos/as que não correspondem a norma, enquanto abjetos, passivos até de terem a humanidade questionada. Assim, a constituição e materialização da diferença oportuniza legitimidade de poder para um grupo racial em detrimento de tantos outros. “Ao se construir minorias raciais como grupos com traços morais específicos, membros do grupo racial dominante podem justificar um sistema de dominação que procura garantir a permanência de oportunidades sociais nas suas mãos.” (Moreira, 2019, p. 41). Desse modo, atribuem aos fenótipos e as características físicas, “ações comportamentais”, estereótipos e estigmas que servem para degradação da imagem coletiva de corpos não brancos.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se

convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos são natos, meticolosos e racionais em suas ações. (Almeida, 2019, p.65).

Passo a observar o quanto a consolidação das racialidades fora interpelada e influenciada pela dominação de um grupo racial que social, cultural e historicamente se estabeleceu enquanto superior, intitulado como branquitude. Seja no imaginário social, seja no posicionamento dos corpos pautados em suas racialidades, tornou-se naturalizado a subalternidade para corpos não brancos, em contrapartida, há uma total positividade para pessoas brancas. Almeida (2019, p.40), evidencia como nas relações raciais, o poder encontra-se como elemento central para a consolidação da dominação. Semelhante modo, Grada Kilomba (2019, p. 76) esboça como a diferença racial/a construção da diferença, encontra-se ancorada e pautada em um poder histórico, político, social e econômico, conseqüentemente, o grupo racial que detém o controle e maiores influências nessas esferas, se coloca como superior na medida que cria narrativas, imaginários, valores culturais e as inúmeras ferramentas e técnicas de hierarquização.

O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde e etc. Quem pode ver seus interesses políticos representados nas agendas nacionais? Quem pode ver suas realidades retratadas na mídia? Quem pode ver sua história incluída em programas educacionais? Quem possui o quê? Quem vive onde? Quem é protegida/o e quem não é? (Kilomba, 2019, p.76).

Os questionamentos de Kilomba (2019) direcionam o nosso olhar para a racialização de pessoas negras, que é interpelada pela compreensão da crueldade, a qual tais (nossos) corpos estão sujeitos/as a experimentar ao longo da vida. As mazelas que atravessam corpos não brancos (em diferentes níveis, intensidades e narrativas), evocam uma supremacia branca que ao longo dos séculos, se beneficiou da subordinação e da opressão exercida sobre a(s) “diferença(s)” que este mesmo grupo criara.

A racialização seria uma forma de construção e de diferenciação dos indivíduos, prática que possui um objetivo específico: a raça é uma marca que representa as

relações de poder presentes em dada sociedade. Não há, portanto, brancos e negros, mas sim mecanismos de atribuição de sentido a traços fenotípicos para que a dominação de um grupo sobre outro possa ser legitimada. Assim, devemos entender: raça como uma construção social que procura validar projetos de dominação baseados na hierarquização entre grupos com características físicas distintas. (Moreira, 2019, p. 41)

Para o pesquisador francês caribenho de Martinica, Frantz Fanon (2008), somos constituídos/as a partir das nossas diferenças/dissonâncias evidenciadas por nossos múltiplos contatos em sociedade. Nossas divergências físicas e culturais ganham forma e significações nas relações. Ao relatar sobre a presença e o contato colonial de pessoas brancas com malgaxes (adjetivo que caracteriza o/a habitante da República Democrática de Madagascar, ilha localizada na costa sudeste africana - pessoas não brancas), Fanon (2008) ressalta como a aparição desses/as “outros/as” - pessoas brancas - corporificando a “diferença”, resultou implicações diretas no social do povo nativo. “Se ele é malgaxe, é porque o branco chegou, e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade.” (Fanon, 2008, p. 94). Logo, a construção da diferença, que nasceria das interações sociais, pode e foi manuseada como estratégia para dominação, o que inegavelmente, deixou heranças positivas e negativas.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas. (Bento, 2021, p.23).

Tratar da negritude, evocando as violências que circundam tal racialização, tem me direcionado a falar da branquitude, para que assim, em oposição e dicotomia, possamos nos questionar sobre como tem sido a construção identitária das mais diversas pessoas. Deparar como a negatividade atribuída a uma racialidade, a negritude, evoca a existência de uma positividade monopolizada por outro grupo racial, a branquitude. Com o pesquisador estadunidense Douglas Kellner (2001), supracitado, reforço como sociedades contemporâneas, ocidentais e capitalistas, têm se estabelecido e se estruturado com base

em uma composição de hegemonia, que há de representar e usurpar espaço no imaginário coletivo do que é humanidade, bem como do que é positivo, belo, adequado/certo e valorizado social e culturalmente

[...] para a ideologia, porém, o “eu”, a posição da qual a ideologia fala, é (geralmente) a do branco masculino, ocidental, de classe média ou superior; são posições que veem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, derivativos, inferiores e subversivos (Kellner, 2001, p.83)

Ocupando o lugar de norma ideológica e compreendendo a necessidade de manusear poder, a branquitude foi sendo estruturada subordinando outras raças, assegurando, garantindo e construindo para si, uma sociedade que privilegia e oportuniza narrativas positivadas. Kilomba (2019), numa perspectiva psicanalítica, evoca que a branquitude projeta especificamente sobre a negritude tudo aquilo que temem encontrar e reconhecer em si mesmos, de modo simplista, o bem estaria atrelado às pessoas brancas, e o mal que receiam manifestar, e que sabem que comportam, estaria no/a “outro/a”. Nessa lógica, criar o/a outro/a, é a forma estratégica de se colocar enquanto superior.

O sujeito negro torna-se então a tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como meio de escapar dos mesmos. (Kilomba, 2019, p. 37).

Como parte estratégica da colonização, a branquitude e a racialização de pessoas brancas se constitui imersa e firmada em positividade de narrativas e vivências. A humanidade é monopolizada, aos seus corpos cabe serem bons, astutos, civilizados, desenvolvidos, intelectuais e tantas outras positificações. Ao/a “outro/a”, negro/a, é depositado e projetado tudo que é abjeto e desprezível, o que flerta até com o “não humano”, haja vista que nos é retirada a humanidade. Como expressa Kilomba (2019, p. 78), “[...] é negado o direito de existir como igual”, as narrativas fixas, cruéis e limitantes encontram e são atreladas aos corpos negros (nossos corpos) impedem a descoberta única de cada indivíduo, bem como facilita e consolida a generalização presente na atuação da estereotipização e suas exclusões decorrente da visão supremacista branca.

As falsas generalizações sobre membros de grupos minoritários permitem que a marginalização deles seja mantida, uma vez que são vistos como pessoas que não possuem características necessárias para atuarem na esfera pública de forma competente. Esse processo tem importância central para a manutenção dos vários privilégios dos membros do grupo racial dominante, razão pela qual eles estão empenhados em reproduzir falsas generalizações sobre minorias. Portanto, estereótipos não são meras percepções inadequadas sobre certos grupos de indivíduos. Eles possuem uma dimensão claramente política, pois são meios de legitimação de arranjos sociais excludentes (Moreira, 2019, p. 59).

Observo como a racialização de pessoas negras, perpassa pela dor, pelo escarnio, pela desumanização, pela exclusão e tantos outros pesares que encontram corpos negros, apresentando-lhes “o que são”, os significados que sociedades racistas atribuem sobre tais (nossos) corpos e os lugares que podemos ocupar ou que esperam nos encontrar. Os estereótipos intencionalmente idealizados, com o tempo, apoderam-se do inconsciente, prejudicando as percepções tanto de pessoas negras, quanto de pessoas não negras. Almeida (2016, p.63) afirma que “[...] o racismo como ideologia molda o inconsciente.” Longe de querer ausentar a responsabilidade pessoal perante cada ato/ação racista cometida pelas pessoas, é necessário evidenciar o quão profundo e enraizado o racismo está, ao passo que caminha naturalizando e moldando nossos olhares e compreensões, que operam não apenas em nosso consciente.

O que me leva a “naturalizar” a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, tribunais, parlamentos, cursos de medicina e bancadas de telejornais? O que nos leva - ainda que negros e brancos não racistas - a “normalizar” que pessoas negras sejam a grande maioria em trabalhos precários e insalubres, presídios e morando sob marquises e em calçadas? Por que nos causa a impressão de que as coisas estão “fora do lugar” ou “invertidas” quando avistamos um morador de rua branco, loiro e de olhos azuis ou nos deparamos com um médico negro? (Almeida, 2019, p. 63).

Para Almeida (2019), o racismo se estabelece e permanece por intermédio da atuação sobre a consciência e os sentimentos dos indivíduos em sociedade. Há basicamente um conformismo instalado na subjetividade das pessoas que por vezes as direciona a desfechos e conclusões simplistas, fundadas em explicações “racionais” para justificar a

desigualdade racial construída intencional, social, cultural e historicamente. A racionalização da desigualdade e das demais violências vividas por corpos não brancos, impede assim o desconforto perante a discriminação. Gera-se brancos e não brancos lhes atribuindo narrativas diferentes e destoantes que passam a ser consideradas “normais”. “Na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégia e autoconfiança como professor, médico, advogado, goleiro, técnico de futebol ou administrador”, diz Almeida (2019, p. 62.)

É evidente que os três personagens que me proponho analisar nessa dissertação, despertam interesse e flerte quanto a contemplação de suas negritudes e constituição identitária e imagética dispersa pela série, todavia, enquanto diálogo com teóricas e teóricos que reforçam a constituição de imaginários sobre corpos negros, o personagem Reggie Green que angaria maior espaço em minha mente. Reggie não simplesmente é a materialização de um homem negro militante, o personagem na trama é enraizada na constituição de homens negros que crescem com uma conscientização de racialidade aparada dada sua criação, pautada na contemplação de que o imaginário branco fantasia as existências de pessoas negras, para estes há sempre a “[...] espera pelo/a negro/a selvagem, pela/o negro/a bárbara/o, por serviçais negros/os, por negras prostitutas, putas e cortesãs, por negras/os criminosas/os, assassinas/os e traficantes.” (Kilomba, 2019, p. 38).

Pensar negritude é pensar em construção, em tomada de consciência racial, como expressa Neusa Souza (2021), um caminho trilhado em diferentes idades e estágios da vida, e que podem culminar em identidades similares daqueles/as que são combativos, divergentes e múltiplas, tal como são as identidades no social, atravessadas pelas interferências dos mais diversos marcadores que nos constituem.

Pensando em visualidades com Reggie, o flerte com o personagem não se restringe apenas a sua materialidade e corporeidade, durante os episódios da série é possível contemplar diversos elementos visuais que apresentam e explicam partes da construção identitária do personagem. Como quadros e fotografias penduradas na parede de seu quarto, sendo registros de manifestações/protestos envoltos de pessoas negras e imagens de ativistas e militantes membros dos Panteras Negras (grupo ativista e militante negro da década de 60 dos EUA).

No quinto episódio da temporada que me debruço, a narração onipresente do locutor evoca nos segundos iniciais a frase do romancista, intelectual e ativista negro estadunidense, James Baldwin (1924 - 1987), representante negro que dedicou sua vida na luta contra o racismo, a homofobia e pelos direitos civis, “Nem tudo que se enfrenta pode ser mudado, mas nada pode ser mudado se não for enfrentado.”, frase essa descrita como uma mensagem que Reggie crescera ouvindo de seu pai e entendendo desde cedo, o que novamente, serve de reforço para a compreensão da personalidade combativa de Reggie.

Ainda que os três personagens que analiso, (Lionel, Reggie e Troy), me proporcionem flertar, perceber e estranhar, no que tange a constituição identitária permeada por denúncias de racialidade constante, Reggie se destaca ao longo da série por carregar com afinco uma gana pelo confronto, quiçá, inspirada em seus referenciais, entre eles, os Panteras Negras. Em sua apresentação imagética e visual, não fica obstatada de Lionel ou de Troy (posteriormente apresentado), imageticamente; Reggie é apresentado dentro dos padrões esperados para a masculinidade cisheteronormativa. Se adereços, ornamentos e vestuários são utilizados enquanto tecnologias que fazem o gênero, Reggie também em sobriedade não se “produz” esteticamente longe do padrão masculino imposto em sociedade machistas e patriarcais ocidentais. Todavia, as diferenças corporais, de estatura e porte físico o distanciam de Lionel, que mesmo sendo um homem negro, pela timidez e introspecção, não é necessariamente um corpo temível. Reggie, por sua vez, é representado na narrativa como um corpo que se aproxima dos imaginários racistas mais temíveis, como supracitado por JJ Bola ⁶⁵(2020, p. 115), “[...] aos homens negros, é sempre reservada uma associação estereotípica de ‘mano’, ‘da quebrada’ ou de bandido [...]”, lugar esses no qual, Reggie é em alguns momentos alocado em interações com pessoas brancas.

O combativo Reggie, militante negro, é o corpo a qual desperta espanto e temores de pessoas brancas, como retratado na série em uma cena constituída por uma mulher branca que corre ao ver sua presença. É o um corpo negro generalizado, aos olhos de pessoas brancas, é “parecido” com todos os homens negros do campus, como também encenado na série ao ser confundido como integrante do time de futebol por um treinador branco que o chama de “Marcos”. A referência criticada nesse momento na série, retoma o

⁶⁵ Homem negro congolês radicado na Inglaterra. É escritor, poeta e educador.

que hooks (2023, p. 39) esboça, que por vezes, as narrativas fílmicas que compuseram e compõem os imaginários, principalmente de pessoas brancas, empurram homens negros aos esportes, como sendo um dos poucos [...] espaços onde consigam desempenhar e moldar uma identidade empoderada.” e minimamente positivada.

Acessando o repertório de visualidades e problematizações nacionais é que me dirijo às interpelações de produções estadunidenses que consumo, embasado em uma série de arquétipos e estereótipos descritos e debatidos por João Carlos Rodrigues (2011, p. 24), entendo como muitas das representações de pessoas negras esbarram em uma “[...] imaginação do branco [...]” limitante, limitada e arquitetada para inferiorização e subjugação da população negra, e ainda que o autor fale de produções nacionais, com hooks (2023), é possível problematizar como os meios de comunicação de massa, maioritariamente dominados pela branquitude, atuam a partir de um sensacionalismo que visa demonizar a cultura e população negra.

Contemplando Reggie em aproximações aos arquétipos nacionais elencados por Rodrigues (2011), poderíamos ver o personagem sob a representação do “Negro Revoltado”, que equivale ao “[...] militante politizado.” (Rodrigues, 2011, p. 32), acentuado por inteligência, astúcia e um ímpeto combativo. De forma evidente, Reggie é uma representação possível de negro militante, seus referenciais e sua construção identitária é atravessada pela atuação dos movimentos negros. Entretanto, os atravessamentos identitários que acompanham Reggie não me permite apresentá-lo apenas no eixo combativo de militante, corpo forte e movimento; Reggie é intelectualidade, é conhecimento, e se orgulha em afirmar que sabe muito sobre a [...] a cultura de vocês e da minha.” (fala retirada do 6º episódio, em 22’05”), ao vencer um jogo de conhecimentos gerais contra pessoas brancas. Reggie é sensibilidade, arte e poesia, mesmo que estas aflorem da sua dor, como é possível ver com seu poema recitado ao longo da série sobre a fragilidade da vida de pessoas negras.

Flertando com Reggie para a análise, sua representação desperta interesse pela apresentação e denúncia dos estereótipos racistas que o circundam, ao passo que invoca novidade de representação. O personagem não é constituído e pensado para ser um depósito de estereótipos racistas, haja vista que essa é estratégia utilizada pela mídia

quando monopolizada por pessoas brancas, Reggie não é materialização de fantasias brancas e sim suas interações com a branquitude que o empurram e colocam em caixas limitantes que evocam apenas o imaginário delirante e violento da branquitude.

[...] no mundo conceitual branco é como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontadas/os não são nada realistas, tampouco gratificantes. Que alienação, ser forçada/o a identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros. Que decepção, ser-se forçada/o a olhar para nós mesmas/os como se estivéssemos no lugar delas/es. (KILOMBA, 2019, p. 39)

Reggie suscita assim estranhamentos pela oscilação de posições que assume entre o militante, que tem uma aparente anulação de sentimentos, sendo forte e destemido, que rejeita constantemente os delírios e fantasias alienantes da branquitude sobre si, ao se afirmar constantemente um homem inteligente, com opinião, e o homem, indivíduo, humano, com suas dores e fragilidades. Em um de seus diálogos com a protagonista Samantha White passo a estranhar as representações possíveis para Reggie, “Agora preciso ser um homem e não um movimento.” (fala retirada do 6º episódio, em 22’05”). Um homem sensível, que teme a vida. O que causa em nós a contemplação de homens negros que choram e têm medo?

Ir tomando consciência de si, sobre sua racialidade e negritude, tornou-se um pesado exercício de racionalizar o irracional, o racismo inconsciente e consciente manifesto nas relações em sociedade. Racionalizar que a ação da sociedade é reflexo de uma estruturação que beneficia a norma, o corpo branco. Racionalizar que nosso corpo está sujeito a inúmeras violências 24 horas por dia. Racionalizar o ódio e o desprezo internalizado, perpassado cultural, social e historicamente.

Era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava diante de algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada mais traumatizante para a criança pequena do que o contato com o racional. Pessoalmente, eu diria que, para um homem que só tem a razão como arma, não há nada mais neurótico que o contato com o irracional. (Fanon, 2008, p. 133)

Ter que vivenciar sua racialidade, lidando com todas as inúmeras mazelas que em sociedade atravessam corpos negros apresenta complexidade, desafios e desgaste. Bento (2022), ao relatar sobre a experiência vivida por seu filho aos dez anos de idade na escola, evoca como novamente como as heranças raciais, perpassam o tempo e as culturas destinando uns à vergonha e outros ao orgulho, mesmo que estes postos possam ser questionáveis.

Certa vez, quando meu filho Daniel Teixeira tinha dez anos, chegou em casa muito irritado, dizendo que não voltaria à escola, pois não queria participar das aulas de história sobre escravidão. O responsável por aquele comportamento era um colega de sala branco, que enquanto voltava para casa com Daniel, apontou para alguns garotos negros limpando para-brisas no semáforo, em troca de algumas moedas, e disse de maneira debochada: “Aqueles meninos também são descendentes de escravos! É uma vergonha, né?” (Bento, 2022, p.7).

Bento (2022) em seu relato e sua escrita, instiga inúmeros questionamentos, e direciona a compreensão de que a história narrada a partir da perspectiva supremacista branca, faz com que um grupo racial inteiro, por vezes não admita ou entenda que se há algo para se envergonhar na constituição das sociedades escravistas, esse algo é a ação desumanizadora, violenta e criminoso realizada por seus antepassados. Novamente, a naturalização da subalternidade e da desigualdade social, como bem expressa Almeida (2019), é evidenciada, uma vez que racionalmente, o menino/colega presente no relato de Bento (2022), entende que o vergonhoso seria a situação a qual crianças negras estariam sendo submetidas, como se tudo aquilo fosse decorrência culposa de sua racialidade e ancestralidade, sem ao menos cogitar os inúmeros fatores, dentre eles o racismo, que levam grupos a marginalidade.

O colega de sala do meu filho não conseguia perceber que, enquanto branco e com comentários daquele tipo, ele perpetuava um estigma muito antigo, que desde cedo cria diferenças e hierarquias nas narrativas sobre negros e brancos. O menino não via que eram pessoas do grupo racial a que ele pertence - branco - que haviam protagonizado a escravidão dos negros. E isso, sim, poderia ser motivo de vergonha. (Bento, 2022, p.8).

Ainda que a contemplação dos atos da branquitude no decorrer da história possa gerar inúmeros constrangimentos no social, a presença dos estereótipos e estigmas que assolam corpos não brancos (aqui pensados a partir de corpos negros e indígenas), perpetua a visão instaurada de uma supremacia branca. A privação de saberes e narrativas que valorizam a negritude, contribui significativamente para que se perdurem noções racistas na sociedade.

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro - primário, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que havia previsto a frase de Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da salas da Europa, e mais, recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. (Nascimento⁶⁶, 2016, p. 113)

A história, a educação e as narrativas estão em um campo de disputa. A ideologia vigente com poder político, social e cultural passaram a estabelecer as perspectivas e formas de contemplação do mundo e daqueles/as que nele estão. Segundo a pesquisadora brasileira Juliana Borges⁶⁷ (2019), nosso país foi constituído e construído sobre pilares racistas, a ideologia vigente no colonialismo, de certo modo, ainda paira em nossas relações, existências e cotidiano. Borges (2019, p. 57), afirma que a “[...] ‘fundação’ de nosso país acontece tendo a escravidão baseada na hierarquização racial como pilar. O racismo é uma das ideologias fundadoras da sociedade brasileira.”, uma vez que o racismo é base na estruturação social, encontra-se presente na história, economia, instituições, relações e nas subjetividades, seja daqueles/as que contemplam o/a negro/a enquanto “outro/a”, seja da própria pessoa negra, que tem sua experimentação de sujeito negligenciada, em uma quase dependência total com o/a branco/a.

⁶⁶ Abdias Nascimento (1914 – 2011), homem negro brasileiro, foi pesquisador, intelectual, ativista, indicado duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz, um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro, com diversos livros e ensaios que abordam questões relacionadas à identidade negra, à história afro-brasileira e à luta contra o racismo.

⁶⁷ Mulher negra brasileira, pesquisadora e antropóloga na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Feminista negra, interseccional, antipunitivista e antiproibicionista.

Tendo que se livrar da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. (Souza, 2021, p. 47)

De certa forma, a racialização e descoberta da negritude, novamente depara-se com a violência de estar atrelado a mazelas, subordinação e inferiorização, bem como a necessidade de lutar contra os estereótipos e estigmas ideológicos estabelecidos. O padrão de humanidade apresenta-se como branco, uma vez que fora assim estabelecido, logo, como estratégia mais rápida de garantias de sobrevivência, ao invés de exigir por humanidade e ser reconhecido enquanto ser humano, quiçá, parece mais “fácil” e desesperador clamar por branquitude, ou pelo tratamento que recebem pessoas brancas. “O mundo branco, o único respeitável, negava-me qualquer participação. De um homem se exigia uma conduta de homem. De mim, uma conduta de homem negro[...]” (Fanon, 2008, p. 129) e não apenas se espera, como constantemente, cria-se essa postura e a dispersa pelos meios culturais. Contemplar Reggie Green, Lionel Higgs e Troy Fairbanks novamente, é contemplar rompimentos imagéticos do esperado ao homem negro.

A conduta esperada e idealizada a partir da supremacia branca é então pautada em negatividade e manifestação de tudo que pode e será repudiado em sociedade, assim a apresentação que se faz sobre negritude é deplorável e limitante, “[...] o branco implacável que me aprisiona, fui para longe da minha própria presença, muito longe, e me fiz objeto.” (Fanon, 2008, p. 128). Entender-se negro/a, almejando positividade, implica em contornar a rota estabelecida pela branquitude e transpor com os impedimentos de acessar uma subjetividade não interpelada pelas narrativas falaciosas e cruéis da supremacia branca.

*Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!*

*“Por acaso sou negra?” – me disse
 SIM!
 “Que coisa é ser negra?”
 Negra!
 E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
 Negra!
 (Victória Santa Cruz, *Me Gritaron Negra*, 1960)*

O trecho do poema da peruana Victoria Santa Cruz (1922-2014), *Me Gritaron Negra* (1960), evoca como nossa negritude em sociedade não é necessariamente anunciada de forma positivada, mas sim denunciada. Em O pequeno manual antirracista da pesquisadora brasileira Djamila Ribeiro (2019), Joice Berth, pesquisadora brasileira, expõe que: “Não me descobri negra, fui obrigada a sê-la” (Ribeiro, 2019, p.24). E “Que coisa é ser negra?”. Em uma sociedade racista, estruturada pela supremacia branca, ser uma pessoa negra é conviver constantemente com negatividade e narrativas subalternizantes. Sob rótulos de criminalidade, inferioridade, servidão entre outras adjetivações violentas e negativas.

No dia 26 de fevereiro de 2023, o noticiário do G1 denunciou um ato de racismo envolvendo uma criança negra de apenas 9 anos de idade, que foi acusada de forma vexatória de roubo. Acompanhada por sua irmã adulta que comprara prendedores de cabelo em uma loja dentro de um shopping na cidade de Belo Horizonte, a criança e sua irmã foram atacadas por uma funcionária do local. ‘Aquele menininha é ladra!’, segundo a mãe da criança que voltou ao estabelecimento para entender o ocorrido, essas foram algumas das frases proferidas pela funcionária ao ser indagada dos atos racistas que cometera⁶⁸. Como expressa Ribeiro (2019, p. 24), “Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas [...]”.

A diferença anunciada, percebida e evocada/denunciada, serve para direcionar os corpos aos lugares pré-estabelecidos e concebidos pela ideologia supremacista branca racista. Para Souza (2021, p. 56) “[...] a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar

⁶⁸ Leia mais sobre a notícia em <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/02/28/funcionaria-de-loja-chama-menina-negra-de-9-ano-s-de-ladra-e-familia-denuncia-racismo-no-shopping-del-rey-em-bh.ghtml>

de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá.”. Como já evidenciado por intermédio de Grada Kilomba (2019), a branquitude projeta sobre corpos negros aquilo que é negativo e degradante no ser humano, aquilo a qual quer ver-se desvinculada. Logo, não há idade para a criminalidade, ou para a servidão, muito menos “suspeitas”, há cor, há racialidade, e nem mesmos as crianças estão livres de serem interpeladas por acusações racistas. “Gritam-lhe negra!”, ladra, marginal, utilizando-se de estereótipos e estigmas, retirando-lhe inocência e subjetividade.

[...] foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão. (Bento, 2021, p. 47)

Anunciar e denunciar delitos, é o mesmo que se estabelecer do outro lado da situação, no caso envolvendo a criança, significa evidenciar e anunciar que tal racialidade já nasceu propensa àquilo que é imoral, ancorando-se em estereótipos para validar assim falas, atos e ações. Como apresenta-nos Moreira (2019, p. 45), os “[...] estereótipos racistas estão presentes nas mentes de praticamente todas as pessoas, sendo elemento central da história social e psíquica das nações ocidentais.”, por isso, são acessados constantemente, guiando condutas e apresentando permissividades. Outro caso é o de Dierson Gomes da Silva,⁶⁹ de 51 anos, homem negro, identificado como catador de recicláveis, com deficiência intelectual, que teve sua vida ceifada em operação da Polícia Militar na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, após ser alvejado com tiros dentro do quintal da casa onde morava.

Dierson não portava nada além de um pedaço de madeira, o que aparentemente fora o suficiente para gerar “confusão” nos policiais. A corporação da Polícia alegou que “uma equipe se deparou com um homem conduzindo o que aparentava ser um fuzil, pendurado

⁶⁹Leia mais em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/01/06/meu-tio-foi-assassinado-pelo-estado-diz-sobrinha-d-e-catador-morto-pela-pm-em-operacao-na-cidade-de-deus.ghtml> Acesso em 6 de jan. de 2023

em uma bandoleira. Os policiais efetuaram disparos e o atingiram. O ferido não resistiu"⁷⁰. Neste caso percebo a presença da visão estereotipada que nos atravessa em sociedade. Com base nos estigmas que são atrelados a negritude a criminalidade, a morte de Dierson Silva, suscita o verso da música Ismália do multiartista Emicída (Leandro Roque de Oliveira): “existe pele alva e pele alvo”. Portanto, analisando culturalmente o assassinato de Dierson Silva, embasado em Almeira (2019) e Mbembe (2021), vê-se que o racismo estabelece e delimita aqueles que podem morrer.

Utilizando de uma visão e leitura interseccional, que compreende o quanto outros atravessamentos identitários podem intensificar opressões, lido agora com gênero e sexualidade como sendo possíveis catalisadores de vivências violências, operando por vezes, para especificar quais males e pesares chegarão até os corpos. Como expressa JJ Bola (2020, p. 115), os estereótipos destinados a homens negros, atrelam tais corpos constantemente a criminalidade.

Buscando os dados apresentados pelo Atlas da Violência 2021 do Brasil, os estereótipos até aqui descritos e triste caso de Dierson Silva, fica evidente como há uma espera pela criminalidade vinda corpos negros masculinos, pois o ilusório social e racista foi enxertado dessa visão supremacista que eleva a branquitude em detrimento e extermínio da negritude. Consequente, seus/nossos corpos (homens negros), tornam-se passíveis a tratamentos que intensificam nossos temores, como o medo de abordagens policiais (dados do IPAE supracitados), medo que aflora haja vista que a maioria das mortes praticadas por policiais são com vítimas masculinas negras.

Situações como o genocídio da juventude negra; o feminicídio que assola a vida das mulheres negras; as balas perdidas que só encontram os corpos negros das vilas e favelas; a violência policial, que historicamente marca vida da população negra são noticiadas cotidianamente pela mídia, denunciadas pelos movimentos sociais, discutidas pelas influenciadoras e pelos influenciadores digitais negros e não negros comprometidos com a luta antirracista. Muitas pessoas integram nas redes sociais escrevendo comentários de espanto, de solidariedade, de

⁷⁰Leia mais em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/01/05/catador-de-reciclaveis-e-baleado-na-cidade-de-deus.ghtml> Acesso em 6 de jan. de 2023

indignação, mas nada muda, na realidade dura de violência vivida pelas negras e negros no Brasil. (Gomes, 2021, p. 439)

Os atravessamentos opressivos que se intensificam nas sociedades racialmente hierarquizadas, têm reforçado a noção de que a experimentação identitária racial da negritude é acompanhada de sofrimento. Kilomba (2019), expõe essa vivência como racismo cotidiano. Essa discriminação constante que acompanha (nossos) corpos negros todos os dias, nos mais diversos momentos, ocorrem por intermédio de expressões, linguagens verbais, não verbais, visuais e afins.

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “Outro/a” - a diferença contra a qual o sujeito branco é medido - mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. Toda vez que sou colocada como “outra” - seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” excitada, a “outra” selvagem, a “outra” natural, a “outra” desejável ou a “outra” exótica -, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “Outra/o” da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. (Kilomba, 2019, p. 78)

Indago quando será que viveremos a nossa racialidade e nossa construção identitária de pessoas negras para além da sujeição de sermos outridade, haja vista que nos é negada a possibilidade de sermos “eu”, uma vez que somos depósitos de projeções da branquitude. “Toda vez que sou colocada como ‘Outra’, estou experienciando o racismo, porque eu não sou ‘outra’. Eu sou eu mesma.” (Kilomba, 2019, p. 80). Há um anseio em se imaginar, se definir e ser por si mesmo/a, encontrando a/nossa negritude para além das falácias produzidas e articuladas pela branquitude.

Kilomba (2019, p. 79) reforça que pessoas negras são entendidas, percebidas e constantemente alocadas ao posto de outridade, subalternidade e escárnio. Pela Infantilização das nossas existências, em que se constitui o ideário de sermos pessoas dependentes; pela Primitivização, associando-nos a selvageria e natureza; pela Incivilização, catalogando pessoas negras como violentas e ameaças à sociedade; pela Animalização, personificando o animal, selvagem e primata; e/ou pela Erotização de

nossos corpos, na hipersexualização e instintos sexuais. Os caminhos e as vias racistas são inúmeros com a mesma intencionalidade, fazer-nos outridade, destituídos do “eu” e da possibilidade de nos significarmos livres das visões da branquitude. Articulando as categorias expressas por Kilombo com os arquétipos do audiovisual brasileiro apresentado por Rodrigues (2011), sequencialmente vejo possibilidades de correlações entre a Infantilização e “Criolo Doido”, acentuado por ingenuidade, comicidade e infantilidade; já na Primitivização, Incivilização e Animalização aproximações com o “Negro Revoltado”, “Nobre Selvagem” e o “Malandro”, marcados por violência e força, já na Erotização, a imagem produzida do “Negão”, construindo um imaginário sobre “[...] apetites sexuais pervertidos ou insaciáveis.” de homens negros (Rodrigues, 2011, p. 33).

bell hooks (2019, p. 47) evidencia que “[e]m um contexto supremacista branco ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia a dia, quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora.”. De fato, tendo a experimentação da negritude, interpelada e violentada por tantos estereótipos, estigmas e o racismo cotidiano, “amar a negritude” parece impossível, haja vista a forma como ela é apresentada. Pessoas negras e não negras, em sociedades racistas, são bombardeadas com as mesmas narrativas sobre negritude, o que desencadeia um ódio e desprezo consciente e inconsciente em pessoas brancas, e um auto-ódio em pessoas negras.

À identidade racial branca estão associados diversos predicados positivos, como superioridade cultural, beleza estética, integridade moral, sucesso econômico e sexualidade sadia.

Obviamente, há um processo paralelo de construção dos outros grupos raciais como pessoas necessariamente diferentes e inferiores. A negritude surge a partir da atribuição negativa de características morais a traços fenotípicos das populações africanas (Moreira, 2019, p. 42).

Amar a negritude, tendo acesso e conhecimento a estereótipos racistas criados, idealizados e projetados pela supremacia branca, com o pleno objetivo de representar outridade, sendo tudo aquilo de negativo que não estaria associado a branquitude, manifestada enquanto oposto de tudo que é bom, belo e agradável, é uma tarefa quase impossível. Nesse diálogo estaríamos buscando o que amar quando toda a representação e tudo que é atrelado a negritude é ruim e pejorativo. O auto-ódio, cruel e dilacerador é

entendível então. “O racismo produziu uma autoimagem turva, prejudicando a mais fundamental capacidade de amar: o amor-próprio.” É o que constata Lucas Motta Veiga⁷¹ (2019, p. 247) em seus estudos. Esse é um dos motivos para elencar e procurar representações midiáticas distantes de estereótipos sobre a negritude, analisar os personagens Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks, é exercício de auto-amor e anseio por pedagogias culturais que ensinam e possibilitam imaginários distantes de narrativas deploráveis.

Ao trabalhar sobre auto-ódio nas aulas que lecionava, hooks, 2019, p.46) criava um espaço para que as pessoas não brancas verbalizassem suas tentativas de “conquistar a branquitude, ao menos simbolicamente”, como estratégia de angariar minimamente positividade em suas existências. Amar a negritude implica e implicaria romper com as significações e identificações construídas e elaboradas estrategicamente para dominar e subordinar, a fim de desestabilizar a branquitude. “A desconstrução da categoria ‘branquitude’ é central para esse processo de desaprender atitudes e valores supremacistas brancos.” (hooks, 2019, p.50).

Observando um mundo branco, torna-se mister criar condições para possibilitar outras perspectivas, para que amar a negritude seja uma realidade, rompendo com o processo de racialização meramente denunciativo, ancorado em uma visão e herança colonialista e supremacista branca. Assim, construir uma memória de orgulho e honra: “Sou dádiva, mas me aconselham a humildade do inválido...” (Fanon, 2021, p. 153).

Enquanto pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra. O racismo internalizado continuará a erodir a luta coletiva por autodefinição. Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima. E, ainda que sejam motivados a se empenhar ainda mais para alcançar o sucesso, porque desejam superar os sentimentos de inadequação e falta, esses sucessos serão minados pela persistência da baixa autoestima. (hooks, 2019, p.60).

⁷¹ Homem negro brasileiro, psicólogo e mestre em psicologia pela universidade Federal Fluminense UFF.

Ao passo que minam nossas possibilidades de experienciar a racialidade negra com narrativas positivadas, nos instigam aspirar o embranquecimento como único caminho garantidor de mínima humanidade, haja vista, que aos corpos negros, é negada tal concepção. A brasileira Sueli Carneiro (2011, p. 15) assim expressa sua indignação: “[...] a prevalência da concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros, o que conseqüentemente, leva a naturalização da desigualdade de direitos.”. Encontrar outras vias para entender-se pessoa negra, é encontrar caminhos que nos evoca a grandeza daquelas e daqueles que vieram antes de nós, e nos provocam e refletem, negros e negras da contemporaneidade, uma potência continuada e transformadora. “Pessoas negras estiveram aqui antes de nós e sobreviveram. Podemos ler suas vidas como placas que nos indicam o caminho [...], [...] cada um de nós está aqui porque alguém antes de nós fez algo que tornou isso possível.”. (Lorde, 2020, p. 175).

Veiga (2019, p. 247) expõe que “Pertencemos ao povo que criou a matemática, a filosofia, a medicina, o samba, o jazz, o blues, o rap, o funk, o vogue, o hip hop, as pirâmides do Egito [...]”. Nossa história é grandiosa e repleta de contribuições significativas para toda a humanidade, demarcar isso é reivindicar espaço na “história universal”, que é monopolizada por pessoas brancas que constantemente tentam empurrar para as margens os feitos “[...] protagonizados por mulheres e por pessoas negras, interpretados como de relevância apenas para o grupo racial a qual fazem parte.” (Oliveira, 2020, p. 81).

Mais do que desperdiçar energia e tempo tentando ensinar e educar pessoas brancas/não negras sobre nossa existência, esta energia “[...] poderia ser mais bem empregada numa redefinição de nós mesmos e na elaboração de roteiros realistas para alterar o presente e construir o futuro”, lastima a Lorde (2020, p. 142),

A crença na superioridade branca, pautada em pseudo-ciência e em um racismo científico descabido, evidencia não apenas a estrutura racista consciente e inconsciente das pessoas, mas também o caráter daqueles e daquelas que optaram por preservar tais pensamentos retrógrados. “Não podemos nos dar valor do jeito certo sem antes quebrar as paredes de autoenganação que ocultam a profundidade do auto-ódio dos negros, a angústia interior, a dor sem reconciliação”, alerta hooks (2019, p. 62). Desmascarar e dismantelar

os estereótipos e estigmas sobre a negritude, é avanço e tomada de poder para narrarmos e criarmos nosso processo de racialização longe das denúncias e dos postos em que somos aprisionados.

Como muitas pessoas negras que circulam em espaços de poder, já fui “confundida” com copeira, faxineira ou no caso de hotéis de luxo, prostitua. Obviamente não estou questionando a dignidade dessas profissões, mas o porquê de pessoas negras se verem reduzidas a determinados estereótipos, em vez de serem reconhecidas como seres humanos complexos em toda a sua complexidade e suas contradições.. (Ribeiro, 2019, p.26)

A infantilização, primitivização, incivilização, animalização e erotização não nos cabe, os arquétipos acessados e amplamente utilizados no audiovisual brasileiro e internacional, que fundamentou imaginários racistas, alocando nosso corpos em representações rasas como da “Mãe Preta”, “Negro de alma branca”, “Negão”, “Negro Revoltado”, entre outros, como expõe Rodrigues (2011), apenas nos limita e nos simplifica, assim, da mesma forma que lidamos e combatemos tais formas reducionistas de nos enquadrar, que a branquitude lide com suas falácias e encare suas projeções. Entendendo que os corpos “outros”, não são caçambas da branquitude.

Eu também estou em busca dos escombros da história. Estou tirando a poeira das conversas do passado para recordar parte do que era compartilhado antigamente quando as pessoas negras tinham pouco contato íntimo com os brancos, quando éramos mais abertos a respeito da forma como associamos a branquitude com o mistério, o estranho, o terrível. (hooks, 2019, p.296)

Buscar novas perspectivas e narrativas de racialização, também evoca a possibilidade de racializar esse “outro” de tantos que ocupa o lugar de norma. Anunciar que pessoas brancas são “outras” perante demais raciaidades, torna-se estratégia de resistência, e por mais que no senso comum, apoderem-se basicamente por completo da positividade para suas existências, a branquitude/o corpo branco é interpretado e pode ser lido culturalmente também. hooks (2019) entende que a branquitude não seria/não tem sido lida como uma ideologia fundada numa pseudo-ciência para inferiorizar os corpos por

intermédio de estereótipos físicos e estigmas sobre sua existência, mas sim como reação ao tratamento desigual em que estabelece suas relações sociais.

Sobre essa relação hierarquizada, cruel e invisível, no contexto do racismo estrutural, Ribeiro (2019, p. 25) percebe que mesmo uma pessoa branca com “[...] atribuições morais positivas - por exemplo, que seja gentil com pessoas negras -, ela não só se beneficia da estrutura racista como muitas vezes, mesmo sem perceber, compactua com a violência racial.” Assim sendo, estabelece-se uma visão sobre a branquitude na manifestação de repulsa e revolta perante a contemplação de um mundo branco.

Sem evocar uma dicotomia “nós e eles” simplista e essencialista - que sugere que as pessoas negras apenas invertem interpretações racistas estereotipadas, então o negro se torna sinônimo de bondade e o branco de maldade -, quero focar na representação da branquitude que não é formada como reação a estereótipos, mas que surge como uma resposta à dor traumática e à angústia que permanecem como consequência da dominação branca racista, um estado físico que influencia e molda como pessoas negras “veem” a branquitude. Os estereótipos que os negros mantêm sobre os brancos não são as únicas representações da branquitude na imaginação negra. Surgem principalmente como reação dos estereótipos que os brancos têm dos negros. (hooks, 2019, p.302)

Enquanto nós, pessoas negras e não brancas (indígenas, asiáticas e demais racialidades) lidamos, aprendemos e ressignificamos nossas racialidades, em um processo interpelado por auto-ódio, instigado e desenvolvido como resultado da atuação da branquitude, talvez possamos desestabilizar a racialização confortável das pessoas brancas. Não há interesse algum em fazer com que todos os caminhos de racialização sejam pautados por sofrimento, como tem sido a racialização de pessoas não brancas, principalmente de pessoas negras e indígenas, mas há sim a intencionalidade de “sacudir” e provocar reflexões, para que pessoas brancas pensem e repensem sua racialidade para além das narrativas romantizadas e elevadas que apenas operam e existem em detrimento de outras existências. hooks (2019, p.296) evidencia que “Sistemas de dominação, imperialismo, colonialismo e racismo coagem ativamente as pessoas negras a internalizarem percepções negativas da negritude, a se auto-odiarem.”

Em oposição, as pessoas brancas beneficiadas em suas narrativas pelos fatores mencionados, por vezes nem ao menos observam ou reconhecem que só angariam e

angariaram narrativas positivadas em decorrência da atuação violenta de seus antepassados, que criaram e atrelaram em nós - pessoas negras, indígenas e não brancas - o negativo, tendo ainda na contemporaneidade, parte significativa de pessoas que perpetuam falácias e violências racistas entendendo os benefícios que assim depositam sobre seus corpos brancos.

Novamente, reitero que a intencionalidade de tais denúncias e provocações não é atribuir um sentimento de culpa em pessoas brancas contemporâneas, mas quiçá, despertar um senso de responsabilidade para que possam combater juntamente com pessoas negras, indígenas e não brancas, as opressões que nos atravessam e os beneficiam, “[...] todas as pessoas brancas (e todas as outras nessa sociedade) têm a escolha de serem ativamente antirracistas 24 horas por dia se assim desejarem [...]” (hooks, 2019, p.54).

O caminho para a racialização da negritude de forma positiva, configura-se como uma ação coletiva entre pessoas negras e não negras. Rejeitar o imaginário da branquitude, construído sobre corpos negros, imerso em estratégias de dominação e projeções de tudo aquilo que era negativo, há de romper com as prisões da outridade, oportunizando uma visão sobre a complexidade dos indivíduos. Tal ação destina também a branquitude uma responsabilidade de combater e desconstruir as falácias introjetadas e instaladas em seus inconscientes e em suas atitudes conscientes, atuando para a elaboração e reestruturação de uma sociedade mais justa e igualitária, entendendo que “[...] a mera existência de estigmas já é uma ameaça à dignidade das pessoas.” (Moreira, 2019, p. 84)

A racialização que rompe com a intencionalidade de dominação e subordinação, possibilita com que corpos abjetos socialmente, encontrem-se em outras narrativas e outras contemplações. Como expressa o pesquisador uruguaio Eduardo Galeano (2006, p. 154) quanto a percepção latina-americana sobre si, “tal espelho enganador que ensina às crianças latino-americanas a se olharem com os olhos daqueles que as desprezam, e as condiciona a aceitar como destino uma realidade que as humilha.”. Transpondo a racialização mediada pelo olhar da branquitude, podemos transgredir os espaços sociais estabelecidos e limitantes.

“Nós sempre fomos maravilhosos. Eu nos vejo refletidos nas coisas mais sublimes do mundo. O negro é rei. Éramos beleza antes que soubessem o que era beleza.”⁷² (nossa tradução), a frase expressa é narrada pela afro-estadunidense Beyoncé Knowles (1981--), recordista de Grammys em seu álbum visual e filme musical *Black is King* (2020). Entender-se enquanto belo, e propagar tal discurso, evidencia o que a brasileira Nilma Lino Gomes (2020, p. 304) nos traz como sentido “[...] política, cultural, racial e identitário “por parte de pessoas negras, [...] a beleza negra, conquanto linguagem, assume dimensão política.”. A beleza atua como maneira de expressar sentimentos e organizar/conferir outros sentidos ao mundo, aqui, um mundo onde traços negróides evocam positividade.

Cada movimentação negra, cada novo espaço conquistado, reivindicado e tomado, torna-se evidência da potência presente na negritude. Gomes (2020), apresenta como o corpo por si só é político, seja na construção e ligação ancestral negra por vezes acessada pelos cabelos, marcador corporal cultural e historicamente recriminado, seja na cor da sua pele. “O negro, quando se impõe perante a sociedade, quando debate politicamente, quando produz cultura e se insere nos mais diferentes espaços sociais traz em si a marca da corporeidade e se expressa esteticamente. (Gomes, 2020, p. 301).

Ambicionar a racialização negra em positividade e até mesmo a racialização da branquitude com outros contornos, os tirando da posição de descendentes de “heróis” e lhes apresentando as violências realizadas pelos seus antepassados, é alternativa para que

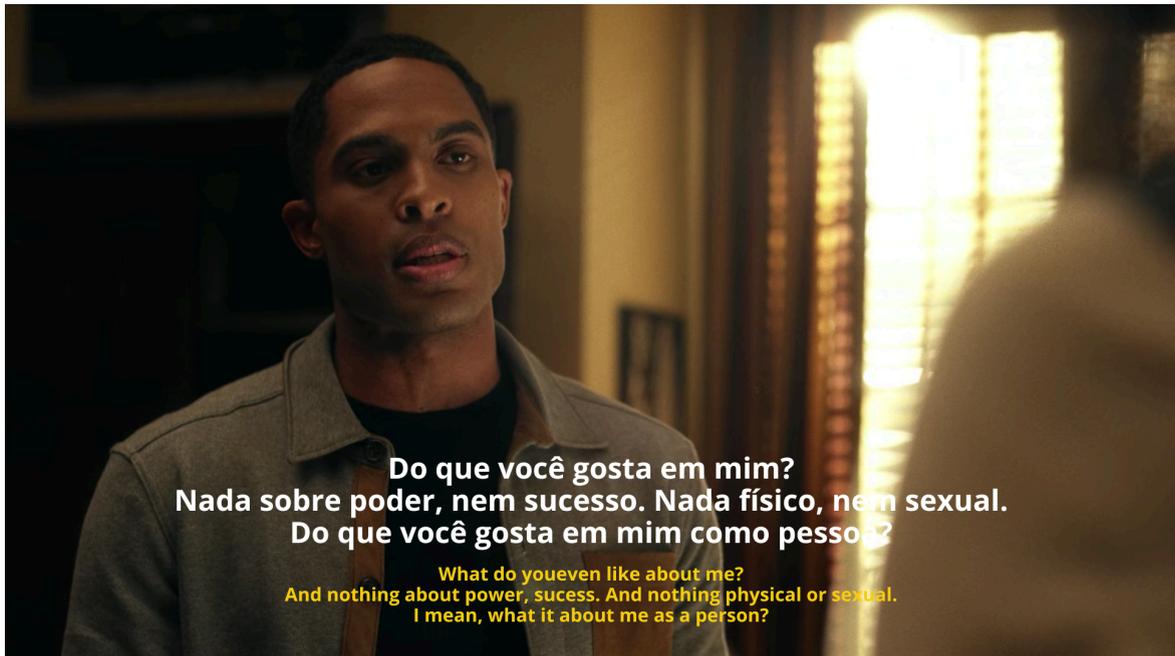
[...] se possa quebrar o círculo vicioso de produção de egos inflados versus egos deprimidos, é preciso agir sobre as duas pontas do problema em prol da construção de um círculo virtuoso em que compartilhar igualmente a diversidade humana seja um princípio de enriquecimento para todos. (Carneiro, 2011, p.81)

Desestruturar postos da branquitude, que perduram apenas pelo manuseio do racismo, é caminho para consolidar novas narrativas e definições para corpos não brancos. Não há desejo em ser o colonizador negro em novas histórias, ou o monopolizar a ideia de

⁷² “We have always been wonderful. I see us reflected in the world’s most heavenly things. Black is king. We were beauty before they knew what beauty was”. Fala referente aos 48’37” – 49’01”. Disponível na plataforma de *Streaming Disney Plus*.

humanidade e universalidade em um corpo negro, mas há interesse em romper com aquilo que é fixo, dado como natural e opera em detrimento de outras existências.

Dado o diálogo quanto a racialidade, a partir deste ponto, proponho um exercício para a continuidade da dissertação. Há uma recorrência na anunciação da diferença em adjetivação quando esta é alteridade perante a norma, como supracitado acima, “Gritamos negra” ou “Aquele cara preto”, e pouco alocamos branquitude como marcador social a ser evocado. Proponho agora que tentemos subverter as prerrogativas da norma, ao menos na quinta seção que intercruzo os personagens. Que os corpos racializados e adjetivados sejam brancos, e que a negritude seja apresentada e acessada no campo da “universalidade”, que não precisa de adjetivo complementar que suscite raça, o normal/norma será ser negro/a, e a diferença anunciada será a brancura. Assim, todas as vezes em que eu lhe apresentar um corpo, homens ou mulheres, caso não estejam adjetivados com brancura, que seja entendido que falo sobre existências negras. Agora grito e evoco branco! Aquele cara branco! Aquele corpo é racializado, o corpo branco.



4. É TUDO SOBRE “PODER, SUCESSO, PORTE FÍSICO E SEXO” - A QUE GÊNERO SE PRESTA?

Apresentam um maior risco de morte por suicídio, sendo o comparativo de até 3,8 vezes mais elevado, isso segundo dados analisados e fornecidos pelo Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (2021); carregam também maiores índices de consumo abusivo de álcool de acordo com a Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas; no que tange a temática violência, se tornam cerne da discussão, como principais agentes de agressões; correspondem a mais de 90% da população encarceradas, bem como são também maioria na ocupação de cargos e funções públicas; nos níveis federativos, nos três poderes, segundo estudos comparativos elaborados pelo IPAE, de 1986 a 2017, eram melhores remunerados. O corpo interpelado por todas estas informações, ainda que não generificado diretamente na escrita, pode ser decodificado de modo quase evidente como um corpo “masculino”.

Ainda que a nomenclatura “homem” não tenha sido dada entre as descrições no parágrafo anterior, às características atribuídas e evidenciadas, tornaram-se meio para a materialização, corporificação e generificação do sujeito ao qual nos referimos com a

apresentação dos dados. Entre tantas outras discrepâncias e evidências, o corpo generificado aqui, o corpo masculino, é imerso também em recortes específicos dentro da masculinidade, como a predominância de homens brancos em cargos públicos e homens negros no cárcere.

A contemplação das diferenças e interpelações sociais que privilegiam ou desprivilegiam corpos, nos oportuniza falar sobre masculinidade e gênero até mesmo sem a nomeação do objeto.

Há algo de surpreendente na problematização mundial de homens e masculinidades porque, de várias formas, a posição dos homens não mudou muito. Os homens continuam sendo a grande maioria dos executivos, profissionais de alto escalão e ocupantes de altos cargos políticos. Em todo o mundo, os homens ocupam nove em cada dez cargos de gabinete em governos nacionais, quase a mesma proporção de cadeiras no congresso e a maioria dos empregos de alto escalão em agências internacionais. Os homens, coletivamente, recebem, aproximadamente o correspondente a duas vezes o salário das mulheres e também se beneficiam do trabalho não remunerado das mulheres, sem falar do apoio emocional. (Connell, 2020, p. 98)

Como possíveis consequências de uma sociedade patriarcal, machista e misógina, encontrar corpos masculinos nas melhores posições sociais e em vantagens na vida social, tomou espaço contemplativo de normalidade, sendo naturalizado não apenas a ascensão de alguns, mas a falência de tantos/as outros/as. Como indica a cientista social australiana Raewyn Connell⁷³ (1995, 2015), pioneira nos Estudos das Masculinidades, que argumenta como é a e na cultura que se constituem um padrão ideológico do que é “ser homem” e de como desempenhar a masculinidade de modo louvável e com a possibilidade de angariar benefícios/privilégios.

A divergência dos padrões instituídos e aplaudidos, não interpelam então apenas corpos generificados de outras formas, “estranhamente”, esse mesmo corpo masculino, por vezes quando acrescido de outros marcadores sociais (raça, sexualidade, geografia, classe social, estruturação física - pessoa com deficiência, transgeneridade e outros) também tornam-se protagonista em mazelas, como os índices de suicídio, problemas de saúde, mortes em “operações policiais” e afins, que podem e são explicados e discutidos a partir

⁷³ Mulher trans branca australiana, professora e pesquisadora com estudos nas áreas de educação, classe, sexualidade e gênero, violência, teoria global e principalmente, masculinidades.

de pesquisas que enfocam a construção das masculinidades e de gênero, como nos apresenta a pesquisadora estadunidense Judith Butler (2023), referência nos estudos feministas e *queer*

[...] o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (Butler, p. 21, 2023)

Adentrar no campo das discussões de gênero, fora possível em decorrência dos Estudos Culturais e às movimentações e estudos feministas. Visto que, tais avanços científicos, com ênfase nos estudos feministas, oportunizaram que o masculino fosse alocado também enquanto material analítico e estudável, haja vista que tal corpo, estando em posição de normatividade, padrão social/”humanidade” e constantemente “produtor” e “detentor” de conhecimento, esquivou-se durante muito tempo da posição de ser objeto problematizado, fugindo de tornar-se o/a “outro/a” a ser estudado.

Ausentar-se da posição de gênero, fez com que homens pudessem ser beneficiados nos mais diversos aspectos sem terem o marcador social evidenciado como “facilitador” de suas vidas, Connell (2016), ao falar sobre os discussão quanto ao desenvolvimento e as mulheres, evoca como a utilização da palavra gênero, trazia a tona os benefícios e privilégios de ser homem, uma vez que abrangia os corpos na discussão, “O que estava faltando eram as análises dos homens como atores generificados, dos modelos de masculinidade e da maneira como foram envolvidos na distribuição de recursos e na formulação de estratégias de desenvolvimento.” (Connell, 2016, p. 166).

A historiadora estadunidense Joan Scott⁷⁴ (1995), uma das referências nos estudos feministas e de gênero, evoca como os avanços feministas não apenas despertariam/despertaram novos temas, como iriam “[...] igualmente impor um reexame

⁷⁴ Mulher branca estadunidense, professora e pesquisadora com uma trajetória iniciada nos estudos dos movimentos operários no século XIX e feminismo na França, se consolidando como um dos principais e precursores nomes nos estudos de gênero.

crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente.” (Scott, p. 73, 1995). Assim, compreendendo que existe um corpo produtor por trás do conhecimento, é possível indagar as afirmações que por vezes se estruturam em lógicas opressivas. Não dando margem a um “anti-cientificismo”, mas também não trabalhando com a ingenuidade que não contempla machismo, racismo e outras opressões na formulação do saber, dado históricos como o racismo, machismo e sexismo científico.

Connel e Perase (p. 26, 2015), perante a discussão de gênero apontam-nos como as “[...] pesquisas modernas sobre esse tema foram disparadas a partir do movimento de mulheres por igualdade de gênero. Há uma razão simples para tal: a maior parte das ordens de gênero ao redor do mundo privilegia os homens e confere desvantagens às mulheres.”, logo, é possível observar que o corpo masculino, e aqui enfatizamos raça, o corpo masculino branco, sempre tomou outras existências como objetos de análise e nunca foi tomado enquanto algo a ser estudado, ocupando-se de beneficiar sua existência com tudo aquilo que produzia. A sagacidade do controle do “conhecimento” tem seus impactos até a contemporaneidade, em muitos momentos, parte do que hoje encontramos no senso comum, fora teorizado como ciência e conhecimento legítimo e confiável.

Na psicologia pop, as diferenças corporais e os efeitos sociais são ligados pela ideia de uma *dicotomia de caráter*. Supostamente, as mulheres têm um conjunto de características e os homens, outro. As mulheres são cuidadoras, influenciáveis, comunicativas, emocionais, intuitivas e sexualmente leais; os homens, agressivos, inflexíveis, taciturnos, racionais, analíticos e promíscuos. Essas ideias têm sido amplamente difundidas nas culturas de origem europeia desde o século XIX, quando a crença que as mulheres têm o intelecto mais fraco e menos capacidade decisória do que os homens era usada para justificar sua exclusão das universidades e do direito ao voto. (Connell, Perase, 2015, p. 102.)

As articulações realizadas por aqueles que detinham e monopolizavam a produção de conhecimento, com intencionalidades segregacionistas e opressivas, encontraram espaço no senso comum, de modo a internalizar crenças que fomentam e naturalizam desigualdades de gênero como se fossem resultados plausíveis da atuação da natureza e da biologia sobre os corpos. Capturar o corpo norma como objeto de estudos e análises, há

então de gerar indagações quanto às perspectivas pelas quais o conhecimento tem sido produzido.

A ideia de que a diferença natural é a base para padrões sociais de gênero manifesta-se em diversos formatos. Um deles é a dominância dos homens na sociedade, já que com seus altos níveis de testosterona eles têm uma ‘vantagem agressiva’ hormonal na competição por cargos mais altos. (CONNELL, PEARSE, p. 91, 2015)

Nomear o fator que determinava e ainda tem determinado opressões e desigualdade no corpo social, bem como aqueles que nos estruturaram em sociedade de maneira hierarquizada, passa a ser elemento principal e impulsionador para diálogos, indagações e produção de conhecimento em uma diversidade de óticas e corpos atuantes. É preciso pensar gênero para observar as influências que tal categoria identitária têm desempenhado. Scott (1995), indica que “[...] as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir a organização social da relação entre os sexos.”. Estudar as desigualdades que interpelam os corpos, quando analisadas de modo “unilateral”, apenas a partir da evidenciação da diferença ou do corpo oprimido, pode ocultar um outro lado, um outro elemento identitário, outros corpos, outros “outros”, para além dos outros e outras que são simplesmente não homens, não brancos, não norma, em uma ambição de alocar a norma como outra, uma vez que é de fato outro de tantos outros.

Sobre gênero, Connell e Rebecca Pearse ⁷⁵(2015, p.25) afirmam que “[...] é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até à sobrevivência.”. Logo, gênero precisa ser pensado em uma pluralidade, distante de uma contemplação simplista, como supracitado, que atribui gênero apenas ao corpo que não é norma, que não é homem. É justamente essa visão abrangente que há de capturar o corpo masculino e a masculinidade como objetos de estudo.

Desta forma, fazendo valer o que fora iniciado com as feministas e inúmeras pesquisadoras mulheres, que atuaram ao longo da história e perduram até a

⁷⁵ Mulher branca australiana, pesquisadora com trabalhos nas áreas de política ambiental e justiça ambiental.

contemporaneidade nas pesquisas quanto a gênero, aloco corpos masculinos e as masculinidades como centro. Não permitindo que homens ocupem o centro de maneira similar a ordinariedade do cotidiano, haja vista que o corpo masculino já monopoliza até o cerne de humanidade, aqui não há um interesse em conferir positivado e elevação a ideia de homem, mas sim, anseio em trazer o gênero como centro a ser problematizado e indagado quanto sua constituição identitária e seus impactos no corpo social. Enquadrar o masculino no lugar de objeto, traz consigo não apenas a ideia crítica e analítica sobre as identidades masculinas, mas todos os fatores que circundam a constituição de tais identidades, bem como as estruturas ideológicas e políticas que sustentam as diferenciações de gênero. JJ Bola (2020), me direciona a pensar nas identidades masculinas e no patriarcado enquanto pilar de sustentação daquilo que contemplamos em sociedade.

Uma sociedade patriarcal é aquela em que os homens assumem as posições primordiais de poder na esfera pública, dominando o governo e a política, a economia e os negócios, a educação, o emprego e a religião, e entendendo esse domínio para um nível privado e interpessoal, no lar, dentro dos relacionamentos, e até nas amizades. (Bola, 2019, p. 17)

E ainda que a interpelação e o atravessamento de outros marcadores identitários, como raça, possa colocar em xeque a potência autoritária do corpo masculino, inicio esta seção invertendo um diálogo operado entre Troy e Colandrea "Coco" Conners, interpretada pela atriz estadunidense Antoinette Robertson (1993 --) (personagem a qual o Troy mantinha relações afetivas). Enquanto diálogo sobre gênero, Troy é o personagem que circunda a mente, frisando novamente que embora os três personagens que aqui destrincho e trabalho sejam interpelados por tal marcador, e são analisados também nas chaves que inter cruzam gênero, sexualidade e raça, seleciono Troy para encabeçar esta sessão pelos diálogos que ele suscita um corpo másculo que é entendido com ênfase em tal demarcação.

No recorte selecionado, em uma discussão com a personagem Coco Conners, Troy basicamente questiona se é visto para além do seu corpo e sua potência. Ainda que haja sim um atravessamento evidente de racialidade, haja vista a hipersexualização do corpo negro masculino, como dialoga Oliveira, (2019), Kilomba (2019), Fanon (2019) e tantas/os outros. Parte das outras atribuições que Troy questiona, estão muito atreladas ao

gênero, “Poder” e “Sucesso” não apenas não atribuições cobradas ao masculino, como planejadas para o gênero.

[...] poder e privilégio são concedidos aos homens simplesmente por serem homens, dentro de uma cultura patriarcal. O próprio conceito de “ser homem”, ser “homem de verdade”, deixa sempre subentendido que, quando necessário, homens podem cometer ações que quebram as regras, que estejam acima da lei. O patriarcado nos diz diariamente, nos filmes, na televisão e nas revistas, que homens poderosos podem fazer o que bem entendem, que é essa liberdade que os torna homens.. (hooks, 2021, p. 80)

Ao intercruzar a racialidade, reforço que tais atribuições são vetadas ou dificultadas para masculinidades negras e ou dissidentes da norma patriarcal branca cisheteronormativa. Todavia, homens negros heterossexuais ainda a “compõe/flertam”, nem que seja pela aspiração, ou pelo delírio de encontrar um corpo subalterno sobre o qual possam exercer poder e se comparar no alcance de sucesso.

[...] a grande maioria dos homens negros tomou como padrão o modelo dominador estabelecido pelos senhores brancos. Com o fim da escravidão, esses homens negros muitas vezes lançavam mão de violência para dominar as mulheres negras. uma repetição das estratégias de controle empregadas pelos senhores brancos. Alguns homens negros recém-libertos levavam suas esposas ao celeiro para bater nelas, assim como o senhor de escravos um dia havia feito com eles. De fato, quando a escravidão terminou, a masculinidade patriarcal tornou-se um ideal aceito pela maioria dos homens negros o que seria reforçado pelas normas do século XX.. (hooks, 2022, p. 47)

Embora a afirmação de hooks (2022), seja pensada a partir de proximidades histórias do período pós escravização, como a própria autora menciona, as ideias machistas e patriarcais de dominação se estendem a longo dos séculos. Mesmo ocorrendo alterações em determinadas temporalidades e culturas, a ambição de dominar e subir na hierarquia social vigente ainda persistem em muitos homens negros, que por vezes subjulgam mulheres negras, enquanto disputam com mulheres brancas pela atenção e respeito de homens brancos, imagem que hooks (2023) nomeia como “papai branco”.

No patriarcado supremacista branco capitalista, homens negros e mulheres brancas estão especialmente posicionados para competir entre si pelos favores que os “papais” brancos em posição de poder podem lhes conceder. Na

eventualidade de indivíduos desses grupos falharem em compreender tanto sua posição em relação uns aos outros quanto em relação ao patriarcado branco, a pedagogia da cultura popular empreendida pela grande mídia os bombardeia de imagens para lembrá-los o tempo todo de que as chances de serem recompensados pelo patriarcado dominante e as esperanças de salvação dentro da estrutura social existente aumentam consideravelmente quando eles aprendem a “agradar o papai”. (HOOKS, 2023, p. 158)

É possível assim observar que os lugares sociais ocupados pelos corpos masculinos, especificamente corpos cis masculinos brancos, não se justifica pela condição biológicas e naturalistas, mas sim a estruturação social, política e cultural, que se perpetua encontrando agentes interessados na permanência do *status quo* como está estruturado, beneficiando homens brancos em detrimento de outras identidades de gênero e racialidade. Como nos expõe o pesquisador e artista brasileiro João Paulo Baliscei (2021, p. 29)

Ser menino e ser menina não são consequências espontâneas do existir no mundo; pelo contrário, são resultados de um projeto sutil que envolve ações, reforços e advertências que, repetidamente atravessam os corpos na tentativa de fazê-los (estritamente) masculinos ou (estritamente) femininos. (Baliscei, 2021, p. 17)

Pensar as masculinidades não necessariamente é uma tentativa de encontrar o “mal da sociedade”, como se fosse possível atribuir uma única raiz para nossas mazelas com o ímpeto de exterminá-las. Entretanto, colocar as masculinidades em enfoque é refletir sobre o que temos formado enquanto coletivo e quais os impactos dessas identidades no social, corpos que por vezes são naturalizados para a violência, para o controle, para a opressão e encontrarão seus “outros/outras” em quem irão operar segundo aquilo que lhes fora “designado”.

Tratar sobre masculinidades é idealizar e aspirar quais caminhos possíveis e necessários que tais identidades, urgentemente, precisam encontrar para que assim rompam com lógicas hierárquicas e opressivas que tangem e ameaçam outras existências. Connell e Perase (2015, p. 43,) expressam que “[...] os arranjos de gênero são, ao mesmo tempo, fontes de prazer, reconhecimento e identidade, mas fontes de injustiça e dano. Isso significa que o gênero é inerentemente político [...]”, destrinchar a constituição, é um

exercício válido para vislumbrar alternativas à algo que tem lugar de importância para a vida social.

Sendo assim, dialogar sobre masculinidades é falar pluralidade de existências e constituições identitárias. Romper com uma visão biologizante e naturalista sobre homens e mulheres, para compreender que o corpo sexual não carrega intrinsecamente formas de ser, agir e estar no mundo. Tudo isso é atribuído e ensinado, com imposições e direcionamentos que precedem até mesmo o nascimento desses seres, como indica Baliscei (2021)

[...] quando afirmam ‘é um menino’ ou uma ‘é uma menina’, os/as médicos/as não estão apenas anunciando aos/as familiares a chegada de um corpo que já é masculino ou feminino, mas estão também comunicando-lhes a necessidade de tornar esse corpo masculino ou feminino [...] (Baliscei, 2021, p. 34)

Em concordância com Laraia (2001), compreendo que nossas características sociais transpõem nossa biologia. Evidenciando a pluralidade de existências e identidades de gênero, o autor argumenta que os “[...] seus comportamentos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado” (Laraia, 2001, p. 20).

Todavia, entendo que não há uma necessidade de afastar-se por completo das interpelações biológicas, ou anular as compressões e influências da natureza na construção do gênero, como nos instiga a pesquisadora brasileira Guacira Lopes Louro (2014), ao indicar que “[...] não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.” (Louro, 2014, p. 26). É preciso demarcar que a biologia não ocupa espaço essencialista nos gêneros, mas cria-se gênero sobre corpos biológicos, entretanto, tal fator não deve ser determinante e organizador da vida social.

Evidenciar biologia e suas influências sobre as identidades de gênero, pode direcionar o pensamento quanto as interseções que atravessam os corpos e modificam as

vivências de gênero, bem como suas configurações. Masculinidades negras são experimentadas e constituídas de maneiras diferentes de masculinidades brancas, bem como demais masculinidades. E não que a própria biologia faça com que as experimentações de gênero sejam diferentes a depender das características físicas, mas a forma como as categorias biológicas são caracterizadas, desemboca na pluralidade de vivências. As hierarquizações e distinções encontram-se presentes até mesmo dentro das mesmas categorias sociais, e dialogando quanto a gênero, Butler (2023) no tocante ao feminino, apresenta como os elementos interseccionais formam identidades femininas distintas.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a 'especificidade' do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a 'identidade' como tornam equívoca a noção singular de identidade. (Butler, 2023, p.22)

Em concordância com Butler (2023), a pesquisadora Louro (2014, p. 27), ressalta como “[...] as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.” (Louro, 2014, p. 27), assim, gênero é um marcador social interpelado por tantos outros marcadores.

Flertando com o personagem Troy Fairbanks, para contemplar e analisar seus traços identitários e sua composição enquanto personagem, aloco o personagem na seção de masculinidades, destinando a contemplação aos atravessamentos que constitui sua representação com as expectativas e esperas dos/sobre os homens. De Troy é esperado sucesso, altivez e liderança, sendo criado, moldado e podado para isso, e ainda que sua masculinidade seja atravessada por sua racialidade, em aproximações com as ideias de hegemonia, Troy seria um potencial representante, é constantemente lido como um homem forte, com poder aquisitivo (sendo filho do reitor da universidade), bem instruído e heterossexual, sendo esta, uma das maiores atribuições e necessidades da hegemonia.

Percebendo a visualidade oportunizada pelo corpo masculino e negro de Troy, de certa forma identifico sua representação em conformidade aos padrões binários de gênero, tal como Lionel e Reggie, suas vestimentas em sobriedade não geram dúvidas de que são pensadas para construção de corpos masculinos, haja vista que é composto por tecnologias binárias que suscitam masculinidade. Todavia, entre Troy e as demais masculinidades apresentadas e analisadas aqui, há uma diferença, suas vestimentas para além de anunciarem o masculino, também evocam formalidade e até mesmo classe social e uma ideia de política, uma vez que Troy é apresentado na série como um constante “mediador” entre pessoas negras e brancas, em uma constante abordagem apaziguadora. Ao longo dos episódios da primeira temporada a qual analiso, em diversos momentos é possível contemplar Troy em roupas sociais, vestido com terno e gravata até mesmo em momentos mais informais reunido com seus amigos, observo também que tais trajes típicos são constantemente utilizados pelos personagens brancos que aparecem na série nos papéis de investidores, mantenedores e administradores da Universidade.

Se as vestimentas fazem gênero, elas também servem para diferenciar as categorias presentes e existentes no gênero, tal como o corpo por si só. Com as contribuições de Rodrigues (2011) e demais autoras/es, angario conhecimento do estereótipo constantemente direcionado a homens negros, as visões simplistas que hipersexualizam corpos negros. Todavia, é necessário compreender que na infinidade de configurações corpóreas e físicas, nem todos os homens negros são vistos no arquétipo de “Negão”, como apresentado por Rodrigues (2011), ainda que haja quase em uníssono um apelo racista quanto nossos desempenhos sexuais, como apresenta Fanon (2020, p. 178) “O negro, por outro lado, está fizado no genital; ou, pelo menos, doi onde o fixaram.”.

Troy pode ser lido como “Negão” que é destituído de intelectualidade, haja vista que durante a série tem sua intelectualidade questionada, como também desconfia dela ao passo que vê sua autonomia sendo minada pelo controle de seu pai, Dean Fairbanks, interpretado pelo ator estadunidense Obba Babatundé (1951 --). Assumindo a leitura do arquétipo do “Negão”, Troy é um homem negro grande, musculoso e atraente, suas atribuições físicas são evocadas e associados por alguns (pessoas brancas) aos esportes, e em outros momentos, alocado meramente a sexualidade e seu apetite e desempenho sexual.

Outro ponto que Troy suscita flertes e estranhamentos, está em uma notável aproximação com o arquétipo “Negro de Alma Branca”, exposto também por Rodrigues (2011, p. 26), “Esse arquétipo representa o negro que recebeu uma boa educação e através dela foi (ou quer ser) integrado à sociedade dominante.”. Troy durante a série é interpelado e taxado por seus colegas e amigas/os negras/os como “aliado da branquitude”, ações e comportamentos que aparentemente não são de sua vontade, mas sim ajustamentos necessários para viver em ambientes majoritariamente brancos vivendo sob instruções de seu pai, um homem negro que também circunda os mesmos ambientes. Em certa medida, ambos caminham em função de “agradar os papais brancos”, como ressalta hooks (2023).

É válido ressaltar que a representação de Troy não fica limitada a apresentação de uma masculinidade negra que vive em função de encaixar-se em um mundo branco, sendo constantemente podada de autonomia, todavia, é inegável como o personagem apresenta a dualidade existente entre “ser dominante/hegemônico” quando se relaciona entre/com corpos negros, e “ser subordinado/dissidente/controlado” quando depara-se com homens brancos e homens brancos e negros mais velhos.

Uma vez que a competição masculina é chancelada em uma sociedade dominada por homens, do ponto de vista do patriarcado branco a masculinidade negra precisa ser mantida “sob controle”. Homens negros precisam ser subjugados no maior número possível de arenas culturais. Representações que socializam homens negros a abraçar a submissão como “natural” tendem a construir uma visão de mundo na qual homens brancos são retratados como todo-poderosos. (hooks, 2023, p. 159)

Retirar Troy da superficialidade de ser lido como um indivíduo “bem-sucedido” e ajustado aos padrões patriarcais, vivendo dos benefícios de atender às cobranças do patriarcado branco, é caminho para problematizações mais densas que não iniciam a partir da análise que me proponho, mas sim de questionamentos que a própria série ressalta. No oitavo episódio da temporada, em uma conversa entre Lionel e Silvio (chefe do jornal), nosso outro personagem analisado enfatiza a necessidade de apresentar seu amigo, Troy, enquanto mais uma das vítimas do racismo institucional que opera na universidade. A relutância de seu chefe é perpassada pela visão que fixa o olhar em Troy como um aluno bem-sucedido, presidente do grêmio estudantil (posto que angaria ao longo da série) e mais

um homem hétero vivendo dos benefícios do patriarcado. É a perspectiva racializada de Lionel que contempla como este outro corpo masculino, ainda que em aproximações positivas da hegemonia, também é vítima dela, haja vista o racismo e as dinâmicas existentes na concepção das masculinidades.

Encontrar e evidenciar contra-pontos nas masculinidades nos personagens Troy, Lionel e Reggie, demonstra como as clivagens dentro do campo das masculinidades são notáveis, Connell (1995), reconhece em “políticas da masculinidade”, a presença de ao menos quatro categorias as quais as masculinidades transitam. Segundo a autora, é possível encontrar masculinidade hegemônica, cúmplice, subalterna e marginalizada. É justamente esta pluralidade perante as masculinidades e as configurações socioculturais que estabelecem as hierarquias perante as performances, evocando e intitulando uma forma “correta” de ser homem. Connell (1995) bem como Louro (2014), tecem paralelos na compreensão e exposição de que a visão sobre masculinidade se faz com conjuntos específicos de ações e comportamentos, como a prática de determinados esportes, a naturalização da heterossexualidade, o consumo de produtos específicos, ditos para homens, como bebidas alcoólicas, um apressa a força física e a violência, a participação em esferas de destaque e poder na sociedade e afins.

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (Louro, 2014, p. 28)

O ser “homem de verdade”, embora possa ser disputado por muitos indivíduos, é extremamente restritivo e excludente.

Os meninos australianos são estimulados - por seus pais, escolas e pela mídia de massas - a praticar esportes competitivos, como futebol, em que a dominação física é celebrada desde a mais tenra idade. Meninos sofrem também pressão dos colegas para se mostrarem corajosos e implacáveis e temem ser taxados de ‘maricas’ ou poofers (um termo local usado no sentido de afeminado ou homossexual). Mostrar-se capaz de cometer atos violentos se torna, então, um recurso social. (Connell, Perase, 2015, p. 35)

Baliscei (2021, p. 48), explica que o posto de “homem de verdade” é também acessado e construído por uma sucessão de negações, para além do que se deve fazer e desejar, há uma lista de restrições. Não sentir, não chorar, não ser afeminado, não demonstrar fragilidades e tantos outros atributos humanos e até biológicos, são negados. O escritor Bola (2019), relata que teve em sua caminhada momentos de indagações quanto à suposta inexistência de algumas características para os homens.

Eu sempre me perguntei sobre as emoções e os sentimentos dos homens, ou melhor, sobre a suposta ausência deles. Eu fui um menino um tanto quanto emotivo. Eu chorava se estivesse triste ou incomodado, eu chorava se estivesse feliz, eu chorava de raiva. Eu me expressava com toda a intensidade possível, através da tristeza e também da alegria. Mas, com a idade, isso foi mudando aos poucos. Me tornei estoico, mais reprimido, mais reservado. Nunca deixava as outras pessoas descobrirem como eu me sentia de verdade, às vezes nem eu mesmo sabia. (Bola, 2019, p. 15)

As negociações de gênero, ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, e as negações para os corpos vão intensificando-se com a maturidade. Baliscei (2021, p. 47) relata que “O processo a partir do qual eu fui instruído a ser ‘masculino’ me ensinara, por exemplo’ que eu deveria ‘provar’ minha masculinidade a partir de uma série de regras estabelecidas [...]”, assim, para além do “ensino” e imposição, há a prova constante do que se espera.

Ressalto aqui a importância de pensar a geografia e a cultura como fatores determinantes para a construção das masculinidades em suas características louváveis e aceitáveis em cada grupo étnico e cultural. Para Connell e Pearse (2015), o imperialismo cultural e a potência e influência europeia e norte global (estadunidense) nas mais diversas culturas do globo, desenham traços similares para uma ideia de masculinidade, implicando em certos padrões e esperas perante o corpo masculino, desde cobranças físicas à comportamental e emocional.

Eu andava com meu tio, de mão dadas. Isso é perfeitamente normal na cultura congoleza e na cultura africana francófona, e mais tarde eu descobria que também é bem comum em outras culturas ao redor do mundo. É uma maneira dos homens se unirem e demonstrarem afinidade, assim como carinho um pelo

outro. Essa é a cultura na qual eu cresci. Tanto que muitas vezes vi meu pai conversando de mãos dadas com outros homens na comunidade, ou enquanto eles caminhavam. Era normal, e eu não precisava pensar duas vezes no assunto. No entanto, fora das normas culturais do meu pequeno grupo, andar de mão dadas cobrava um preço insólito e constrangedor. (Bola, 2019, p. 13)

O que Bola (2019) expressa em sua narrativa sobre suas experiências na adolescência enquanto encontrava-se em Londres, reforça a compreensão de que ainda que os mais diversos grupos e culturas tenham suas características de normalidade ou anormalidade para as categorias de gênero, não de ser interpeladas por outros/as, e tais contatos disputam significações, hierarquias e podem desembocar em violências e opressões. Bola (2019, p. 13) complementa sua experiência evocando como o grupo inglês os “[...] olharam, os olhos grudados em mim e no tio com quem eu estava andando de mãos dadas. Todos aqueles rostos exibindo uma variedade de expressões negativas, uma miscelânea que ia da confusão ao nojo.”

Refletir sobre a diversidade de culturas e costumes que moldam e forjam as masculinidades, serve de respaldo para questionar ainda mais a ideia e tentativa de naturalização do ser masculino. Se a masculinidade ou a ideia de gênero no sentido geral, fosse apenas regida pela biologia, as mesmas estruturas comportamentais seriam encontradas em toda a espécie humana independentemente da região e cultura. “Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira.” (Butler, 2023, p.26).

Nitidamente não é evidenciado um fio condutor biológico determinante na construção de gênero, em contrapartida, observamos a atuação cultural e ideológica em suas misturas, imbricações e hibridismos.

[...] o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm capacidade para dar a luz e de que homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (Scott, 1995, p. 75)

É possível então ver como a estrutura patriarcal, fruto de atuação política, histórica e cultural, tem atingido os mais distintos pontos do globo, modificando e influenciando formas de ser, agir e pensar, e aqui, mais uma vez torna-se válido reforçar que falo de uma estrutura patriarcal cisheteronormativa branca colonizadora.

O sistema do patriarcado é algo que impacta as vidas de homens e mulheres, atuando desde o nascimento até a infância e seguindo pela vida adulta e por aí vai, de maneiras às vezes aparentemente simples, como as cores que devem ser usadas - o azul para os meninos e o rosa para as meninas -, os tipos de roupas ou os brinquedos com os quais as crianças devem brincar. Toda esta ordenação tem uma repercussão significativa na maneira como a masculinidade é vista dentro da sociedade, e como os homens e as mulheres interagem entre si. (Bola, 2019, p. 17)

A utilização de gênero de forma simplista, ideológica imerso em senso comum que apresenta tais categorias como decorrentes meramente da biologia, por mais banal que pareça, precisa então ser entendida também como ferramenta de manutenção do *status quo*. Contempla-se no corpo social uma estrutura que visa intencionalmente privilegiar homens em detrimento de mulheres, entretanto, como já supracitado, é mister decodificar quais homens são esses que são extremamente beneficiados com o patriarcado. Há também a necessidade de aceitar que trabalhar de modo dicotômico com a ideia de gênero e escorar-se em preceitos biologizantes, que ainda endossam e naturalizam desigualdades propiciadas no antro sociocultural, como sendo meras ações da natureza.

Numa outra posição estarão aquelas/es que justificam, as desigualdades sociais entre homens e mulheres, remetendo-as, geralmente, às características biológicas. O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender - e justificar - a desigualdade social. (Louro, 2014, p. 24-25)

A socióloga brasileira Berenice Bento⁷⁶ (2011) nos indica que aquilo que constantemente nomeamos como natural e espontâneo dos corpos sexuados que generificamos de maneira compulsória e binária, por vezes, não passa de representações do que culturalmente foram depositados e instituídas sobre as existências. “O gênero, portanto, é o resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos-sexuais” (BENTO, 2011, p.550). Contempla-se ainda um flerte significativo com ideias geradas em um suposto determinismo biológico, imerso em “estudos” e narrativas que imperaram por muito tempo fundamentando discursos que regeram e regem a sociedade, narrativas que ainda hoje são propagados por autoridades e lideranças que munidas de senso comum, pseudociência e a intencionalidade de permanecerem em postos de dominância, sem avaliarem seus impactos negativos no coletivo, proferem falácias opressivas e irresponsáveis. Assim tendo feito a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, no ano de 2019, ao proferir que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”⁷⁷

A maioria das igrejas e mesquitas é gerida exclusivamente por homens, o que é parte de um padrão mais amplo. A maioria da riqueza corporativa também está nas mãos de homens, as maiores instituições são lideradas por homens e a ciência e a tecnologia são, em sua maioria, controladas por homens. (CONNELL, PERASE, 2015, p. 41)

O “poder” de condicionar as existências ditando seus traços emocionais, psíquicos, seus comportamentos e suas posições em sociedade, mediados a partir de suposições biológicos e definições naturais de sexo passa a ser problematizado, questionado e descreditado com inúmeras pesquisas e reivindicações de movimentos sociais.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou

⁷⁶ Mulher branca brasileira, pesquisadora e professora, doutora em sociologia, desenvolvendo pesquisas em pesquisas sobre decolonialidades, estudos queer, direitos humanos e marcadores sociais da diferença (sexualidade, gênero, raça/etnia).

⁷⁷Leia mais sobre em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml> Acesso em 6 de jan. de 2023.

masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (Louro, 2014, p. 25)

As diferenças físicas e corporais, passam a perder espaço e força como sendo justificativas válidas para os arranjos sociais, uma vez que estes, têm sido estruturados mediados pelas percepções e idealizações culturais, e disputados nas interações e relações do cotidiano. É mister então entender como a noção de gênero, tal como outros marcadores sociais, se dão em nível relacional. Nas palavras de Butler, (p. 31, 2023), gênero é “[...] um conjunto de relações, e não um atributo individual.”. Logo, faz se necessário o/a outro/a, que seja para validação e/ou elevação de um gênero em detrimento de outro, similarmemente Louro (2014, p. 26,) expressará que “[...] é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.”.

O indicativo exposto por Louro (2014), a noção de “construir” os gêneros, serve para que não se deixe escapar a compreensão de que aquilo que temos hoje instituído como norma, é decorrente de intencionalidades e construções acordadas na história, nas sociedades e nas culturas. Como exposto pela brasileira Jaqueline Gomes de Jesus⁷⁸ (2012, p. 8)) “[...] a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero ‘adequado’.”. Deste modo, em uma oposição simplista e dual, estabelece-se o “adequado” e cria-se a diferença para que seja apontada, denunciada, reprimida e desprivilegiada, imersos em uma insistência de naturalização da desigualdade.

A ideia de que a diferença natural é a base para padrões sociais de gênero manifesta-se em diversos formatos. Um deles é a dominância dos homens na sociedade, já que com seus altos níveis de testosterona eles têm uma ‘vantagem agressiva’ hormonal na competição por cargos mais altos. (Connell, Perase, 2015, p. 91)

⁷⁸ Mulher trans negra, pesquisadora e professora, primeira gestora do Sistema de Cotas para Negras e Negros da UnB, com publicações no campo da saúde mental, diversidade, trabalho, identidade social e movimentos sociais, gênero, feminismo, orientação sexual e cor/raça.

A utilização de ideias enraizadas em senso comum e em um falso cientificismo, são então constantemente acessadas ora para justificar a dominância masculina e a inferiorização de todas/os aquelas/es que transpassam com a normatividade, ora para validar comportamentos que tornam instáveis e inseguras as relações sociais. Todavia, os benefícios acessados por aqueles que ocupam o lugar de norma, fazem com que tais narrativas e discursos perdurem e sejam defendidos. Connell (2022, p. 98) enfatiza que [...] globalmente, os homens têm muito a perder ao lutar pela igualdade de gênero, porque os homens, coletivamente, continuam a coletar dividendos patriarcais.”. Logo, a luta pela igualdade e um maior entendimento das dinâmicas de gênero, coloca em risco as garantias e os privilégios acessados por tais corpos masculinos padrão.

Assim, a argumentação apresentada pela brasileira Berenice Bento, encontra mais reforços interpretativos.

O pensamento científico hegemônico se apropria das recorrências observáveis nas relações entre os gêneros para conferir cientificidade aos seus achados, reforçando circularmente a diferença sexual natural, subsumindo nessas “verdades” os aspectos culturais e simbólicos que constituem nossas percepções sobre corpos, gêneros, órgãos e fluidos.
(Bento, 2012, p. 575)

Escorar-se nas diferenças naturais do sexo, para justificar gênero, encontra-se como possibilidade de estabilidade de um sistema social que seguirá privilegiando homens, com uma especificidade de interpelar positivamente homens brancos, aqueles que correspondam a norma.

A insistência em demarcar qual corpo masculino há de ser interpelado positivamente pelas ideias e propostas patriarcais, bem como com a naturalização das desigualdades de gênero, é estratégia para dialogar interseccionalidades e denunciar como o patriarcado não fora pensado para e muito menos por pessoas negras. bell hooks (2019) evidencia como homens negros são capturados pela ilusão do patriarcado, como se estivessem sendo acolhidos e aceitos em tais prerrogativas, quando na realidade, a estruturação racial da sociedade, faz com que pessoas negras sejam desapropriadas até mesmo de sua humanidade.

Como supracitado por Fanon (2008, p. 94), “[...] ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade.”. Os privilégios de uma sociedade hierarquizada e planejada para o sucesso masculino, não engloba em completude todos os homens, especificamente homens não brancos. Quando denunciado que “homens” ganham mais do que mulheres, é preciso salientar que “homens não brancos”, em algumas ocupações encontram-se com salários similares ou mais baixos do que mulheres brancas, logo, a regra e régua patriarcal, não lhes contempla todo momento. A pesquisa realizada pelo Insper (Instituição de Ensino Superior) no ano de 2020, analisando diferenças salariais acentuadas pela formação base em escolas particulares ou públicas, ressalta como “O diferencial de salário é menor entre homens negros e mulheres brancas, chega por vezes próximo a zero, o que indica que a média dos salários para esses dois grupos é bem próxima.” (Insper, 2020, p. 13) em contrapartida, homens brancos despontam com salários até 50% mais elevados que tais grupos e quando comparados com mulheres negras, tendem a ter até mais de 100% de disparidade.

bell hooks (2022) suscita a compreensão de que a visão patriarcal fora apresentada e imposta para os homens negros africanos retirados de suas origens e submetidos a escravização em outras partes do mundo, não sendo assim, produção de pessoas negras. hooks (2022, p. 45), expressa que a partir de leituras históricas, é possível encontrar “[...] homens negros livres e escravizados que não compartilhavam o ponto de vista dos homens brancos sobre a natureza da masculinidade.”. Tendo em vista que, na diversidade cultural africana, é possível encontrar sociedades matriarcais e outras configurações sociais que não se ancoram na predominância masculina que se pauta na violência, como o caso dos/as *mpondo*, povo do Sul da África.

Connell e Pearse (2015, p.61), apresentam os/as *mpondo*, povo de Pondolândia, Sul da África, que conectados com a terra e a noção de cuidado rural, atribuíam outras significações a masculinidade honrada e ideal, traços e ações que não se limitavam a genitália e a biologia, uma constituição de “ser homem” “intitulado” de *ubudoda* distante de características violentas, virtudes de guerra e opressão. Assim, o “status” de masculino passou a ser acessado por diversos corpos.

[...] ser homem significava, principalmente, ser competente e benevolente no gerenciamento da propriedade rural e participar de sua comunidade. Uma vez que as mulheres podiam também desempenhar essas tarefas, quase todos os homens Mpondo mais velhos, logicamente defendiam que uma mulher também podia ter *ubudoda*. Eles não estavam negando que em uma sociedade patriarcal, em última instância, os homens detinham o controle, mas enfatizavam uma concepção de parceria entre mulheres e homens na construção dos lares e propriedades, em que mulheres poderiam desempenhar, e de fato desempenhavam, funções masculinas, participando, por conseguinte, desse “ser homem”.(Connell, Perase, p. 61, 2015)

Encontrar realidades distintas da organização patriarcal opressiva que hoje interpela o ocidente, reforça o discernimento de que aquilo que na contemporaneidade observamos com natural, fora de fato planejado e ensinado por um grupo específico, aqueles que munidos dos mais diversos poderes, apresentaram-se como detentores do saber e da “forma adequada” de viver e conviver em sociedade. Evidenciar estas questões, oportuniza juntamente com hooks (2022) reforçar como o fator racial é e foi determinante na construção da masculinidade de homens negros, haja vista que tivemos as histórias de nossos ancestrais atravessadas pelo deslocamento forçado de suas origens, a tentativa de apagamento de suas crenças, divindades, traços culturais sob imposições coloniais e escravistas que os forçavam a “[...] aprender a equiparar seu status superior como homens ao direito de dominar mulheres; tinham de aprender a masculinidade patriarcal. Tinham de aprender que era aceitável usar a violência para estabelecer o poder patriarcal.”. (hooks, 2022, p. 45)

Longe de tentar apresentar homens negros e as culturas africanas como díspar perante dinâmicas de gênero, todavia, é válido reforçar que a configuração do patriarcado como vê-se hoje, foi pensada por corpos brancos, para benefício de homens brancos, e a tentativa de viver segundo as prerrogativas do patriarcado supremacista branco, gerou e gera implicações diversas sobre famílias negras pós escravização. Exemplifico aqui com a narrativa oportunizada por hooks (2017) ao falar sobre seus pais que viviam tentando obedecer a lógica patriarcal de “homem provedor” e “mulher dona de casa”.

Imagine, por favor, esse casal negro que batalhava antes de tudo para realizar a norma patriarcal (de a mulher ficar em casa tomando conta do lar e dos filhos

enquanto o homem trabalhava fora) embora esse arranjo significasse que, economicamente, eles sempre viveriam com menos. (HOOKS, 2017, p. 84)

hooks (2017), sob perspectiva da realidade estadunidense, expõe que no século XX, a ação supremacista branca capitalista boicotava a atuação de homens negros na economia, e instigavam a participação de mulheres negras em trabalhos (não a ponto de lhes garantir ascensão), o que “[...] criou um contexto no qual homens negros e mulheres negras não podiam se adequar aos padrões machistas em relação ao trabalho, mesmo que desejassem.” (HOOKS, 2022, p. 53). O relato da autora sobre seus pais e a exclusão masculina negra do trabalho, explica a incompatibilidade de famílias negras tentarem organizarem-se com o intuito de manter o padrão patriarcal branco de família.

Ainda que a trajetória de muitas pessoas negras fosse atravessadas pela necessidade de coletividade, o enraizamento da ideia de subordinação também imperava/impera especificamente sobre os homens negros. Estes que “[...] pareciam entender a necessidade de participação das mulheres negras como coiguais na luta pela elevação racial [...]” (hooks, 2022, p. 53), mas temiam que essas mulheres encontrassem “liberdade” e escapassem de suas dominações.

O paralelo que teço aqui, com contribuições fundamentadas em perspectivas quanto a construção da masculinidade a partir de narrativas estadunidenses, não tem como intenção suavizar as ações opressivas que advém de corpos negros masculinos, todavia, é válido discutir os padrões que ensinaram as performatividades de masculinidades para os indivíduos, ainda mais quando suas origens e ancestralidades poderiam lhes ensinar outros tratamentos quanto a gênero.

O intercâmbio de conhecimento torna-se válido na medida em que é possível observar como, ainda que o racismo atue com particularidades a depender da cultura e geografia, há pontos de convergências e narrativas que muitas vezes apenas encontram outros referenciais, mas operam com os mesmos objetivos, a inferiorização corpos negros. Como supracitado, Almeida (2019, p.65), em uma perspectiva nacional, enfatiza que as mídias, pela repetição de estereótipos cria e alicerça o ilusório de que “[...] mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros

oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas [...]”, são por intermédio de tais lentes que a sociedade passa a contemplar a masculinidade negra, bem como homens negros por vezes aprender sobre ser homem, se antes na repetição da ação dos empregadores/escravistas, agora pelas narrativas e possibilidades apresentadas pelos canais de comunicação.

hooks (2022) demarcando o olhar estadunidense, apresenta-nos como corpos negros masculinos ao longo da história tiveram que lidar e ainda lidam com a forma como serão vistos e lidos socialmente em uma sociedade supremacista branca, em que nem a lógica capitalista de valorização do homem pelo seu trabalho “digno” é capaz de expurgar os estereótipos e desprezo que interpela a negritude.

Os militantes black power eram implacáveis em suas críticas ao capitalismo. Eles desmascaram a corrupção na força de trabalho nos Estados Unidos anunciando ao homem negro que não importava se ele tinha ou não emprego legítimo que lhe desse valor aos olhos das pessoas brancas, uma vez que nada sob o sistema capitalista era legítimo. Dentro desse sistema, todos os negros eram ladrões, todos eram gângsteres, todos eram corruptos. (hooks, 2022, p. 66)

Suscitar interseccionalidade na pesquisa quanto a construção das masculinidades negras, traz à tona como a validação da masculinidade negra é perpassada por tratamentos diversos, entre eles, até mesmo a restrição de ser homem, há o alocar de outra categoria, o ser homem negro, como expressa Fanon (2008, p. 128), “Queria simplesmente ser um homem entre outros homens.”, mas para alguns cabe sempre complementos. Quem valida as masculinidades são aqueles mesmos que a estruturam, e se colocam no topo, como hegemônicos, para estes, raça é determinante para ser homem ou ser outro tipo de homem. De corpos brancos, “natos” a posição de homens, podemos cogitar que o que começa criar “subcategorias” nas masculinidades seria orientação sexual, quiçá a fuga da heterossexualidade seja um dos primeiros pontos que possa tirar da branquitude masculina o posto de “homem” aos olhos da norma.

Dado o diálogo que cada vez mais se afunila as distinções de masculinidades, retomamos Connell (1995) e as políticas da masculinidade, a autora enfatiza então a interação e a necessidade de coexistência de uma multiplicidade de masculinidades para

que se crie a hegemonia. Em outras palavras, a norma/hegemonia, acontece e é possível graças às diferenças que ela mesmo faz questão de evocar

[...] diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. (Connell, 1995, p. 189)

É pela compreensão de que social, cultural e historicamente se cria o adequado, que Connell (1995) estrutura e apresenta quatro performances de masculinidade que aponta existir no corpo social. Segundo a autora,

[...] toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto (Connell, 1995, p. 190).

Os distanciamentos das condutas esperadas e aproximações com o aquilo que se entende enquanto feminino, serve também para consolidar e criar categorias de masculinidades, bem como raça, como supracitado, que cria um “homem a parte”, um homem com complemento.

De forma hierárquica e decrescente, tal como organiza-se no social, com Connell (1995) evoca a necessidade de “[...] pensar na construção da masculinidade como um projeto [...]” (Connell, 1995, p. 190), um projeto coletivo e ao mesmo tempo individual, mediado por ensinamentos e interesses próprios, perpassando por construções e reconstruções ao longo do tempo e das culturas. E mesmo que o senso comum e as pseudo-ciências recorram a discursos da imutabilidade do gênero, os recortes históricos são capazes não apenas de apresentar alterações nos padrões estéticos de masculinidades, quanto comportamentais (Connell, 1995).

Tendo compreensão do padrão hegemônico no qual estamos inseridos, como supracitado, a norma se constitui como o corpo “[...] branco masculino, ocidental, de classe média ou superior [...], cisheterossexual, cristão e capitalista. A essa existência, Connell (1995) atribui a conceituação de masculinidade hegemônica, sujeito cuja personalidade e

performatividade corresponde aos desejos, cobranças e expectativas sociais quanto à masculinidade. A este corpo estão atribuídas liberdades e vantagens de uma estruturação patriarcal de sociedade, que beneficia e justifica a dominação masculina e as inúmeras violências que essa existência possa suscitar.

A masculinidade hegemônica em uma perspectiva ocidental é em síntese acessada, ocupada e performada por aqueles indivíduos que inicialmente correspondem ao critério racial, são brancos, pois a norma é branca. Em continuidade, a masculinidade hegemônica é para aqueles que atendem aos padrões sociais e culturais idealizados para indivíduos que no nascimento são designados como homens, a biologização do indivíduo é parte do discurso que assegura o hegemônico, enraizado em padrões estabelecidos e aprovados pela cultura em que está inserido, vê-se tal masculinidade acessada por homens brancos, cishéterossexuais, com afeições e proximidades com a virilidade, “autoridade”/dominação e atributos tidos como pertencentes a “homens de verdade”. A masculinidade hegemônica [...] incentiva os indivíduos a se vigiarem para garantir que homens e mulheres continuem ocupando os espaços e as funções tradicionais que lhes são socialmente atribuídas. (Baliscei, 2020, p. 104).

Seguindo a disposição hierárquica das masculinidades apresentadas por Connell (1995), chego a masculinidade cúmplice, esta atribuída a indivíduos que não correspondem pontualmente e em fidedignidade os padrões esperados e cobrados pela hegemonia, todavia, são homens que entendendo os benefícios que angariam em sociedades patriarcais, machistas e sexistas, assim endossam a estrutura social que os interpela positivamente em muitos aspectos, ignorando as desvantagens e toxicidade que há na masculinidade que lhes é cobrada (Connell, 2016). O anseio pelos benefícios da masculinidade se deve a compreensão de que “A posição dominante na ordem do gênero propicia vantagens materiais bem como vantagens psicológicas [...]” (Connell, 1995, p. 191), aqueles indivíduos, que mesmo não performando com “excelência” o esperado do masculino, reforçam a estratificação social pautada em gênero, são cúmplices do patriarcado.

[...] os sujeitos detentores da masculinidade cúmplice suavizam a rigidez da masculinidade hegemônica, todavia, ainda assim contribuem para a manutenção do projeto do patriarcado. Podem não possuir corpos atléticos e não ter

habilidades com armas. Podem ser gentis com as mulheres e participar das tarefas domésticas. Contudo, muito provavelmente se sentirão desconfortáveis se uma mulher ocupar uma posição profissional superior à sua, ou desqualificarão outro homem que manifeste comportamentos femininos. (Baliscei, 2020, p. 106).

Nessa espécie de descida decrescente das categorias de masculinidades, chegamos até a subordinada. Connell (2016), expõe que as masculinidades suscitam benefícios e malefícios às existências masculinas, todavia, ressalta que “[...] os homens que mais se beneficiam não são os mesmos que pagam pela maioria dos custos desses benefícios.” (Connell, 2016, p. 99). Os maiores alvos dos malefícios do patriarcado supremacista branco, são corpos femininos e não brancos, entretanto, em níveis diferentes de opressão e subordinação, encontram-se também outros homens. Segundo a pesquisadora, “Todas as formas de política das masculinidades envolvem uma relação com o feminino. Quer seja uma relação de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso [...]” (Connell, 1995, p. 196). A masculinidade subordinada está atrelada maiores aproximações com as noções de feminino, e sendo o sexismo e a subjugação das mulheres base da masculinidade hegemônica, do sexismo, do patriarcado e machismo que organiza nossas sociedades, a masculinidade subordinada é encarada como inferior.

Na masculinidade subordinada, a misoginia e a hipervalorização dos atributos designados aos homens (hegemônicos) são pontos ressaltados. Homens que se aproximam do que social e culturalmente é atribuído às mulheres ao feminino, são inferiorizados. Homens homossexuais/bissexuais, indivíduos que sentem atração afetivo-sexual por outros do mesmo gênero, aqueles que expressão “feminilidade” na fala, nos movimentos do corpo e até no desempenhar de funções e profissões, são vigiados e alocados na masculinidade subordinada.

Não necessariamente, a masculinidade subordinada leva em consideração apenas o marcador social de sexualidade, homens não homossexuais/bissexuais que não atuam socialmente em conformidade com os mesmos padrões estabelecidos pela hegemonia, com agressividade, virilidade e impulsos sexuais, podem ser alocados em tal categoria. A passividade/não violência, o cuidado e a aversão a traços culturais constituídos em

conformidade para figuras masculinas, destina indivíduos à categoria da masculinidade subordinada.

O elencar das categorias e a ênfase na compreensão de que o gênero se faz no social, aqui serve também para expressar como as categorias de masculinidades não são postos fixos, mas sim performances negociáveis e acessadas pelos homens dada ressalvas, intersecções e atravessamentos, como a racialidade e transgeneridade. Não sendo postos fixos, o trânsito entre as categorias é possível em alguns casos e por vezes até em soma. Podemos pensar que um homem branco cis gay declaradamente misógino, estaria alocado na masculinidade subordinada, ao mesmo tempo que cooperando em cumplicidade com a hegemonia, e intensificando sua própria opressão. Em contrapartida, se a hegemonia pede um corpo branco e cis, um homem negro trans, mesmo performando masculinidade, teriam empecilhos de chegar à masculinidade hegemônica.

Embora os homens, em geral, se beneficiem do dividendo patriarcal, grupos específicos de homens ganham muito pouco com ele. Por exemplo, os jovens de classe operária, economicamente despossuídos por causa do desemprego estrutural, podem não ter qualquer vantagem em relação às mulheres em suas comunidades. Outros grupos de homens pagam parte do preço, juntamente com as mulheres, pela manutenção de uma ordem de gênero mão-igualitária. Os homens gays se tornam alvos sistêmicos do preconceito e da violência, Homens afeminados e débeis são constantemente humilhados. Os homens negros, nos Estados Unidos (como na África do Sul) sofrem, massivamente, de níveis mais altos de violência letal do que os homens brancos. (Connell, 1995, p. 197)

Por fim, no térreo da descida dos status de masculinidades, deparamo-nos com a masculinidade marginalizada. De acordo com Connell (1995), as características que regem tal categoria encontram-se fixadas nas identidades étnico-raciais e socioeconômicas destoantes da “norma”/hegemonia. Homens negros/não brancos, homens pobres e aqueles que não operam ou alcançam o ritmo de consumo capitalista.

Estranhamente, observo que contemplando nossa realidade nacional, há um intercruzar quase compulsório de algumas atribuições da masculinidade marginalizada sobre alguns indivíduos. Os homens negros que de certa forma já estariam condicionados a estarem na masculinidade marginalizada dada a racialidade, também são maioria a ocupa-la pela taxa de pobreza que os/nos interpela. Segundo os dados do IBGE de 2022, a

taxa de pobreza da população negra é de até duas vezes mais que da população branca. Assim, homens negros, estariam duas vezes atrelados a masculinidade marginalizada, pelos fatores raça e renda.

A masculinidade marginalizada se distancia de modo expressivo da masculinidade hegemônica a qual o mundo tanto beneficia, o corpo negro masculino marginalizado lida com os mais diversos estigmas e estereótipos que colocam em xeque não apenas a subjetividade identitária, como também a própria existência. De acordo com o pesquisador brasileiro Adilson Moreira (2019), a marginalidade na qual corpos pertencentes a grupos minoritários se encontram alocados, é mantida pela assimetria de poder a qual os grupos identitários da sociedade têm acesso, os dominantes (homens brancos cisheterossexuais de classe elevada), operam com inúmeras estratégias de subjugação, e a construção de falsas generalizações sobre minorias constrói o ilusório da inutilidade de alguns grupos para atuação na esfera pública. Os “[...] estereótipos não são meras percepções inadequadas sobre certos grupos de indivíduos. Eles possuem uma dimensão claramente política, pois são meios de legitimação de arranjos sociais excludentes” (MOREIRA, 2019. p. 59).

Apresentada as categorias de gênero pensadas e articuladas por Connell (1995), pensando nos atravessamentos e intersecções identitárias, e contemplando justamente as performances oportunizadas pelos personagens a qual me debruço na pesquisa, indago cada vez mais se tais categorias de masculinidades comportam as existências representadas, bem como, se são necessárias para ajustamento e encaixe das representações, haja vista que a rotulação pode contrapor-se aos preceitos dos Estudos Culturais.

Passado a apresentação dos conceitos que ancoram a análise, bem como parte da estratégia analítica que utilizo, tendo apresentado com o que farto, o que percebo e meus estranhamentos, a seção final, apresenta a penúltima parte da pré-rota sistematizada por PROVOQUE, dialogando intercruzando as imagens oportunizadas pelos personagens, os marcadores sociais que evocam, o potencial pedagógico de suas representações e as discussões, provocações e entendimento em cenas que elucidam masculinidades negras em fragilidades e deleites.



5. “SE AUMENTARMOS NOSSA NEGRITUDE, ELES VÃO AUMENTAR AS MENTIRAS DELES” - ESCOLHENDO POR QUAL LENTE OLHAR

Perpassada a apresentação metodológica e o bojo teórico no qual me debruço para as análises, ressalto como o caminho pensado e instruído pela ferramenta analítica PROVOQUE, a qual utilizo, fora sendo executado e cumprido ao longo da dissertação, uma vez que as seções não apenas suscitavam o protagonismo dos personagens selecionados, como dialogavam com suas individualidades. Deste modo, estrategicamente, as análises foram se desenvolvendo ao longo da escrita, não se concentrando única e exclusivamente neste momento. Aqui, a intencionalidade está em atravessar os marcadores sociais e conceitos trabalhados sobre as masculinidades de Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks, reforçando não apenas os pontos mais evidentes de suas representações imagética e discursivas, mas também a multiplicidade que os compõe.

Seguindo a proposta apresentada na seção sobre interseccionalidades, nesse momento da pesquisa, passo a racializar apenas identidades não negras, para que assim possamos minimamente desestabilizar visões normativas que evocam apenas as diferenças de corpos que não ocupam a branquitude. Aqui o adjetivo e complemento evocará pessoas brancas, homens brancos e mulheres brancas. A normalidade, a representação imagética

rápida e os corpos construídos a partir dos adjetivos simples, deverão constituir corpos negros, logo, anuncio os três personagens analisados como homens, distintos entre si com atravessamentos de sexualidade e até mesmo classe social, mas homens, os quais problematizamos suas representações de masculinidades enquanto pedagogias culturais, ensinando e apresentando formas e possibilidades de ser, agir e pensar dada as identificações com os públicos receptores.

Reforço aqui que encontro os personagens a qual me debruço na análise e estudos a partir da série estadunidense “Dear White People”, traduzida como “Cara Gente Branca”. Em uma evidente crítica à prática não apenas cinematográfica datada do século XX, como social e até mesmo contemporânea do *black face*, a série caminha em uma apresentação constante de perspectivas protagonizadas pelos personagens principais que são tocados/as e atacados/as pelas ações discriminatória e racistas que acontecem dentro da universidade que estudam.

Por mais que haja a estruturação de uma narrativa com protagonista, sendo a personagem Sam White, que de certa forma, encabeça uma movimentação antirracista na universidade, tendo como meio a rádio comunitária no campus na qual evoca frequentemente o bordão “Dear white people/ Cara Gente Branca”, a série rompe com a noção de uma só perspectiva perante os acontecimentos, logo, o núcleo de colegas que cerca Sam, ao longo dos episódios conduzem a narrativa com apresentação de suas identidades, histórias pessoais e seus pontos de vistas perante a movimentação antirracista dentro da universidade. Nesse contexto encontro os personagens analisados, como “coadjuvantes ativos/protagonistas”, que angariam espaço para o desenvolvimento aprofundado de seus personagens.

Percorrendo a trajetória analítica indicada por PROVOQUE (2020), ferramenta metodológica, o flerte a série, se dá de forma abrangente, uma vez que o enredo geral da produção audiovisual já seria o suficiente para encantamentos e aproximações com diálogos e problematizações nos campos dos Estudos Culturais, Estudos de Gênero Raça e Pedagogias Culturais, recortes estes que me proponho e trabalho na dissertação. Ainda que a série seja uma produção internacional pensada a partir de uma perspectiva estadunidense, as discussões raciais e de gênero, parece-me romper com as particularidades culturais e

geográficas, e de certa maneira, encontrar, infelizmente, aproximações com as minhas vivências e realidades latino-americanas. Contemplar narrativas de jovens universitários cercados pela branquitude durante sua trajetória acadêmica é como ver minha própria vida nos espaços de saberes que frequento, tal como a Universidade Estadual de Maringá, um espaço majoritariamente branco que me encontro há quase 10 anos.

Ao longo da dissertação, três das etapas de PROVOQUE (2020) foram sendo cumpridas. Nas aparições e entrelaçamentos dos personagens com as teorias e conceitos, desenvolvo o Flertando, momento este em que se torna evidente minha subjetividade na escolha e aproximação com as representações masculinas oportunizadas com Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks. Mais do que “cumprir” a pré-rota analítica oferecida por PROVOQUE (2020), o flerte e a exposição da subjetividade, se firma nas possibilidades angariadas pelos Estudos Culturais, bem como, um caráter político que anuncia que meus interesses investigativos, parte de um lugar de fala de atravessamentos com aquilo que analiso.

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem a realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha realidade (Kilomba, 2019, p. 59)

Tendo como base Kilomba (2019), não tenho aqui um interesse falsário de ocupar uma produção de conhecimento “neutra”, distante do que pesquiso. Produzo saberes e intelectualidade enquanto sou atravessado pelos marcadores que problematizo, por aquilo que consumo, vejo, leio e acesso, assim, meus flertes me impulsionam a percepções, estranhamentos, diálogos e compartilhamentos.

Tendo realizado o momento intitulado Flertando, esboço que Percebendo e Estranhando, parte sequenciais de PROVOQUE (2020), foram também realizados entre os conceitos discutidos. Para além do interesse e encantamento geral com a série em sua abordagem de tensões raciais no âmbito universitário, os três personagens masculinos que

me despertaram interesse analítico, foram descritos em suas visualidades, haja vista que suas representações imagéticas são parte significativa tanto para a discussão de apresentação de identidades possíveis, quanto para a potencialidade das pedagogias culturais que operam por intermédio do que vemos nos personagens.

[...] essa cultura popular, mercantilizada e estereotipada como é frequentemente, não constitui, como às vezes pensamos, a arena onde descobrimos quem realmente somos, a verdade da nossa experiência. Ela é uma arena *profundamente* mítica. É um teatro de desejos populares, um teatro de fantasias populares. É onde descobrimos e brincamos com as identificações de nós mesmos, onde somos imaginados, representados, não somente para o público lá fora, que não entende a mensagem, mas também para nós mesmos pela primeira vez. (Hall, 2023, p. 321)

Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks apresentam masculinidades distantes e possíveis para os/as receptores. Expressam suas vivências, inquietações, sofrimentos e alegrias, criando não apenas identificação, mas potencialidade de narrativas que rompem com estereótipos racistas. Como suscita Hall (2023), são personagens e representações que nos permitem brincar e nos imaginar pela identificação. Seja com receptores que se encontram nas mesmas posições que os personagens, enquanto acadêmicos universitários, seja com aqueles/as que se imaginarão ocupando esses espaços, e até mesmo por aqueles que se aproximam por fragmentos, partes e individualidade dos traços identitários e sociais que carregam.

Início a seção com um dos poucos frames que capturam os três personagens juntos no enquadramento. Ainda que se relacionem durante toda a narrativa seriada, poucas são as imagens que colocam os três corpos simultaneamente em quadro. Lionel e Troy constantemente dividem cena, bem como, compartilham entre si angústias e momentos de descontração, uma vez que além de se apresentarem como amigos, são colegas de quarto. Reggie por sua vez, é mais visível em outras configurações de relações, em outro “núcleo” de amigos/as e colegas, e quando próximo de Troy, quase sempre sendo combativo. O que retoma as formas identitárias apresentadas nas seções sobre raça e gênero; enquanto para Troy, Reggie é um militante combativo demais, Troy é por vezes lido por Reggie como um “Negro de Alma Branca” (Rodrigues, 2011), apaziguador que se dobra a ambição de

“agradar o papai branco” (hooks, 2023). É Lionel, que entre as duas outras masculinidades consegue não apenas enxergar a vulnerabilidade de seus corpos em suas particularidades, como denuncia o racismo que os aflige.

Tendo materializado e oportunizado a visibilidade dos corpos masculinos que desperta flerte, percepções e estranhamentos, colhendo das discussões quanto a masculinidades, poderia aferir mediante as conclusões de Connell (1995), que os três personagens, ainda que com evidenciação de particularidades e distinções identitárias, ocupariam o que a autora evoca como masculinidade marginalizada, como elabora em políticas da masculinidade (1995). Ainda que as masculinidades sejam performances de possível trânsito, como já discutidos, não sendo postos fixos mas negociáveis, de certa forma, alguns marcadores sociais, na hierarquização das masculinidades, atribui categorias de difícil contemplação de fuga e deslocamento. Se norma e hegemonia cobra a pele branca, como corpos masculinos negros poderiam ocupar o imaginário normativo, padrão e hegemônico?

Em uma perspectiva ocidental, mediada pela organização patriarcal supremacista branca, as categorias de Connell (1995) quanto as masculinidades, empurram Lionel, Reggie e Troy para a mesma categoria, seriam contemplados como masculinidades marginalizadas. Todavia, é possível vislumbrar que os personagens apresentados são também atravessados por outras características, que vão lhes conferindo outros espaços nas masculinidades, entre as suas relações seja entre homens brancos ou seus semelhantes, de certa forma os garantindo extrapolar a categoria que poderia lhes prender.

Assim como Hall (2023) e Kilomba (2019) articulam sobre a não binariedade nas identidades, elucidando a importância de pensar e conceber indivíduos a partir de “e” (soma) e não por intermédio de “ou” (exclusão), contemplando a dinamicidade das masculinidades e como não se configuram como postos fixos, poderia ainda imaginar como Lionel, Reggie e Troy em seus atravessamentos identitários ocupariam mais de uma só categoria de masculinidade, tendo como exemplo Lionel, em uma masculinidade marginalizada dada sua racialidade, ao mesmo tempo que interpelado por uma masculinidade subordinada (Connell, 1995), dada sua (homo)sexualidade. Entretanto, seus corpos e suas representações me instigam a ambicionar significações outras, torna-se mister

repensar e intercruzar as categorias de masculinidades, ainda mais quando se pensa que a atribuição de categorias, pode comprometer os princípios básicos dos Estudos Culturais.

Lionel, Reggie e Troy, são homens em masculinidades distintas, performáticas, construídas, analisáveis, pedagógicas, mas não encaixotadas, ainda mais quando os parâmetros chocam-se com limitações. Suas identidades escapam e transitam entre as categorias expressas por Connell (1995), e longe de desmerecer o exemplar trabalho da pesquisadora ao pensar e articular as masculinidades enquanto políticas e negociação de poder e espaços, aqui me proponho, embasado com tantas/os outras/os pesquisadoras/es, desencaixotar representações e contemplar a potencialidade de visualidades e discursos para corpos tidos como dissidentes, para homens⁷⁹.

A estratégia inicial de selecionar duas cenas/momentos de cada personagem analisado, em uma apresentação de “oposição”, entre a fragilidade e o deleite/festejo/alegria, tem como maior intencionalidade a humanização de tais corpos masculinos. Em uma perspectiva nacional, o pesquisador Delton Aparecido Felipe ⁸⁰ (2009, pg. 29) ressalta que “[n]ão podemos só reconhecer a existência do racismo no Brasil, é necessário combatê-lo e trabalhar para amenizar as consequências da submissão e da marginalização do negro brasileiro.”, assim, compreendendo que múltiplas são as frentes e formas de atuação do racismo, os imaginários compartilhados e produzidos, seja nacionalmente, como importados, precisam ser pensados, repensados e combatidos quando ferem existências.

Se a intencionalidade do racismo é desumanizar, como expresso por hooks (2017, 2020, 2022), Almeida (2019), Fanon (2020) e tantas outras/os, buscar, contemplar e apresentar representações que humanizam a negritude, é forma de tornar-se negro e mostrar-se negro (SOUZA, 2021) em virtude, amor, leveza, beleza, positividade e humanidade. Se as imagens destinadas aos homens, como evoca JJ Bola (2020), remonta

⁷⁹ Lembrem-se do compromisso que assumo nesta seção: os substantivos sem complementação de adjetivos, evocam negritude. Ou seja, quando falo “homens” sem complementação, estou imaginando e lhes convidando a imaginar homens negros. Relembrar o compromisso e o esforço de alocar a negritude na universalidade é forma de enfatizar que não há generalização eurocêntrica branca sobre as categorias apresentadas, homens e masculinidades. Adjetivo e grito aqui o que for branco.

⁸⁰ Homem negro brasileiro, professor e pesquisador nos campos dos Estudos Culturais, raça, políticas raciais e afirmativas e correlatos.

constantemente estereótipos racista que nos prende a representações de criminalidade e animalidade, enquanto homens brancos são representados como líderes, superiores, bondosos, salvadores e benfeitores, como suscita Almeida (2019) e hooks (2023), imagens e representações como de Lionel Higgins, rompem com visualidades tácitas (Tourinho, Martins, 2011), simplistas, machistas e racistas.

Há humanidade na representação e performatividade masculina de Lionel, como percebido e estranhado anteriormente, sua constituição imagética não o distancia das tecnologias que compõem o gênero. Sua ornamentação e vestuário está em uma evidente concordância ao que se impõe e espera de corpos masculinos em sociedades patriarcais ocidentais. Outros são os elementos que me levam a contemplar a masculinidade possível de Lionel. Sua representação e seu desenvolvimento enquanto personagem rompem com a heteronormatividade compulsória que interpela corpos masculinos, bem como desestabiliza a negação da homossexualidade na negritude (OLIVEIRA, 2020).

Lionel (bem como Reggie e Troy) transpõe o ideário racista que nega a homens fragilidade, medo e temores, características de humanidade. Ao passo que apresenta uma masculinidade atravessada também pela homossexualidade, é anunciado sem ser atrelada a depravação ou comicidade, estratégias depreciativas constantemente utilizadas pelas mídias e acessadas no social (MOREIRA, 2019).

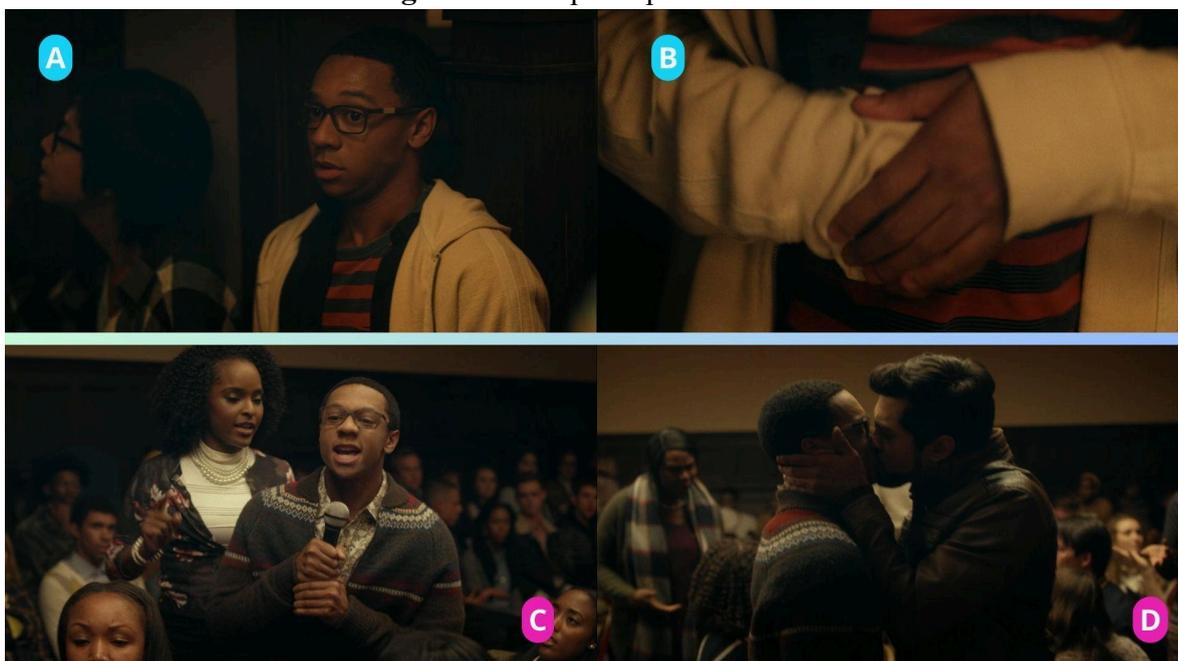
É a partir da composição presente na figura 2, que diálogo como a representação de masculinidade com Lionel oportuniza interpretações e recepções que tangenciam estereótipos. Esquematizada com 4 *printscreen*, nas imagens superiores, sinalizadas como “A” e “B” obtidas no 8º episódio, apresento e discuto a fragilidade e insegurança social do personagem, sentimentos nem necessariamente acessados em decorrência de alguma violência a qual seu corpo negro e gay esteja sofrendo. Assim como ser extrovertido, impulsivo e extravagante são características possíveis, a introspecção assim também é, quiçá negada de corpos idealizados e condicionados ao entretenimento. Lionel de certa forma, apresenta-se para além de expectativas limitantes.

As imagens seguintes, “C” e “D” da figura 2, obtidas no 10º episódio, evocam por sua vez a coragem que Lionel assume para denunciar problemáticas de sua universidade, de forma impetuosa e firma, o personagem em uma reunião com os gestores e

financiadores da universidade expõe suas descobertas decorrentes de seu trabalho no jornal do campus. Se altivez, força e ímpeto estão entre atribuições de uma masculinidade hegemônica, negá-la de Lionel nesse momento pode ser errôneo, todavia, sua “militância” termina com um beijo com seu chefe, Silvio. Empurro então Lionel agora para a masculinidade subordinada ou marginalizada? Ou lhe permito o trânsito e o transbordar das categorias?

Dialogar sobre o quão multifacetada pode ser a representação de masculinidade com Lionel, é contemplar um personagem interpelado por mazelas racistas e homofóbicas não é apenas atuando como corpo denunciativo, muito menos, como representação omissa na denúncia do racismo e do patriarcado branco, é deparar-se com uma visualidade e narrativa não limitada a representação dos pesares, atraente e desejável não por um fetichismo, mas sim pela grandiosidade e singularidade.

Figura 2: Composta por 4 *Print Screens*.



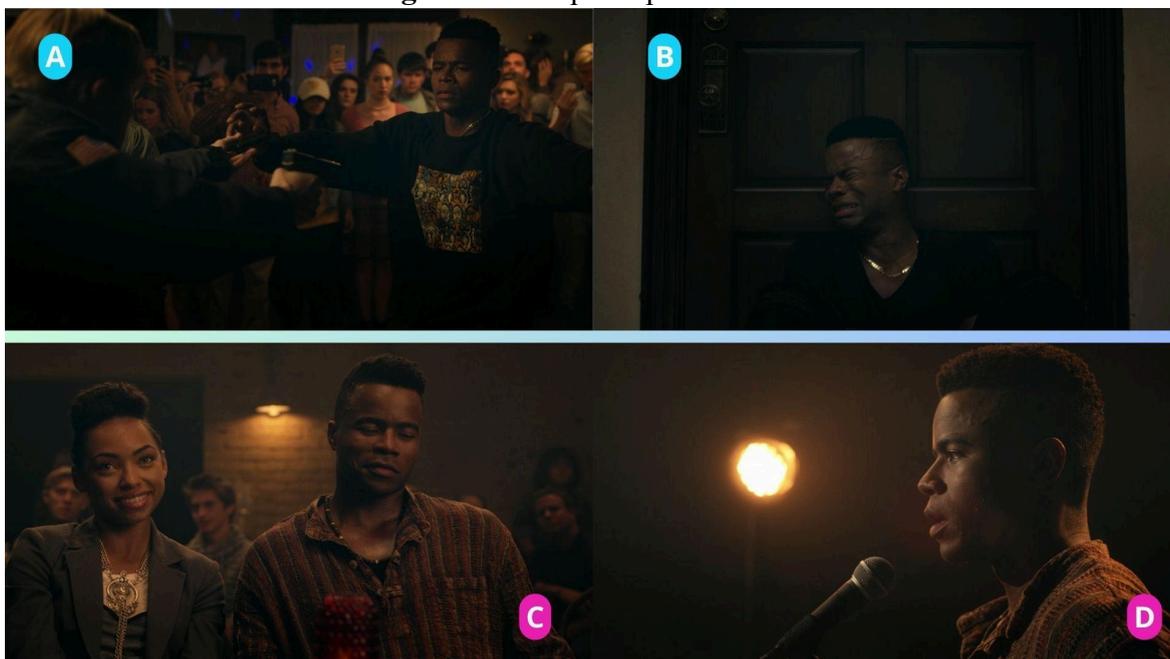
Fonte: *PrintScreens* dos episódios 8º (A e B) e 10º (C e D) da série “Cara Gente Branca” (2017 – Primeira temporada), referente as minutas aproximadas: A) 0’20”, B) 0’25”, C) 20’35” e D) 23’44” localizados na plataforma de *streaming Netflix*

Lionel é imagem e representação de marcadores que se somam e não precisa ser representado na mazela, quiçá, para oportunizar com que seus receptores imagem e sonhem a partir existência lúdica na série. As interseccionalidades que o compõem, de fato, no corpo social configuram-se em atravessamentos opressivos que lhe proporciona “desprivilégios”, todavia, na narrativa não são utilizadas para criar uma imagem de “super-homem” que nada teme, nem de sofredor que depois de muito penar alcança “equidade”, suas marcas identitárias servem para apresentar uma identidade que não é “isso ou aquilo”, mas “isso e muito mais” (Hall, 2023). Entre tantas masculinidades ordinárias que extrapolam as categorias de Connell (1995), Lionel é possibilidade de identificação, não me parecendo justo limitá-lo a lástima de ser base em uma categoria de masculinidade.

Semelhante modo, o personagem Reggie Green suscita análise próxima. Se alocado nas categorias pensadas em políticas das masculinidades (1995), Reggie inicialmente circundaria a masculinidade marginalizada, isso simplesmente dada sua negritude. Todavia, apresentar sua representação contida em uma categoria, desperdiçaria a potencialidade imagética, discursiva e pedagógica que o personagem integra. Na busca pela humanização, Reggie enquanto persona caminha entre a denúncia e os impactos do racismo sobre seu corpo e sua masculinidade, e a beleza que existe em sua sensibilidade e intelectualidade.

Em Reggie vemos um homem heterossexual, inteligente e astuto, e ainda que possa circular arquétipo que remonte sua militância (Rodrigues, 2011), o personagem desestrutura estereótipos racistas que alocam a negritude na inferiorização intelectual. Todavia, por também ser constituído e apresentado na série como um militante consciente de como seu corpo é entendido como risco e alvo, Reggie protagoniza uma das cenas mais violentas da narrativa na primeira temporada, sendo o recorte escolhido para evocar a fragilidade e os temores que seu corpo masculino vive e pode viver. Na figura 3, os *printscreens* “A” e “B”, obtidos no 5º episódio, narram o momento que em uma festa estudantil, dentro dos alojamentos do campus, Reggie fica sob a mira de um policial, um homem branco. E ainda que todas as pessoas envolta exclamassem que Reggie era apenas mais um estudante, sob a mira da arma, apenas ele precisa comprovar sua identificação.

Figura 3: Composta por 4 *Print Screens*.



Fonte: *PrintScreens* dos episódios 5º (A e B) e 6º (C e D) da série “Cara Gente Branca” (2017 – Primeira temporada), referente as minutagens aproximadas: A) 22’25”, B) 24’41”, C) 17’38” e D) 18’ 36” localizados na plataforma de *streaming Netflix*

Se a comprovação da humanidade do ser pode ser vista a partir daquilo que este sente, contemplar Reggie aos prantos encostados na porta de quarto após a violência sofrida, ao meu ver pode evocar o romper da animalização de corpos negros (Kilomba, 2019), bem como desestabilizar o processo de masculinização dos corpos (Baliscei, 2021; Bola, 2019), que retira de corpos masculinos as lágrimas.

O que causa em nós a contemplação de homens negros⁸¹ que choram e têm medo? E que impacto nos causa as evidenciações de humanidade e sensibilidade? Ainda na figura 3, agora em “C” e “D”, cenas apresentadas no 6º episódio, vê-se Reggie elaborando e lidando com seus traumas a partir de sua sensibilidade, poética e intelectualidade. Talvez em uma estratégia de amar sua negritude (Hooks, 2017) repudiando as mazelas que sofre, sem esquecer a potencialidade que carrega em suas palavras. Se em “A”, Reggie está sob mira de uma arma imposta por um homem branco que certamente o vê como alvo, em “D”,

⁸¹ Neste momento rompo brevemente minha proposta de não racializar a negritude para trazer de forma idêntica a pergunta que lanço na página 101.

Reggie frente a um microfone, em uma espécie de bar/pub com espaço artístico, recita e expõe seus medos de viver e o risco de ter opinião.

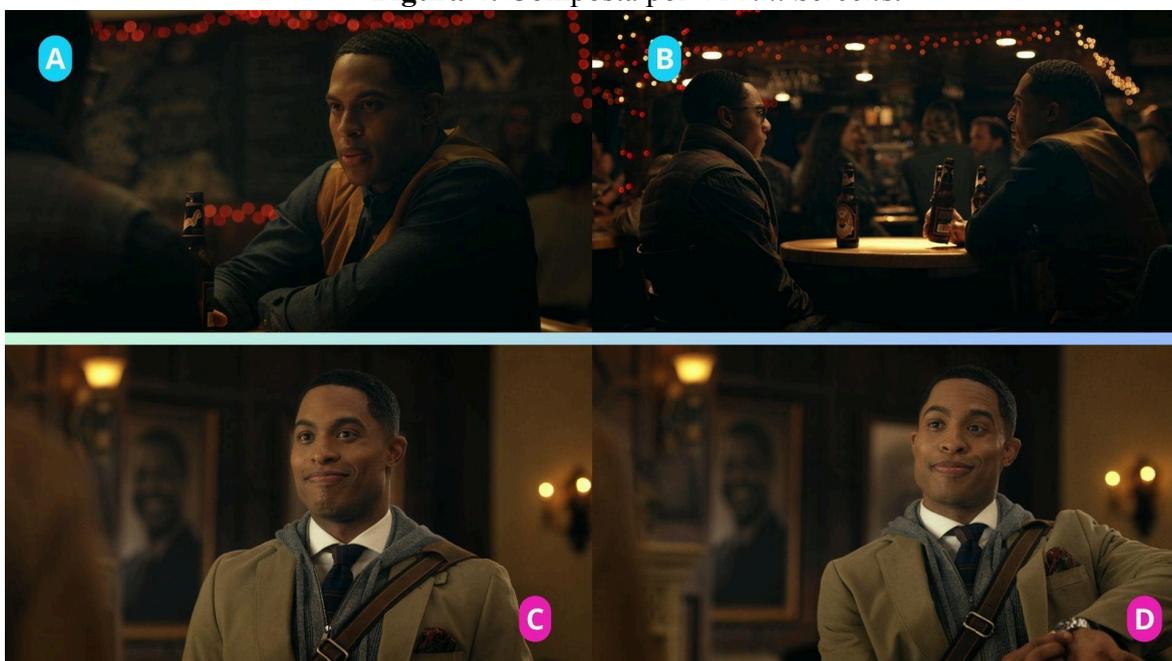
*[...] Entre eles, vida, liberdade e busca pela felicidade
A menos que seja negro e tenha uma opinião,
o que você ganha é uma bala [...]
(Poema recitado por Reggie Green - Cara gente branca, 2017)*

Por fim, o último personagem que complemento a análise, é Troy Fairbanks (Figura 4), basicamente em uma espécie de continuidade do que desenvolvo ao longo da dissertação, somada à própria narrativa da série, haja vista que entre os fragmentos que diálogo e problematizo sobre o personagem, um dos destaques é sua confissão de um sentimento de inutilidade que transforma-se em artigo escrito por seu amigo Lionel Higgins.

Contemplar Troy em suas fragilidades e potencialidades, é colher tal masculinidade de um posto ilusório de privilégio masculino que contemplaria aqueles que carregam junto ao marcador de gênero, a negritude. É também constatar não apenas as mazelas decorrentes da racialização de seu corpo, mas da masculinização a partir de parâmetros e padrões que o impedem de ser vulnerável e sensível. Se há possibilidade de pensar em Troy como padrão, e quase em um delírio, operante em uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995), gritando-lhe raça, este posto lhe é negado.

No 8º episódio da série, movido pelo ímpeto de expor como Troy também é mais uma das vítimas do racismo que operava na Universidade, tanto quanto Reggie que ficou sob a mira de uma arma, Lionel propõe-se a escrever um artigo sobre o colega de quarta. A reação já supracitada, é a visão simplista de Silvio, chefe de Lionel, que ao alocar Troy em um lugar de privilégio, haja os postos que este ocupa, não o decodifica sob uma lente racializada. Um corpo racializado que é interpelado pela cobrança em demasia, a necessidade/tentativa de perfeição e perda de subjetividade para viver enquanto apaziguador dos conflitos sociais e raciais a qual está inserido

Figura 4: Composta por 4 *Print Screens*.



Fonte: *PrintScreens* dos episódios 8º (A e B) e 9º (C e D) da série “Cara Gente Branca” (2017 – Primeira temporada), referente as minutagens aproximadas: A) 13’45”, B) 13’53”, C) 3’54” e D) 4’03” localizados na plataforma de *streaming Netflix*

Em culturas patriarcais, corpos masculinos são criados para acessar privilégios e alcançar o sucesso de ocupar um mundo pensado e planejado para tal categoria de gênero, como expressa Connell e Pearse (2015), Louro (2014), Bento (2012) e outras/os pesquisadoras supracitados. Todavia, é mister sempre enfatizar que nem todos os corpos masculinos alcançam e são beneficiados com as vantagens patriarcais, ainda mais quando estas se configuram a partir da supremacia branca, como ressalta hooks (2017, 2023). Observar a masculinidade de Troy é deparar-se com uma com a evidenciação de possibilidades de ajustamentos com a norma, quiçá pela heterossexualidade e pela aparente condição financeira. Ao mesmo passo, que é deparar-se com um corpo sobrecarregado e cansado das expectativas que carrega e dos constantes manejos sociais que faz, como ressalta o personagem “A perfeição é sufocante”.

O relato desabafado na mesa de um bar com seu amigo Lionel, abordado na figura 4, nos *printscreens* “A” e “B”, é transformado em um artigo para o jornal da universidade, que evoca o cansaço da performatividade da perfeição. “[...] Entre a cruz do mundo que

exige 110% das pessoas de cor, e a espada de um pai intransigente que quer salvar o filho da desigualdade exigindo que ele seja perfeito.”, expressa Lionel no artigo publicado e lido pela universidade. A estratégia do excelente desempenho é constantemente acessada por corpos racializados, como alternativa possível para ascensão e camuflagem, como ressalta Oliveira (2020). Também como supracitada, inúmeros são os repertórios audiovisuais, imagéticos e discursivos que nos interpelam e narram histórias de homens e mulheres sofredoras que sendo perfeitos/as alcançaram sucesso, tal como em “A procura da Felicidade”, filme que narro na introdução.

Lionel em seu artigo no jornal universitário ressalta que “Um sistema que exige perfeição em troca da igualdade é insustentável e injusto. Tão injusto.”, logo, desvencilhar-se da narrativa da perfeição, enquanto observamos Troy é pensar uma masculinidade que pede alívio, longe de cair nos estereótipos que projeta a negritude enquanto preguiçosa, como elaboram Moreira (2019) e Almeida (2019). É pensar uma masculinidade que em sua fragilidade, regozija acalantos e acolhimento familiar, tal como presente no contexto da figura 4, em “C” e “D” obtidos no 9º episódio, momento em que o “meio sorriso” de Troy é acompanhado da afirmação de que basicamente pela primeira vez na vida, pode subentender que seu pai o amava.

Acompanhar as representações masculinas de Lionel, Reggie e Troy, torna-se uma exercício de contemplar sim denúncias das mazelas que lhes atravessam em decorrência da ação de pessoas brancas e pelo racismo que circunda a instituição na qual estudam, com Lionel as denúncias na série ganham também contornos de anunciação da homofobia tanto entre os seus, quanto advindas de homens brancos. Entretanto, suas representações não se restringem a anunciação dos pesares, uma vez que a recorrência da narrativa sofrida é também pedagógica, haja vista que naturaliza o ilusório de que o caminho árduo é o único que espera a negritude e pessoas LGBTI, a recorrência nas mídias em uma mesma forma de narrar os corpos educa-nos para crer assim (Teruya, 2008).

Lionel, Reggie e Troy em uma diversidade de formas de ser masculino, em seus atravessamentos e vivências, oportunizam o vislumbre de narrativas que não são fixadas apenas na lástima, disputam suas significações e exercem um papel político e pedagógico (Kellner, 2021) de apresentar possibilidades de ser masculino experimentando da vida, em

momentos a narrativas ordinárias por vezes, tal como a branquitude. Se os estereótipos os empurrariam para a marginalidade, vê-se nos personagens humanização, doçura, fragilidades, o amadurecimento e o crescimento interpelado por narrativas simples, como o apaixonar-se e sofrer por amor.

Intitulo esta última seção a partir de mais uma das falas da série, narrada pela personagem Coco Connors, que em uma reunião após a violência sofrida por Reggie, aos prantos explica que perante o que vivem, é preciso criar e aguçar o senso de sobrevivência, uma vez que “Se aumentarmos nossa negritude, eles vão aumentar as mentiras deles”, diz ela sobre a atuação policial. Complemento o título com “Escolhendo por qual lente olhar”, refletindo que embora a afirmação de Coco, apresente uma proporcionalidade analisável e palpável no social, haja vista o massacre constante da população negra não apenas no Brasil, escolher por qual lente olhar, pode proporcionar o rompimento de estereótipos e violências, bem como aflorar de uma negritude sem a contemplação de risco.

“[...] eles vão aumentar as mentiras deles.”, soa-me mais como uma consequência de resistência do que mera competição de narrativa. A massa branca supremacista há décadas tem controlado as mídias e as narrativas, como ressalta hooks (2023), Hall (2023), Ngozi Adichie (2019) e tantas/os outras/os, mentindo, criando e projetando suas mazelas e estereótipos sobre a negritude. “Se aumentarmos nossa negritude”, talvez iremos contemplar que ela não é limitada a narrativas inferiorizantes e estereotipadas como aqueles/as que mentem nos fizeram acreditar. Trágico e desesperador é pensar que quanto mais construímos e amamos nossa negritude (Hooks, 2017), maiores alvos para as violências nos tornamos (Akotirene, 2019), todavia, como expressa Lorde (2020, p. 52), “Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você.”.

Assim, aumentar nossa negritude em disputa de narrativas e significações, é estratégia não apenas de apresentação de outros postos para homens e mulheres que hão de se reconhecer e vislumbrar possibilidades outras para suas masculinidades e feminilidades, é forma de romper com mentiras brancas, educar e ensinar a branquitude da potencialidade que há na negritude.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação problematizei e dialoguei sobre a potencialidade pedagógica e política das imagens e visualidades na elaboração de identidades sociais, lidei especificamente com recortes de gênero e racialidade, discutindo como as representações de masculinidades negras, bem como as vivências reais do social desses indivíduos que assim são identificados, são interpeladas por significações múltiplas que atuam em uma constante produção de narrativas, ora estereotipadas, ora contra-hegemônicas.

Considerando as pedagogias culturais que atuam para além dos muros das instituições de ensino (escola, universidades e similares), observei a atuação das imagens enquanto pedagogia capaz de ensinar a ver, pensar, agir e se colocar no mundo e nas relações sociais e de poder cotidianas. Assim, contemplar as produções audiovisuais como possíveis materiais pedagógicos, não se configura em transformar tudo em material pedagógico institucionalizado para o ensino/sala de aula, mas sim a compreensão de que para além do “cercado de saber” das instituições, há ensinamentos operantes.

O processo analítico e investigativo aqui, perpassado pelos Estudos Culturais e Estudos da Cultura Visual, embasaram e consolidaram a compreensão da força de ensino que os discursos (orais e visuais) comportam, bem como a abrangência de campos investigativos que podemos adentrar, nesta pesquisa, caminhando entre estudos de raça e gênero para um diálogo sobre masculinidades negras e suas representações dispersas pelas mídias e decodificadas pelos múltiplos receptores/as.

Com a intencionalidade de analisar entre a pluralidade de personagens negros masculinos da série “Cara gente branca” (2017 - primeira temporada), uma possível recorrência ou não de narrativas limitantes sobre homens negros, foi possível constatar que a série e as formas representacionais articuladas para os personagens Lionel Higgins, Reggie Green e Troy Fairbanks não se fixam em estereótipos racistas ou LGBTIfóbicos, muito menos os limita uma constante apresentação de sofrimento, ainda que seus corpos denunciem as mazelas que lhes atravessam decorrentes das opressões supremacista branca que circundam as sociedades ocidentais.

As ideias de uma suposta obrigatoriedade de perfeição e “não fracasso” como estratégia de sobrevivência ao racismo e demais opressões, ao longo da série, são trabalhadas entre os personagens, de forma a apresentá-las enquanto noções nocivas e violentas. Assim, suas representações de masculinidades negras, parecem-me, estar mais atentas a humanização de seus corpos negros masculinos e demais pessoas negras, do que em estagnar-se em demandas racistas, ainda que as denunciem constantemente.

Suas representações de masculinidades negras em pluralidade suscitam positividade e possibilidade de ser homem negro em aspectos diversos, seja na apresentação de personalidade, ou demais marcadores sociais que os compõem, suas imagens ensinam e oportunizam identificações saudáveis e desencaixotadas. Sendo assim, vislumbro possibilidades na operação das mídias enquanto pedagogia cultural capaz de apresentar e ensinar formas outras de masculinidades negras para além dos estereótipos recorrentes, em representações positivadas.

Ainda que seja possível analisar os três personagens em paralelo a categorização das políticas da masculinidade, seus corpos e suas representações transbordam, e até nisto, há certa conformidade com a teoria, haja vista que as categorias de masculinidades não são fixas, e para os personagens selecionados, não são suficientes, as masculinidades negras representadas transpõem e instigam contemplações e não categorias.

“Cara Gente Branca” e as representações imagéticas e discursivas de masculinidades apresentadas, chama a todas/os as reflexões sobre uma educação que acontece por intermédio das mídias e nos abraça em onipresença, nos convida aos estudos culturais, ao campo de disputa das significações e as disputas por narrativas, e nos apresenta masculinidades negras que educam nossos olhares e formas de pensar e ver o outro para além dos estereótipos internalizados. O convite às reflexões permanecem e se estendem, uma vez que esgotar as discussões quanto a educação, os estudos culturais e as masculinidades negras nas representações midiáticas é tarefa improvável, há sempre novos caminhos para problematizações e contemplações. Todavia, aqui demarco a comprovação de minha hipótese, de que a produção midiática, embora apresente momentos de pesares e denúncias de vivências negras em pluralidade, pode operar como pedagogia cultural ensinando e apresentando outras possibilidades de ser masculino negro, em pluralidade de

características, para além dos estereótipos recorrentes que tocam raça, gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Fernanda Amorim; TAKARA, Samilo; BALISCEI, João Paulo, Pedagogias Culturais: peixe vivo, água fria e a sua companhia. In.: ACCORSI, Fernanda Amorim; TAKARA, Samilo; BALISCEI, João Paulo (Orgs.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina/PR: Syntagma Editores, 2021.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRADE, Giane Rodrigues de Souza. O corpo gordo na novela Carrossel e a Pedagogia Cultural. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; TAKARA, Samilo; BALISCEI, João Paulo (orgs.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina/PR: Syntagma Editores, 2021. 261- 275.

BALISCEI, João Paulo. **PROVOQUE: Cultura Visual, Masculinidades e ensino de Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BALISCEI, João Paulo. **Não se nasce azul ou rosa, torna-se: cultura visual, gênero e infâncias**. Salvador, BA: Devires, 2021.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio a agosto de 2011.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BIBANO, Mathues. (2021). Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina // Black masculinities in dispute: Racial authenticity and respectability policy in the representation of black male. **Revista Periódicus**, 1(13), 98–114. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i13.35671>. Acesso 7 de Out. de 2022

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Tradução de Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade/ 24 ed.** Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. – 24 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021> Acesso em 12 abr. 2023.

Brasil. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021> Acesso em 12 abr. 2023.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em 15 dez. 2019.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CORREA, Marcos Aurélio da Conceição.; SOTERO, Eliane. Sonhos de prosperidade e esperança: vidas em Sintonia nos universos das culturas periféricas de São Paulo. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 13, p. 427, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/6054> Acesso 7 de Out. de 2022

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa V. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, **Estudos feministas**, p.171-189, 2002.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura Visual e Infância. In: **Anais da 31ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED**. Caxambu. Rio de Janeiro: Anped, 2008, p. 102-132. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/gein/wp-content/uploads/2016/10/Cultura-visual-e-infancia.pdf>> .Acesso em: 1 abr. 2020

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água/** Conceição Evaristo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 133-166.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANÇA, Vera. SIMÕES, Paula. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. E-book, p. 110-125.)

GADEA, Carlos A. e ACOSTA, Suélen Pinheiro Freire. A luta pela identidade: uma análise de “Cara Gente Branca” por meio da noção de interseccionalidade de Patrícia Hill Collins. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 9, n. 2, maio - agosto. 2019, pp. 545-562. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/608>. Acesso em: 7 Out. 2022.

GALEANO, Eduardo A caminho de uma sociedade da incomunicação? In: MORAES, Denis (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.149-154.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na Sala de Aula** - Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p, 129 - 154. 7ª reimpressão, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos** / organização Flávia Rios, Márcia Lima. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra/ Nilma Lino Gomes. – 3. ed. rev. amp.; reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Coleção Cultural Negra e Identidades)**

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, p. 31-50.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward**. 15. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, Bell. **Cinema vivo**: raça, classe e sexo nas telas. Tradução de Natalia Engler. São Paulo: Elefante, 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru: SP: EDUSC, 2001.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura- Um conceito antropológico**. 14.ed. — Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

LISBOA- FILHO, Flavi Ferreira; MACHADO, Alisson. Comunicação e Cultura: reflexões sobre a análise cultural como método de pesquisa. In.: **Anais** do XVI Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Joinville – SC. 2015.

LOPES DA SILVA, J. Em meio a cílios, maquiagens, perucas e livros: diferentes formas de (re)produção das masculinidades. **Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 14, n. 22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22629>. Acesso em: 7 Out. 2022.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. 1. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafio Culturais da Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, [181 : 5 1 a 6 1, maio, lago. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920> Acesso em 11 de Set. de 2022.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I (org.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: UFSM, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOTTA, Lucas. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas – Artigos. Disponível em <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em: 10/09/2022.

NASCIMENTO, Abadias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo marcado** / Abadias Nascimento. – 3.ed. – São Paulo: Perspectivas, 2016.

NELSON, Cary; Treichler, Paula A. GRASSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

NUNES, Luciana Borres. **As imagens que invadem as salas: reflexões sobre cultura visual**. Aparecida: SP: Ideias Et Letras, 2010.

OLIVEIRA, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Salvador, BA: Devires, 2020

ORWELL, George, 1984. Traduzido por Karla Lima. Jandira, SP: Principis, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. 4ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 15, n. 2, jul./dez., 1990. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em 20 jun 2023

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA DA CRUZ, Andrey Gabriel., BALISCEI, João Paulo. Enegrecendo - a potencialidade de imagens negras positivadas na série Sex Education (2019). **Diversidade**

E Educação, 9(2), 402–420. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v9i2.13555>. Acesso em: 7 Out. 2022.

SOUZA DA CRUZ, Andrey Gabriel., BALISCEI, João Paulo. “Não é uma fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019). **Revista Crítica Histórica**, 11(22), 100–130. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rchv11n22.2020.0006>. Acesso em: 7 Out. 2022.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko. Cultura da mídia e do consumismo na educação infantil. **Anais do 3º SBECE** – Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação. Canoas/RS: PPGEDU/ULBRA, 2008. ISBN 978-85-7528-216-8

TERUYA, Teresa Kazuko. Prefácio. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; TAKARA, Samilo; BALISCEI, João Paulo (orgs.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina/PR: Syntagma Editores, 2021.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, p.51-68.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de Todos** (Culture is Ordinary). 1958. Trad. Maria Elisa Cevasco. Departamento de Letras. USP. Disponível em: https://theav.weebly.com/uploads/8/4/7/3/8473020/1958_aculturaedetodos_raymondwilliams.pdf Acesso em: 07 out 2022

ZAMBONI, Marcio. **Marcadores sociais da diferença**. Sociologia: Grandes Temas do Conhecimento, [S. l.], v. 1, p. 14–18, 2014.